

SOMNIUM

Revista do Clube de Leitores de Ficção Científica Set/Out 91 nº 53



Osame Kinouchi Filho
2007

Somnium®

Nº 53 — Set/Out 91 — Ano 6

Editor — Carlos André Mores

Tiragem — 200

Índice

Editorial	1
Cartas	2
Noticiário	
Nacional	4
Internacional	7
Artigos	
Coda	10
Um Livro Necessário	13
Resenhador Senior	
Colin Wilson e a Faculdade Humana	18
Outras Resenhas	
De Como W. Gibson Reinventou a FC	20
Ponto de Vista	23
Ficção Científica x Realidade Científica	
Máquinas, Campos e Outras Estórias	25
Robozé	31
Onde Nenhum Homem Jamais Esteve	32
FCuriosidades	33
Rocket & Roll	35
Contos	
Aquiles e a Tartaruga	36
Gênese, Natureza Viva e Cosmogonia I	38
Balada Para Um Katástrofoeta	46
Tocar os Anjos	54
Se Esta Carne Tão Sólida...	68
Crônicas do André	
Feminismo?	71
Depoimento:	
Espiritismo e Ficção Científica	3ª Capa

Ilustrações:

Capa: R. S. Causo (baseado no seu conto
Tocar os Anjos)
Pags. 22 e 53: KIL
Pags. 24, 30 e 45: Steven Fox
Pags. 39, 40, 70 e 72: Roberto Schima
Páginas centrais: S. Fox, R. Schima e José
Carlos Neves.

Somnium® é o fanzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica — C.L.F.C.. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem juz a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo aos 14 de Dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua diretoria para o biênio 92/93 está composta pelos sócios Luiz Marcos da Fonseca [Presidente], Roberto Cesar do Nascimento [Secretário Executivo] e Humberto Fimiani [Tesoureiro].

Toda correspondência relativa à editoria deve ser remetida para Luiz Marcos da Fonseca, Av. Professor Jorge Correia, 1259 - Araraquara - SP - CEP 14800.

Pedidos de assinatura do Somnium, inscrições de novos sócios devem ser remetidos para Rua Ipacará, 106 - São Paulo - SP - CEP 05011

Alterações de endereços e outras comunicações devem seguir para a Secretaria Executiva, CP 2209 - São Paulo - SP - CEP 01051

Colaboraram neste número:

Carlos Izé, Lúcio Manfredi e Luis Marcos da Fonseca, em digitação, revisão e montagem.

No número anterior inauguramos o que poderíamos chamar de “espaço da legião estrangeira”, uma idéia do colega Roberto Nascimento, com o conto *Bibliofilia*, do nosso amigo e responsável pela coluna de FC na prestigiosa revista *Omnia* de Portugal, José Manuel Morais. Esse espaço permanecerá aberto e será destinado a contos/artigos dos nossos correspondentes internacionais ligados ao fandom da FC. Neste número apresentamos um belo conto de João M. Barreiros, professor de filosofia e um dos grandes incentivadores da FC portuguesa, tendo sido responsável pelo lançamento da coleção *Gradiva* e atualmente dirigindo a fantástica coleção *Limites* da Clássica Editora. De quebra, um artigo do iniciante e ainda pouco conhecido escritor de FC norte americano Ray Bradbury...

No mais, uma palavra final sobre este número de despedida. Deixo a editoria do Somnium com a certeza de que seu projeto gráfico, embora não do inteiro agrado de todos, repousa numa base sólida.

Foram dois anos de trabalho, quinze números editados, muitos deles felizes, outros ainda mais! Contabilizo algumas brigas compradas, muitas acirradas discussões (faria tudo de novo se preciso fosse), mas um final feliz em todos os casos. Estes dois anos ainda deram-me o prazer de fazer novas amizades e sobretudo a oportunidade de estreitar outras.

Para o editor que entra: se precisar comprar novas brigas, compre-as. Se precisar discutir, discuta, pois a discussão racional enriquece e engrandece. Aos que não estiverem contentes com sua atuação, convide-os a (tentar) fazer melhor na próxima oportunidade. Aos sócios que continuam, mesmo à distância, apóiem-no. Isso pode ser crucial para a continuidade do Somnium tal como ele é.

O Editor



C.L.F.C.

SFWA

Osame Kinouchi Filho

2007

Cartas

Gerson Lodi

Gostaria de tecer alguns comentários a respeito da polêmica iniciada com a carta de Sérgio Fiuza no *Somnium* 49 sobre meu artigo *Universos Paralelos e Alternativos: Existe Diferença?*

Ao Fábio: caro amigo, obrigado por ter tomado minha defesa, mas tal não se fazia em absoluto necessário. Um antigo professor uma vez me disse que apenas críticas/dúvidas pertinentes exigem respostas/esclarecimentos. Concordo consigo quanto à falta de clareza daquela crítica bisonha e engraçada e também quanto às falhas inerentes a uma abordagem excessivamente informal. Acredito ter conseguido corrigir esse problema no artigo sobre o mesmo tema, Agora a História é Diferente!, já adquirido pela IAM. Quando for publicado, vocês julgarão se estou certo nessa crença.

Discordo apenas quanto à minha pretensa infelicidade. Quando disse que nem todos nasceram para Brin, Forward ou Sagan, referia-me à velha máxima que vivemos repetindo: "Escreva sobre o que você sabe!". Tratava-se da capacidade dos três indivíduos citados, antes como homens de ciência do que como ficcionistas. Sinto muito que isso não tenha ficado bem claro. No futuro, não subestimarei mais a capacidade de alguns leitores do nosso fanzine de compreender mal coisas em si tão simples.

Ao Editor: (conclamação de um ex-polemista inveterado): vamos deixar toda essa fofocalhada de lavadeiras em beira de rio p'rá lá! Com o advento da IAM, descobrimos que o universo potencial de amantes da FC&F monta em pelo menos 20.000 pessoas. Entretanto, no fandom mesmo, na batalha do dia-a-dia em prol da FC&F brasileira, não somos nem uns 100 gatos pingados. Sim, eu sei que temos quase (ou mais?) 300 sócios, só no CLFC. Mas, quantos realmente participam? Pois é, somos tão poucos que nos conhecemos

todos uns aos outros, mesmo que, em alguns casos, apenas de nome. Se ao invés de produzirmos algo de bom e útil (entenda-se, algo de qualidade) para a causa, ficarmos tecendo elogios à qualidade de nossos próprios umbigos literários e críticas ácidas e mal fundamentadas aos umbigos alheios, corremos o risco de nos tornar outra geração perdida da FC&F nacional.

Aos navegantes em geral: lembro o velho provérbio árabe, desgastado pelo excesso de mau emprego pelos Ibrahim Suedes da vida, mas válido ainda: "Enquanto os cães ladram, a caravana passa". Para quem não entende árabe, vai em português mesmo: "Antes de pensar em criticar, faça melhor".

Gerson:

Lamento, mas tem algo errado no seu discurso. Você declara ter corrigido uma eventual falta de clareza no seu artigo, que aliás foi vendido (parabéns) para a IAM. Então a crítica serviu para algo. Acho que todos nós precisamos, além de aprender a escrever, aprender a criticar, e isto serve para você, para o Sérgio e para todos os demais colegas colaboradores.

Marcus do Rio Teixeira

Estou com o nº 52 do *Somnium* e tive a agradável surpresa de ver meu texto sobre *A Máquina do Tempo* publicada. A revisão saiu muito boa, como na anterior, fora uma ou outra escorregadela, como *cosmonauta* em lugar de *crononauta*. Pena que não saíram as notas de rodapé que eu preparei para essa reedição e que mandei por carta para o Roberto Nascimento. A primeira seria onde diz: "Não conseguimos encontrar... se existirem devem ser muito poucas". A segunda seria após a última frase do texto, conforme abaixo:

"Na 1ª edição, por uma falha, deixamos de mencionar uma exceção ilustre que confirma a regra: o clássico de H. G. Wells que se chama justamente *A Máquina do Tempo*. Optei por publicar este texto sem revisá-lo, caso contrário teria

que reescrevê-lo inteiramente; mas não posso deixar de observar que um estudo sobre o tema da máquina do tempo deveria abordar necessariamente a sua relação com o Édipo. A esse respeito é muito interessante a objeção levantada por um físico brasileiro à teoria de Stephen Hawking, segundo o qual os buracos minhocas poderiam tornar possível viajar no tempo: *Você poderia matar seu pai voltando no tempo. É inconcebível.*"

Será que dá para publicá-las no próximo número ou é abusar?

Outra coisa é que apreciei bastante a seção de contos, o que não acontece sempre, confesso. Me refiro em particular ao conto de José Manuel Morais, intitulado *Bibliofilia*. Trata-se de uma homenagem à Lovecraft que não fica nada a dever às obras de Robert Block, Frank Belknap Long, August Derleth e outros dos seus seguidores. O estilo coloquial pode parecer forçado para quem está habituado ao gênero, mas tem tudo a ver com o estilo do mestre. Um biscoito fino para os admiradores de Lovecraft.

Caro Marcus:

Ok, tá o recado. Só lamento informar que não toleramos abusos no boletim... ah, os erros, os erros... sempre tem alguém que comenta sobre eles... e eu não canso de repetir: de vez em quando a gente até acerta...

Maria Helena C. S. Bandeira

Queridos amigos do Somnium:

Quero começar agradecendo pela publicação do meu conto *O Sorriso Entre as Árvores de Ontem*, no número 51. O convite, tão simpático, permitiu-me entrar para o CLFC e conhecer o seu fanzine.

Para quem se julgava uma navegadora solitária, foi um impacto fulminante. Sou artista plástica e só há um ano comecei a escrever contos e novelas sobre o Fantástico e a Ficção Científica, considerando-me uma ET entre os meus contemporâneos próximos. E então descubro que existem um monte de fanzines em todo o mundo (e no Brasil!), zilhões de escritores de FC e até gente que se interessa pelo meu assunto preferido: a oposição mente/realidade objetiva (um beijo especial para

o Antonio Cesar de Oliveira e o Carlos André Mores pelo artigo *Realidade Objetiva* do Somnium 48, que poderia ter sido assinado por mim; quando escrevi o conto publicado no S-51 não sabia da existência do Somnium nem do artigo. Não é impressionante? Tudo a ver...); até o livro *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen* como referência... é demais!... existe gente parecida comigo... não é Ficção Científica? Vocês não são a criação pérfida de algum editor maquiavélico para seduzir as pobres fãs desamparadas? Aguardo resposta, urgente. No mais, adorei tudo, contos, poemas, artigos, dicas, até as fofocas da seção de cartas e as críticas do Ponto de Vista (um beijo também para o Zé Fernandes), que tenho "alugado" por telefone algumas vezes, como representante do CLFC aqui no Rio e tem sido super-simpático).

Estou divulgando o Somnium entre os conhecidos (embora não haja nenhum aficionado de FC entre eles, muitos tem potencial... gostam do assunto, etc). Tornar-me-ei uma eficiente máquina de Von Neumann com o material disponível? É difícil dizer. Vou tentar...

Beijos que sobram, eqüitativamente distribuídos para todos.

Obrigado pela força. O pessoal da "redação" ficou meio vermelhinho com seus beijos (eles são tímidos...)

Você gosta de realidade objetiva, é? Então tome mais esta: Diálogos com Cientistas e Sábios (Dialogues With Scientists and Sages, 1986), de Renée Weber, saiu pela Editora Cultrix e pelo Círculo do Livro. No mais, fica um tímido beijo da "redação" pra você...

Norton Coll

O Somnium está atingindo um nível de qualidade invejável, o que é um patamar de qualidade que nós (a Diretoria, os leitores e colaboradores) deveremos pelo menos manter daqui pra frente.

Verdade, Norton. Nem que para isso o próximo editor tenha que recusar contos aos montes e comprar as brigas que ele achar necessárias para manter a qualidade do zine.

O Editor

N
A
C
I
O
N
A
L

O que vai por aí

• Peter-Michael Faustle, proprietário da Book Centre, está partindo para dois projetos paralelos, instalados em duas lojas do Shopping Pompéia Norte (Rua Clélia 33, São Paulo SP, 05042).

A primeira livraria, chamada Light & Magic (loja 35), será inteiramente dedicada a cinema, teatro e artes em geral; a segunda, intitulada Forbidden Planet (loja 26), estará completamente voltada a FC&F e outros gêneros como horror, mistério e suspense. A idéia é juntar, numa mesma loja, livros, jogos, posters e tudo mais que possa interessar a fãs e colecionadores.

A Forbidden Planet terá não apenas livros importados (americanos, ingleses e portugueses), mas ainda as edições brasileiras do gênero. O telefone, cujo número lamentavelmente saiu errado no Informativo Mensal de agosto, é (011) 62-0468.

• A visita do escritor norteamericano Thomas Disch a São Paulo teve a seguinte programação: (1) recepção na UCBEU, quando se teve oportunidade de um contato descontraído com o convidado; (2) almoço íntimo para o qual foram convidados representantes dos diversos segmen-

tos ligados ao gênero (editores, escritores, acadêmicos, jornalistas, etc), e (3) palestra proferida na UCBEU, com tradução simultânea, seguida por uma seção de perguntas e respostas.

Seria interessante que alguns dos sócios presentes a uma ou mais destas atividades escrevessem suas impressões para publicação neste boletim. A lamentar, a já tradicional apatia dos sócios de São Paulo que, uma vez mais, deixaram de comparecer e prestigiar o evento. A destacar, a elegância de Ivo Luiz Heinz, cuja gravata italiana de seda pura manteve presos os olhares do ilustre visitante...

Enquanto isso...

• O CLFC-Rio marcou um grande tento ao conseguir um stand na 5ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, cedido graciosamente pelos organizadores do evento. A montagem do espaço ficou inteiramente por conta deles, que conseguiram um efeito extraordinário a um custo relativamente baixo. Outra conquista foi obterem material em consignação, o que lhes permitiu amortizar os custos de montagem e fazer algum caixa extra. Um exemplo de garra e, principalmente, de participação, que deve ser seguido.

A mesa redonda sobre FC, que teve lugar no domingo, 01/09, contou com a participação de Gumercindo Rocha Dórea, Fábio Fernandes, Ivanir Alves Callado, Adélia Marques Ribeiro, Bráulio Tavares e eu mesmo.

O pequeno auditório estava lotado, e a platéia teve uma boa participação. O evento foi antecedido pela entrega do troféu *Precursor da FC no Brasil* ao GRD, que foi saudado por José dos Santos Fernandes, por seu trabalho de divulgação da FC no Brasil e apoio ao autor nacional do gênero.

● O projeto experimental de relações públicas que o pessoal da *Perfil* desenvolveu para o CLFC foi não apenas o melhor trabalho acadêmico de formatura do ano passado em sua faculdade, mas também o vencedor do concurso anual de projetos experimentais promovido pela Associação Brasileira de Relações Públicas, e ao qual concorrem trabalhos de faculdades de RP de todo o país, na categoria "Comunitária". Parabéns aos membros da *Perfil* pela dupla conquista.

● As eleições para o biênio 92/93 transcorreram sem maiores problemas; lamenta-se que a cédula tenha sido enviada como "impresso", sem portanto qualquer prioridade pelos Correios, o que fez com que a grande maioria dos sócios a recebesse tardiamente. De qualquer forma, temos uma nova Diretoria à frente dos destinos do nosso clube, à qual caberão projetos de importância que serão oportunamente detalhados.

Fãs & Zines

● **Ivo Luiz Heinz** concluiu seu curso de engenharia elétrica, e já está trabalhando numa empresa de consultoria técnica, uma das muitas propostas que recebeu. Nossos votos de muito sucesso.

● **Roberto Causo** anuncia a realização da *InteriorCon II*, que terá lugar de 15 a 17 de novembro pf. O Convidado de Honra será o escritor

Rubens Teixeira Scavone, e a entrega do Prêmio Nova será um dos destaques do evento (as cédulas para votação já foram distribuídas). Local: Pça. da República 330, Sumaré SP; informações pelo telefone (0192) 73-2534. Este ano será cobrada uma taxa dos participantes, para cobrir algumas das despesas: Cr\$ 1000 por um dia, Cr\$ 2000 por dois ou três dias; é justo.

● **Sylvio Gonçalves**, responsável pela linha de literatura fantástica da Francisco Alves, é também o redator do *Jornal do Fã*, publicação bimestral dedicado aos leitores com interesse em FC, fantasia, horror, esoterismo, ciência e cinema. O nº 1, lançado na Bienal, já está circulando com 16 páginas, noticiário, lançamentos, promoções e a entrevista de Stephen King à Fangoria; cartas para Rua Sete de Setembro 177, Rio de Janeiro RJ, 20050.

● **Miguel Carqueija** lançou o livro de poemas *Rocio*, e o está oferecendo aos interessados pelo preço de 3 (três) *Pato Donald*. Pedidos diretamente ao autor. Carqueija está trabalhando num romance intitulado *Neblina e a Ninja*, história policial ambientada num futuro mundo subterrâneo.

● **Anna Creuza Zorzella Zacharias** escreveu um conto intitulado *A Abadia*, logo após o filme *The Search for Spock*; reescrito em 1989, transformou-se em 1990 numa novela de mesmo título que agora está sendo publicada. O enredo é baseado em Star Trek, assim como as personagens principais. Vale a pena conhecer o trabalho.

● O **Isaac Asimov Magazine** em português selecionou alguns trabalhos de sócios do CLFC para publicação nos próximos números: Gerson

Lodi-Ribeiro (*Alienígenas Mitológicos e A Ética da Traição*); Ivanir Alves Callado (*Paradoxo de Narciso*); Antonio Cesar de Oliveira e Carlos André Morés (*A Melhor Arma de Doenitz*); Roberto Causo (*Lágrimas de Mercúrio*), e Maria Helena Cordeiro de Souza Bandeira (*Eu Mesmo*). Parabéns a todos, e que sejam os primeiros de muitas outras publicações.

● *Repórter HQ* nº 40, ago-set-91, formatinho, 24 páginas, xérox. Boletim oficial do agora CPHQ - Centro de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos, nascido da antiga BNHQ que, evoluindo, parte para incorporar novos projetos; como sempre, um bom veículo para os interessados em quadrinhos. Rua Selênio 264 Sala 201, Belo Horizonte MG, 30480.

● *Recado* nºs 129 a 132, formatinho, quatro páginas, ofsete. Informativo semanal da Devir, como sempre preocupada em manter os fãs de HQs informados das mais recentes novidades. O nº 129 traz o resultado dos 1991 Fan Awards do Comics Buyers Guide, e o nº 133 traz um artigo muito interessante sobre Gurps (*Generic Universal Role Playing System*). Solicite sua inscrição na mala direta pelo telefone (011) 278-0384.

● ... *E No Próximo Episódio* nº 4, formatinho, 24 páginas, capa cartonada, grampo na lombada, ofsete. Além de uma variada gama de informações sobre séries de tv, este número está dedicado ao seriado *Moonlighting (A Gata e o Rato)*. Um zine que vem melhorando a cada número; vale a pena conhecer. Caixa Postal 15608, São Paulo SP, 03398.

● *Asvérus & Xinxila* nº 1, ofício II, 42 páginas, xérox, é um álbum de quadrinhos com roteiro, desenho e produção de Renato J.I.M., que está

sendo distribuído pela BNHQ (Cr\$ 800). A história se passa no ano 3000, quando o homem já não mais habita a Terra sob a forma humana. Vale a pena conhecer os personagens e o traço deste professor de quadrinhos e desenho animado da EBA/UFRJ. Rua Selênio 264 Conj. 201, Belo Horizonte MG, 30480.

Nas prateleiras

● A Record colocou à venda o terceiro volume da decalogia *Missão Terra*, de L. Ron Hubbard, intitulado *O Inimigo Está Entre Nós (The Enemy Within)*, 412 pag, tradução de Ruy Jungmann).

● A Francisco Alves escolheu *Friday, A Mulher do Futuro (Friday)*, Robert A. Heinlein, 388 pag, 1991) para iniciar sua coleção *Novos Mundos da Ficção Científica*. A coleção será dedicada a FC e fantasia.

● A Abril Jovem lançou o primeiro dos cinco volumes da mini-série *Proteus - A Aventura da Ciência em Quadrinhos*. Em edições quinzenais, o projeto une ficção e divulgação científica; ao ler cada aventura, o leitor encontra balões amarelos numerados que o remetem para as perguntas e respostas do encarte que acompanha cada um dos episódios.

Os encartes serão colecionados numa capa especial que vem com o primeiro episódio, aos quais se juntará um índice remissivo com 600 palavras-chave para facilitar o acesso ao volume, intitulado *O Universo em Perguntas e Respostas*.

Os temas abordados na mini-série serão "Astronáutica e Conquista do Espaço" (primeiros passos, foguetes e propulsão, conquista do espaço, navegação espacial, futuro da astronáutica) e "Astronomia e Cos-

mologia" (coordenadas do céu, observação do céu, estrutura do universo, sol e sistema solar, estrelas, fenômenos celestes, grandes nomes da astronomia). Tradução de *Protéo* *L'Encyclopédie en Bandes Dessignées*, Éditions Philippe Auzou, Paris, 1991.

● A Edições 70 lançou o nº 4 da sua coleção Orion; trata-se de *Universos Paralelos* (*Eye in the Sky*, Philip K. Dick, 244 pag, 1991). O autor certamente merece uma abordagem mais ampla sobre sua obra do que a que foi publicada.

● A Aleph finalmente colocou à venda o primeiro volume de sua esperada série dedicada a Star Trek. O nº 1 é intitulado *O Portal do Tempo* (*Yesterday's Son*, A. C. Crispin, 177 pag, 1991) e é voltado à série clássica. Com formato idêntico à sua coleção Zenith (14 X 21), este primeiro volume traz, além do texto de Crispin, uma apresentação dos principais caracteres da série, com ilustrações de Leonardo Bussadori, um glossário de ST, organizado por Silvio Alexandre e Sérgio Figueiredo, e um glossário cultural com verbetes sobre diversos assuntos, sem assinatura.

Dão assessoria à nova coleção Sérgio Figueiredo, Luiz A. Navarro, Cristina Nastasi e Ivo Luiz Heinz; consultoria da Frota Estelar Brasileira.

Foi difícil encontrar um volume cuja plastificação de capa não estivesse se soltando; é preciso apertar a turma da produção em busca de qualidade. A propaganda interna dos outros títulos da Aleph está um pouco pesada; seria mais interessante ser concentrada nas últimas páginas.

Vamos torcer para que a série tenha sucesso e, assim, continuidade. É uma oportunidade única de conquistar os fãs de ST em particular,

especialmente agora com ambas séries na televisão, e os de FC em geral.

● Da Livros do Brasil, coleção Argonauta, chegaram 406 *Necromante* (*Necromancer*, Gordon R. Dickson, 177 pag, 1991), primeiro título na cronologia interna de *Childe Cycle*, a saga dos Dorsai; e 407 *Missão de Vingança* (*The Road to the Rim*, A. Bertram Chandler, 171 pag, 1991), primeiro título da série John Grimes, *Federation Survey Service*. O quinto título da série, *False Fatherland*, foi publicado em português como *O Planeta Esparta*, pela editora Nosso Tempo.

● Da Europa-América apareceram na coleção FC-Bolso 179 *Perelandra*, *Viagem a Vênus* (*Perelandra*, C. S. Lewis, 194 pag, 1991), segundo volume da trilogia *Perelandra*; o primeiro volume, *Out of the Silent Planet*, foi publicado nesta mesma coleção sob nº 80, com o título de *Para Além do Planeta Silencioso*. Na seqüência, 180 *Regresso à Casa* (*Homegoing*, Frederik Pohl, 152 pag, 1991, vol. 1). Não vieram os números 177 e 178.

Na coleção Nébulas, 38 *A Saga de Kinsman* (*The Kinsman Saga*, Ben Bova, 277 pag, 1991, vol. 2).

O que vai por lá

● James Irwin, integrante da missão Apollo 15 (1971) e primeiro astronauta norte-americano a dirigir o *Lunar Rover* (jipe lunar), faleceu dia 09/08 aos 61

anos. Após abandonar o programa espacial, dedicou-se à pregação religiosa como pastor protestante e empreendeu diversas viagens ao Monte Ararat, na Turquia, em expedições de busca da Arca de Noé.

- **Mark Manning**, editor do *Tand*, a respeito do nosso clubzine: "The cover of #51 is excellent! Schima is indeed very versatile! I enjoyed the contos, resenhas, and the article on "Redes Neurais", but even better that any of them was the poem by Jane T.M. Souza. I also think that *Nossas Protagonistas* is a wonderful idea. A good fanzine always treats its contributors well".

- Os grandes vencedores do **L. Ron Hubbard Gold Award** deste ano foram, respectivamente, o norte-americano James C. Glass na categoria de literatura, e o soviético Sergey V. Poyarkov na categoria de ilustração. Cada um recebeu US\$ 4 mil.

Na fase quadrimestral do concurso para 1992, saíram-se vencedores na categoria de literatura: Brian Burt (US\$ 1000), Astrid Julian (US\$ 750) e James S. Dorr (US\$ 500); na categoria de ilustração, com um prêmio de US\$ 500 para cada um, Evan T. Thomas, Allen Koszowski e Jane Walker.

- **A Columbia Pictures Entertainment**, uma das maiores empresas da indústria cinematográfica norte-americana, comprada há dois anos pelo grupo japonês Sony – US\$ 5 bi-

lhões – teve seu nome alterado para Sony Pictures Entertainment (SPE), que integrará ainda a Sony Music e a Sony Electronic Publishing. Fazem parte do conglomerado Sony nos EUA a TriStar Pictures, a Columbia Pictures Television, a Merv Griffin Enterprises, e a Loews Theaters.

- O 1990 **John W. Campbell Memorial Award** foi ganho por Kim Stanley Robinson por sua novela *Pacific Edge* (Unwin; Tor). O 1990 **Theodore Sturgeon Memorial Award** foi para Terry Bisson por seu conto *Bears Discover Fire* (IASFM 8/90). A entrega dos prêmios foi feita durante o banquete de encerramento da Campbell Conference, que teve lugar na University of Kansas, Lawrence KS, tendo os vencedores sido saudados por Elizabeth Anne Hull e recebido os prêmios pelas mãos de James Gunn.

- **Dominique Perrault** foi o ganhador do concurso internacional para a construção da nova Biblioteca Nacional da França. O projeto, que deveria estar concluído em 1995 ao custo estimado de US\$ 1 bilhão e 240 milhões, já está sendo alvo de inúmeras críticas. A biblioteca poderá receber até 25 milhões de livros, o que significa algo em torno de 400 km de estantes.

- Pesquisadores da NASA vão buscar sinais de vida inteligente fora da Terra. O projeto para escuta do universo se baseia numa idéia simples: a de que as leis da física também valem

LOCUS	Assinatura (US\$)		
	Nº meses	Via Superfície	Via Aérea
P. O. Box 13305 Oakland, CA 94661 - USA			
O melhor magazine do gênero	12	40,00	64,00
Vencedor de 15 Prêmios Hugo	24	75,00	108,00

em outras galáxias. Se diferentes formas de vida se desenvolveram, certamente terão descoberto a radiocomunicação e devem emitir sinais, acreditam os técnicos. A escuta terá início em outubro de 1992 e, na investigação, será utilizado o aparelho MCSA 2.0 que pode analisar 15 milhões de canais de emissão por segundo, determinando instantaneamente se o sinal captado é natural ou não.

Zines & Publicações

● *Czerwony Karzel* nº 1. Novo clubzine do Gdanski Klub Fantastyki, coordenador dos clubes de FC&F da Polônia (Acheron, Alkor, Angmar, Gallegher). Formatinho, 88 páginas, capa cartonada a quatro cores, traz notícias, ficção, quadrinhos, artigos, resenhas e um ensaio especial sobre Ursula K. Le Guin. Skr. pocz. 76, 80-325 Gdansk 37, Poland.

● *Fantasin* nº 0 (zero). Fanzine do SF Club 451F, da Checoslovaquia, dedicado à publicação de contos de fantasia, resenhas e crítica. Formatinho, 12 páginas, ofsete. O clube tem ainda outras publicações como *Prit*, e *Legendy*, e organiza duas convenções: a *CasCon* (87 e 89) e a *ParCon* (91); o quadro social é de aproximadamente 70 fãs. P. O. Box G-112, 040 01 Kosice, Czechoslovakia.

● *Chernobilization* nº 2, junho-91. Formatinho, 32 páginas, offset. Fanzine publicado em inglês pelo clube soviético Zoryany Shlyah SF Club, com artigos, resenhas, noticiário, cartas. Poste Restante, General P. O., 25200 Kiev-1, USSR.

● *SFWA Bulletin* nº 112, summer/91. Boletim quadrimestral da SFWA, A-4, 28 páginas, capa cartonada. Noticiário sobre os prêmios Nébula, Arthur C. Clarke e P. K. Dick - todos já anunciados nesta coluna, e mais artigos sobre produção literária, de Hal Clement, Rebecca Ore, Ben Bova e Mike Resnick; sobre contratos profissionais, de Raymond E. Feist; diversos, de Gregory Freeley, Jane Yolen e Michael Swanwick, e informações de mercado, de Eric Carl Wolf. Para ter acesso a este material, favor consultar nosso Presidente, Luiz Marcos da Fonseca.

Dicas

● *A Gandalf Publishing House*, membro do Gdansk Klub Fantastyki, está interessada em receber material para suas publicações (FC, suspense e infanto-juvenil), o que inclui ficção e ilustração (tanto para capas quanto para interior). Prometem responder todas as cartas. 42-644 Pierkary Slaskie, Os. Wieczorka 113/II/9, Poland

ISAAC Magazine
ASIMOV
FICÇÃO CIENTÍFICA

Coda

Ray Bradbury

Cerca de dois anos atrás, recebi uma carta de uma circumspecta senhora de Vassar (colégio para moças de família tradicional), dizendo o quanto lhe tinha agradado a leitura de minha experiência em mitologia espacial, as *Crônicas Marcianas*.

Mas, prosseguiu ela, não seria uma boa idéia a esta altura reescrever o livro, incluindo um número maior de personagens e papéis femininos?

Poucos anos antes disso eu recebi uma boa quantidade de cartas a respeito do mesmo livro. Essas pessoas se queixavam de que os negros, naqueles contos, eram personagens tipo Pai Tomás; por que eu não os reescrevia?

Mais ou menos na mesma época recebi outra carta, de um leitor branco e sulista, afirmando que eu tinha preconceitos a favor dos negros, e que aquele conto inteiro devia ser expurgado do livro.

Duas semanas depois, minha montanha de cartas pariu uma minúscula rázazana postal, uma carta de uma conhecida editora interessada em incluir meu conto *A Sereia no Nevoeiro* num livro didático para o curso secundário.

Nesse conto, eu descrevia um farol como sendo dotado, durante a noite, de uma iluminação que era uma espécie de "Deus-Luz". Olhando na direção dele, do ponto de vista de

qualquer criatura marinha, alguém se sentiria diante de "uma Presença".

Os editores haviam cortado as expressões "Deus-Luz" e "Presença".

Cinco anos atrás, os editores de uma outra antologia para estudantes lançaram um volume contendo 400 contos. Isso mesmo, quatrocentos. Como se faz para colocar 400 histórias de Mark Twain, Poe, Irving, Maupassant e Bierce num único volume?

É a coisa mais simples do mundo. Esfole. Esquarteje. Extraia a medula. Retalhe, derreta, corte e destrua. Cada adjetivo que conta, cada verbo que comove, cada metáfora que pese mais do que um mosquito — fora! Cada comparação que possa fazer mover os lábios de um sub-mongolóide — fora! Cada digressão que possa explicar em duas linhas a visão filosófica de um autor de primeira classe — fora!

Cada história — adelgada, definhada, censurada, sanguessugada até a derradeira palidez — estava igualzinha a qualquer outra. O estilo de Twain estava igual ao de Poe que estava igual ao de Shakespeare que estava igual a Dostoiévski que estava igual — no fim das contas — a Edgar Guest. Cada palavra com mais de três sílabas tinha sido cortada a navalha. Cada imagem que exigisse mais do que um instante de atenção tinha sido fuzilada a queima-roupa.

voltaria a ser vista, principalmente se fosse feita uma análise do texto e se constatasse que os melhores diálogos ficavam com os homens!

Escrevi para a tal universidade sugerindo que eles encenassem minha peça durante uma semana, e depois *As Mulheres* na semana seguinte. Eles provavelmente acharam que eu estava brincando. Não tenho certeza de que não estava.

Porque este mundo é muito maluco, e vai ficar mais maluco ainda se permitirmos que as minorias — sejam os anões ou os gigantes, os orangotangos ou os golfinhos, os pró-nuclear ou os pró-ambiente, os pró-computador ou os neo-liditas, os simplórios ou os sábios — interfiram nos assuntos estéticos. O mundo real acaba se tornando um playground para cada um desses grupos, que fazem e desfazem leis conforme sua veneta. Mas a “ponta do nariz” dos meus livros ou contos ou poemas é o local onde os direitos dos outros terminam e começam meus imperativos territoriais, onde eu reino e legislo. Se os Mórmons não gostam de minha peças, então que escrevam as suas. Se os irlandeses odeiam minhas histórias sobre Dublin, então que aluguem máquinas de escrever. Se os professores de gramática acham que minhas frases quebra-queixo podem danificar os dentes-de-leite de seus alunos, então que os deixem eternamente molhando bolo dormido em chá aguado, feito por suas próprias mãos perversas. Se os intelectuais chicanos querem cortar meu “Wonderful Ice Cream Sui” até que ele se torne “Zoot”, então que seu cinto afrouxe e suas calças caiam.

Porque, vamos e venhamos, a digressão é a substância do espírito. Corte as tiradas filosóficas de Dante,

Milton ou do fantasma do pai de Hamlet, e o que resta é apenas uma ossada limpa. Laurence Sterne disse certa vez: as digressões, sem dúvida alguma, são o sol, a vida, a alma da leitura! Retirem-nas de um livro e um inverno gelado se estenderá eternamente sobre aquelas páginas. Devolvam-nas ao escritor, e ele as receberá radiante como um noivo, saudando-as com entusiasmo, porque são elas que trazem variedade ao seu texto e não deixam morrer o interesse do leitor.

Resumindo: por favor não me ofendam com as decapitações, as amputações-de-dedos e extrações-de-pulmões que possam estar planejando infligir aos meus livros. Eu preciso de minha cabeça para fazer sinal de “sim” ou de “não”, preciso de minha mão para saudar ou para cerrar o punho, preciso de meus pulmões para gritar ou sussurrar. Não quero ir pacatamente para uma estante, depois de ter as tripas extraídas, e me tornar um não-livro.

Todos vocês, juízes, voltem para as arquibancadas. Árbitros: para o chuveiro! Este jogo é meu. Sou eu que arremesso, que rebato, que apanho. Sou eu que corro as bases. No final da tarde, terei perdido, ou ganho. No romper da manhã, estarei em campo mais uma vez, enfrentando um novo desafio.

E ninguém pode me ajudar nisso. Nem mesmo vocês.

Publicação autorizada especialmente para o *Somnium*. Tradução de Bráulio Tavares, a partir de edição fornecida pelo próprio autor (*Fahrenheit 451*, Ballantine/Del Rey, 1989). Coda, copyright 1979



Um livro necessário...

Ruby Felisbino Medeiros

O leitor brasileiro de Ficção científica necessariamente absorve parte dessa literatura através da Coleção Argonauta, de Portugal, e nela encontra termos próprios do falar de além-mar, com muitas palavras e expressões não encontradas nos nossos dicionários.

Os nossos melhores dicionaristas, por exemplo, no "Aurelião", nem sempre definem essas palavras e expressões. Mas agora temos o **Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro**, de Mauro Villar, Editora Guanabara, que nos dá uma melhor visão do falar português (de Portugal).

Assim reunimos alguns exemplos:

em Portugal (da Argonauta):

"revista aos quadrinhos"

"um par de atacadores"

"paparoca"

"caixa de cartão"

"falar as estopinhas"

"não valerão um chavo"

"calcorreu as estradas"

"fazer o pino"

"ir aos arames"

"pequeno almoço"

"uma data de coisas"

"os chuf's"

"ir à cave"

"tejadinho"

"carrinha"

"quando chegou ao alcatrão"

"fala-barato"

"...e os guanapos a fazer o pino no tejadinho da carrinha..."

no Brasil:

revista em quadrinhos

um par de cordões de sapatos

comida, rancho, gororoba, bóia

caixa de papelão

falar pelos cotovelos

não valerão um tostão (um vintém)

percorreu a pé as estradas

plantar bananeira

ficar furo de raiva, danar-se

desjejum, café da manhã

uma porção de coisas

policial, tira

ir ao porão, à adega

capota, teto do carro

camioneta

quando chegou ao asfalto

pessoa que fala mas não prova, garganta, mentiroso, prosa

e os moleques a plantar bananeira na

capota da camioneta..."

Em *As linguagens de Pao* (*The languages of Pao*), Jack Vance, Argonauta 363, tradução de Raul Sousa Machado:

9 - "Era uma criança de magna" (??)

10 - "...ficar com a cabeça feita em água e os olhos pesados"

- 20 - "...atirando para o chão a palamenta à sua volta"
 57 - "...com Beran na sua pegada,..." (= pegada, vestígio)
 59 - "milhentas coisas..." (= designa um número indeterminado, superior a mil)
 108 - "...e foi à sua vida" (??)
 112 - "...sucumbir a um raz-de-maré" (??)
 127 - "Tenho de ir à minha vida - disse Palafox" (??)-cuidar de si

Tintagel (Tintagel), Paul H. Cook, Argonauta 371, tradução de Eduardo

Saló

- 43 - "Provavelmente foi montada a noite passada" (?) = foi copulada
 69 - "Torres de cães de pradaria, e buracos de serpentes..." (?)
 83 - "...atendendo à salgalhada que..." (?) = confusão
 132 - "...bando de aldrabões" (?)
 - "Não capazes de governar o país sem meter a para na poça" (?)
 - "...cujos olhos brilhavam como carbúnculos." (?)

Obs. "carbúnculo é uma forma de carbono cristalizado, o diamante negro, mas não brilha". Então ??

- 153 - "bombista". (?) - indivíduo que tem combustão humana espon-tânea (???)

Anticorpos (Antibodies) - David J. Skal, Argonauta 381, Tradução de Samuel Soares:

- 16 - "Picou o ponto..."
 38 - "...uma quantidade de especialistas de/fiscalidade às costas"
 "...borrachinhos de cérebros lavados..."
 40 - "...tuas revistas palavrosas"
 45 - "...lhe acertar um pontapé nos tomates"
 69 - "...a sua imagética de pesadelos de mulheres"
 140 - "...um sicofanta ou um zero à esquerda."
 - "...vai dormir à casa da praia."

O mistério de mercúrio (Fire Pattern), Bob Shaw, Argonauta 373:

- 15 - "Não deixe que ele te aperte os calos..."
 22 - "Um cheiro, pesado e peganhento..."
 30 - "...se dirigir ao jovem anafado."
 - "um dos cacifos refrigerados."
 61 - "fotografias de família e aguarelas pálidas..."
 111 - "apesar do ar arrapazado..."
 128 - "...toda essa conversa de chacha,..."
 142 - "Estou pronto para esfolar o rabo."
 189 - "...só existia nas revistas aos quadradinhos."
 202 - "...por ante a vante do compartimento..."

Em *O planeta fantasma (A wreath of stars)* - Bob Shaw, Argonauta 362, tradução de Eurico Fonseca:

- 20 - "...lançava pactos de gravilha." (??)

- 42 – “...Meteu toda a aparelhagem numa caixa de cartão (caixa de papelão)
 52 – “...para que a humanidade se estrafegue” (= estraçarlar)
 95 – “Estivemos toda a noite a pé e precisamos de repousar” (= acordados)
 104 – “...no arranjo das traves e das asnas” (= tesouras)
 120 – “...avançar, pontapeando as mesas” (= dar ponta-pés em)
 141 – “...ansiosas por dar ao gatilho” (= por disparar)
 163 – “Os teus pensamentos valerão um chavo?” (= moeda insignificante)

Em *Mundos sem fim (Words without end)* - Clifford D. Simak, Argonauta 368, tradução de Raul de Sousa Machado:

- 84 – “...ambiente húmido e peganhento...” (= pegajoso)
 101 – “...o computador teve de suar as estopinhas...” (??) (= a parte mais fina do linho antes de fiado)
 116 – “...interessada em ler a monografia, uma vez dada à estampa” (= impresso)
 127 – “...um chorrilho de lugares comuns” (= sequência rápida)
 130 – “...uma casa não vale um chavo, o importante é ter uma caravana” (caravana = “motor home”, no texto)
 131 – “...e um bom fornecimento de paparoca” (??)
 132 – “Depois de arrumada a palamenta...” (= conjunto de acessórios indispensáveis, nas condições normais à utilização de uma embarcação miúda)
 136 – “...nos limites da transumância...” (= migração periódica)
 142 – “...de caravanas se vestiria a preceito” (= com todas as regras)
 144 – “...mesmo por tuta e meia” (= quase nada, moeda afro)
 149 – “Se vocês não se acalmam, páro aqui mesmo e chego-vos a roupa ao pelo”. (= dou uma sova...)
 154 – “...sobrancelhas farfalhudas...” (= vistoso, farfalhoso)
 160 – “...mesmo sob a torreira do sol...” (??)
 161 – “...camião de cevada” (= caminhão)
 168 – “...perguntou o camionista.” (= caminhoneiro)
 176 – “...quando chegou ao alcatrão.” (= asfalto)
 180 – “Calcorreou as estradas...” (= caminhou)

Colaboração do Dr. José dos Santos Fernandes

- “Gaita” (= dinheiro)
 “Ena” (??)
 “Pequeno almoço” (= desjejum, primeira refeição)
 “Uma data” (= uma porção de coisas)
 “Ir aos arames” (??)
 “Os chuis” (= policiais, soldados)
 “Dar as de vila Diogo*” (fugir, sem levar nada)
 “Uma pedrada no charco” (??)

Em *O deus das moscas (Lord of the flies)*-William Golding, Portugalia Editora, Coleção Contemporânea 23 - s/data-277 pag.:

- 48 - sesco = oblíquo, torcido
 - moreia = mêdo
- 49 - giríssimo = (??)
 - "fazer o pino" = plantar bananeiras
- 53 - mortiço = (??)
- 54 - calcoreando = andar a pé
- 68 - cinéreo = cinzento
- 68 - "ficaste ai de cu sentado"
- 71 - desamigo = não amigo
- 72 - flamífera = que apresenta chamas
- 72 - pincharolou = (??)
- 73 - miefé = (??)
- 73 - berrata = (??)
- 77 - álaçre = alegre, jovial
- 78 - caganitas = (??)
- 78 - tupiam = (??)
- 79 - lura = esconderijo de coelhos
- 85 - pisgaram-se = piraram-se, retiraram-se à socapa
 - pegos = mal que faz definhav os vegetais
 - esparrinhar = espargir
- 86 - manhuço = (??)
- 87 - uma concela de sol = (??)
- 90 - roazes = que roem
- 93 - errabundo = vagabundo, errante
- 104 - porreiríssimo = afável
- 109 - ougar, ougado = (??)
- 110 - tassalho = fatia grande
- 132 - "para ai largar sentenças de cu sentado"
- 133 - trotinavam = (??)
- 138 - esbarronda-se = desmoronava-se
 - lassam = tornar lasso (cansado)
 - búsia = (??)
- 139 - caruma = folha de pinheiro
- 141 - fraguado = série de fragas, penedo
- 143 - surrelfa = (??)
 - "vindos à surrelfa"
- 146 - "tem dois dedos de caco"
- 147 - velaturas = ato de cobrir uma pintura com tinta
- 152 - ocelada = que tem ocelo (olhinhos)
- 157 - túmido = saliente
 - moliço = limos, colmos
 - lonjura = grande distância
- 164 - medricas = medrosos
 - sinople = terra verde de sinople
- 165 - impérvia = intransitável

- 192 – chamberil = pau curto que se enfia no porco morto para abrir e pendurar
 – moruna = (??)
 193 – morouço = (??)
 203 – esparranhenta = (??)
 – sonoite = o anoitecer, lusco-fusco
 214 – panal = vela de moinho
 225 – acartar = (??)
 229 – “a escuridão, exceptuando o rasgão oblongo e inútil de estrelas, era uma grossura de granito”
 243 – alapando-se = esconder a lapa
 261 – fojo = cova funda

A árvore dos sexos, Fernando Santos, Círculo do Livro S.A., São Paulo
 s/data - 184 pag.:

- 45 – “...que são simples pilinhas, sem viço, já mortas”
 55 – “...um par de atacadores...” = cordões de sapatos
 65 – “...incendiar todas as nomas”
 – “será um alfobre de cabrões?”
 78 – “...ter a casa cheia de pirilaus?”
 – “...a tirar pazadas de marsapos!”
 79 – “...Chamara os responsáveis à pedra.”
 95 – “...na coscucilhice do que nos regadios”
 109 – “E na paparoca?”
 123 – “...mas está-se nas tintas...”

A praga do espaço, (Plague from Space) Harry Harrison, Argonauta nº 372:

- 8 – “para não se desequilibrar com a descolagem.”
 – “...presa ao solo unicamente pelos travões”
 15 – “mas nunca chegara à fala com a rapariga...”
 17 – “...e encostados à berma para...”
 20 – “...atirou outro de pantanas e aterrou...”
 47 – “...em cima da rosa-dos-ventos...”
 79 – “...um maçarico do caraças...”
 – “...Burke era um fala-barato...”
 82 – “...trazer a nave até a Terra sem a escaqueirar na descida...”
 – “...se tudo der para o torto.”
 114 – “...mfope e cheio de genica...”
 121 – “...ajundado-a a sentar-se no alcatrão e...”



Colin Wilson e a Faculdade Humana

Na introdução ao seu livro *Parasitas da Mente*, Colin Wilson explica sua relação com August Derleth e a literatura lovecraftiana, e como foi instigado por Derleth — um grande amigo de H. P. Lovecraft e um dos principais divulgadores de suas obras — a escrever uma história de terror, semelhante às histórias de Lovecraft, o que implicaria na utilização de alguns dos conceitos que a FC acostumou-se a utilizar, ou seja, seres alienígenas poderosos e sua influência na civilização terrestre. Para sorte dos leitores e desafio foi aceito e a tarefa muito bem cumprida, ainda que o estilo de narração de Colin Wilson seja bem diferente.

As antiquíssimas cidades que Lovecraft costumava utilizar em suas histórias fantásticas — em algumas delas as cidades são o ponto central da narrativa — também aparecem em *Parasitas*, mas surgem mais como um artifício para o desenvolvimento de outra idéia, que é a base do livro. Mais especificamente, uma cidade antiquíssima que é descoberta por um arqueólogo no decorrer da história serve apenas para desviar a atenção da humanidade do problema real.

Mais que qualquer coisa, Wilson desenvolveu a idéia lovecraftiana de um problema de proporções gigantescas, que envolve toda a humanidade, ao contrário do beco sem saída em que Lovecraft coloca seus perso-

nagens e leitores, Colin Wilson aponta saídas possíveis. Em *Parasitas da Mente* e no ensaio *O Oculito*, Colin Wilson apresenta o que ele chamou de teoria da faculdade X, apesar de, no romance, o nome não aparecer identificado ou dissecado tão profundamente.

A faculdade consiste, basicamente, de forças sempre existentes nos seres humanos, mas das quais eles não têm consciência. Possuir a faculdade, ou melhor, possuir a capacidade de utilizá-la, seria possuir um maior grau de consciência da existência dessa fonte de energia escondida. Na ficção, os parasitas são uma raça alienígena que chegou à Terra em tempos remotos e aqui se estabeleceu. Eles vivem num espaço entre a nossa consciência e a fonte de energia que alimenta nossa mente. Não é um espaço facilmente determinável, uma vez que não é exatamente físico. Wilson apresenta uma idéia de mente coletiva da humanidade, com um ponto em comum na fonte de energia. Os seres parasitas podem estar em qualquer mente humana sem perder o contato com as demais. Para os humanos alcançarem a faculdade é preciso, antes de mais nada, ter consciência da existência da fonte de energia, é claro, e depois conseguir alcançá-la vencendo a resistência dos parasitas. As pessoas que conseguem vencê-los adquirem uma força inacreditável, uma força mental que se exprime fisicamente.

Para essas, as demais pessoas estão como que “dormindo”, sem conseguir compreender o que está acontecendo em suas próprias mentes.

A teoria de Wilson — tanto na forma como ela aparece em *Parasitas* quanto na forma mais elaborada em *O Oculto* — foi criada como uma tentativa de explicar os mais variados fenômenos parapsicológicos com uma única noção. Parece que, recentemente, o escritor modificou algumas de suas opiniões a esse respeito mas, em todo o caso, a idéia é muito mais interessante por assumir uma postura de crítica social, o que raramente se vê nesses casos. As pessoas estão “dormindo”, e não foi difícil para CW perceber essa situação simplesmente observando o nosso planetinha. Os parasitas que surgem na ficção nada mais são do que uma metáfora para qualquer “demônio” criado por nós mesmos, demônios que têm de ser enfrentados para que se possa “acordar” para o que é realmente possível de ser realizado. As pessoas que “dormem” preocupam-se com aspectos nada importantes da vida, dedicando sua atenção não à procura e contato com a “fonte de força”, mas às trivialidades. As guerras e todos os tipos de preconceitos são nitidamente atacados por ele. Mais que isso, o modo de se viver o dia a dia, prendendo-se a rituais diários insípidos e nunca se afastando de determinados modos de pensar e encarar o mundo e o universo. Os parasitas de nossas mentes deturpam nossos objetivos, prendem-nos a modismos e a pensamentos e modos de agir superficiais, imediatistas, que nos dão uma falsa aparência de termos atingido algum grande e importante objetivo quando, na verdade, apenas nos prendeu ainda mais no mundo das

aparências. Levado às últimas instâncias, esse pensamento liga-se à noção hindu do “véu de Maia”, que encobre o mundo real, dando aos seres humanos uma falsa aparência da realidade. Philip K. Dick utilizou esse conceito em praticamente toda sua obra, ainda que de forma diferente. Doris Lessing também utilizou o mesmo conceito na série de livros ligados à *Shikasta*, apresentando os seres que vivem nesse nível, ou seja, nós mesmos, como pessoas cegas, ou que estão em estado de sono constante. O nível de realidade com o qual temos contato é, para dizer o mínimo, ridículo.

Preferimos continuar acreditando que o mundo é apenas isso que vemos à nossa volta porque é uma espécie de vício. Para Wilson, toda essa situação é demonstrável pela experiência. Pessoas que “acordam” durante alguns segundos, ou aquelas com um grau de percepção que conseguem permanecer “acordadas” por longos períodos, alcançam realizações que geralmente são rotuladas como fantásticas”. A história do ocultismo e da parapsicologia está repleta de exemplos relacionados a pessoas que “acordaram”. Ele elaborou a idéia de que as capacidades de deslocação no tempo e espaço, os deslocamentos físicos de objetos, conhecidos pelos nomes de precognição, telepatia, telecinésia e outros, nada mais são além do emprego, consciente ou não, dessa faculdade humana ainda desconhecida em sua totalidade.

O básico é “acordar” para poder chegar até ela. É perfeitamente possível pensar nos parasitas como coisas reais, que brecam o desenvolvimento mental. Nada mais real do

que uma guerra ou os preconceitos sem fim que acompanham a "evolução" da sociedade humana através da História. Ou a onda de consumismo que a humanidade vive hoje em dia. Existem muitas pessoas, entre historiadores e cientistas em geral, que acreditam que as guerras são até mesmo necessárias, criando novos rumos de desenvolvimento tecnológico que, de outra forma não aconteceriam. Nesse sentido, Wilson pensa de forma correta, não se referindo exatamente a um possível desenvolvimento tecnológico mas a uma postura mental. A postura mental de se "estar em guerra" é um poderoso parasita, e tem acompanhado nossa civilização desde que se tem notícia. Muitos podem até mesmo rebater essa posição acenando com as "conquistas" científicas e tecnológicas alcançadas pela humanidade. No entanto, o estado de absoluto abandono e precariedade em que se

encontra todo o planeta — para não falar de, pelo menos, dois terços da população humana que nele sobrevive e de sabe-se lá quantos por cento da população não humana — é um forte e definitivo argumento contra essa postura imediatista. Os avanços científicos e tecnológicos são importantes, mas de nada adiantam se não vierem acompanhados de uma mudança na postura mental.

O que Colin Wilson deixa transparecer em seu livro, na verdade, é bem mais terrível do que os parasitas alienígenas apresentados. Os parasitas aos quais ele está se referindo foram criados e tornados realidade por nós mesmos, de modo que passamos a ser os parasitas de nossas próprias mentes.

Parasitas da Mente (The Mind Parasites, 1967), Colin Wilson

Francisco Alves Editora (1977), 230 páginas

Outras Resenhas

De Como William Gibson Reinventou a FC

Hugo, Nebula e Philip K. Dick Awards: três nomes conhecidos de todos os *habitués* da ficção-científica. Juntamente com o *Locus*, formam a tríade dos principais prêmios com os quais sonha todo escritor do gênero (pelo menos em língua inglesa). Pois bem: com *Neuromancer*, o escritor norte-americano William Gibson não só conquistou todos os três, como também lançou a pedra angular do mais importante movimento a surgir na FC desde a década de 60: os *cyberpunks*.

Da mesma forma que *cubismo*, *fauvismo* e outros, o termo *cyberpunk* originalmente tinha conotações pejorativas, mas foi imediatamente encam-

pado pelos participantes do movimento, por descrever de modo sintético e quase preciso a articulação que eles se propunham a estabelecer entre a tecnologia informática e a cultura *pop*: articulação que já nascia praticamente acabada nas páginas do romance inaugural de Gibson que, desde então, tornou-se, juntamente com *Islands in the Net*, a *Ilíada/Odisseia* dos *cyberpunks*.

Primeiro, alguns dados de ordem biográfica: Gibson nasceu em 1948, na Carolina do Sul. Sua primeira história de FC publicada foi o conto *O Contínuo de Gemsback*, que trata da influência do imaginário da FC sobre a cultura de massa e pode ser encon-

trado na antologia *Mirrorshades*, organizada por Bruce Sterling¹. Admirador confesso do desenho *Akira*, de Katsushiro Otomo (é fácil entender porquê), Gibson é autor ainda dos romances *Count Zero* e *The Difference Engine*, este último em parceria com Sterling, entre outros trabalhos, todos sem tradução para o português.

Como nos demais romances *cyberpunks* que se seguiram, *Neuromancer* se desenrola num mundo totalmente informatizado, ao qual sobrepõe-se uma rede global de computadores virtualmente onipresente. O romance explora e descreve minuciosamente um novo tipo de submundo que surge em decorrência dessa situação: piratas de dados, contrabandistas de *software* e clínicas clandestinas onde se executa todo tipo de implantes artificiais. Case, o personagem principal, é um exemplar dessa fauna *sui generis*. Ele foi um dos melhores cowboys do ciberespaço, ainda que, no momento em que a história se inicia, encontre-se clinicamente impossibilitado de exercer seu ofício. *Ciberespaço - cyberspace* em inglês - é um termo criado por Gibson para descrever a codificação de informações num espaço tridimensional que só existe na memória dos computadores. A exemplo de seu colega mais veterano, *robô*, o termo também se tornou independente de seu autor e ganhou o mundo, sendo aplicado não só em outras obras de ficção científica, como também na vida real, na qual ele passou a designar a realidade virtual. No entanto, o emprego originalmente proposto por Gibson é mais genérico. A realidade virtual, no *Neuromancer*, é apenas um tipo de aplicação do ciberespaço, cuja finalidade mais importante é armazenar informação na rede de modo facilmente acessível.

Trata-se das chamadas *matrizes ciberespaciais*. Os cowboys do ciberespaço são piratas especializados em penetrar nessas matrizes, driblando os dispositivos de proteção, tanto programas como *hardware*, e roubando informação. Mercenários, têm seus serviços bastante requisitados por todo tipo de clientes: empresários interessados em espionagem industrial, governos, contrabandistas de dados, etc. O protagonista de *Neuromancer* fora pego por seu contratador quando tentava repassar por conta própria o material que havia sido encarregado de roubar e, em represália, submetido a uma neurocirurgia que o incapacitou a operar no ciberespaço. Passa os dias a vagar pelo submundo informático, o *Sprawl*, uma vasta área que se estende em ambas as margens do Pacífico e cuja descrição minuciosa não é um dos menores atrativos do livro, executando pequenos biscates e roubos e sonhando com o impossível dia em que tornará a interagir com uma matriz ciberespacial.

É exatamente isso o que lhe é oferecido por um misterioso cliente chamado Wintermute que, por intermédio de um testa de ferro, contrata uma equipe de mercenários para executar uma missão suicida. O cliente, Case não tardará a descobrir, é uma inteligência artificial que precisa de sua ajuda para quebrar os dispositivos de segurança que o impedem de se tornar independente dos seres humanos. Wintermute é apenas uma das metades dessa AI; a outra é o *Neuromancer* que dá título ao livro. Com a finalidade de manter a inteligência artificial sob controle, seus dois "hemisférios" são mantidos separados, em uma situação de rivalidade esquizóide. Para superar esse isolamento, é necessária a introdução simultanea-

mente material e ciberespacial de um código, que iniciará o processo de fusão entre Wintermute e Neuromancer. Portanto, é preciso acessar seu *hardware*, localizado numa colônia orbital de férias, e é com esse objetivo que Wintermute procede à formação de sua equipe, da qual Case é o tipo menos bizarro.

Não é a toa que os *cyberpunks* incluem Philip K. Dick na seleta lista de autores que se salvam da espinhação generalizada que dirigem à FC tradicional. Em várias passagens de *Neuromancer*, PKD é a única comparação possível para o que Bruce Sterling denominou de “jogos de realidades” que, no caso, são aquelas criadas pela tecnologia informática e que mesclam-se inextricavelmente ao mundo sensorial cotidiano. Elas incluem não apenas os cenários virtuais construídos a partir de matrizes ciberespaciais, mas também os extraordinários personagens de Riviera, dotado de implantes capazes de gerar alucinações coletivas, Molly, a mercenária que substituiu seus olhos por lentes cibernéticas, e Armitage, o veterano de guerra que voltou enlouquecido da operação militar para a qual foram desenvolvidos os protótipos utilizados pelos cowboys do ciberespaço, e cuja personalidade é inteiramente reconstruída por Wintermute para seus próprios propósitos.

São esses personagens que formam o balizamento de um turbilhão sem qualquer balizamento: um vórtice de acontecimentos ininterruptos, narrados numa linguagem feroz que não é de modo algum despropositado comparar com as jaculatórias *punks* da década de 70, onde o nihilismo aparente esconde muito mal as preocupações éticas, políticas e filosóficas

subjacentes. *Neuromancer* é o *London Calling* da FC. Ou será *London Calling* o *Neuromancer* da música pop?

A edição portuguesa desse livro foi lançada em 1988 pela Editorial Gradiva². No momento em que esta resenha estiver sendo lida, também já deverá ter chegado às livrarias a edição brasileira, pela mesma Ed. Aleph e na mesma Coleção Zenith que publicou a outra coluna principal do movimento *cyberpunk*: *Islands in the Net*, de Bruce Sterling³. Optando por qualquer das duas edições ou confrontando ambas, o leitor poderá verificar por si mesmo se este resenhista estreato está ou não certo ao assinar cada palavra com que *Neuromancer* foi saudado por Sterling: “Diga adeus aos futuros desbotados. Eis um mundo novo, inteiramente original, intenso como um choque elétrico. A prosa de William Gibson é verdadeira poesia. A história é tão brilhante e coerente como um *laser*. Foi para obras como esta que se inventou a ficção científica.”

1 Bruce Sterling (org.), *Reflexos do Futuro*, Argonauta 376, Ed. Livros do Brasil, Lisboa.

2 William Gibson, *Neuromante*, Col. Contacto, Editorial Gradiva, Lisboa.

3 Bruce Sterling, *Piratas de Dados*, Col. Zenith, Ed. Aleph, São Paulo.

Lúcio Manfredi



Fábio Fernandes

Somnium 49

Dente de Dragão – Carlos O. Martinho

Uma narrativa elegante, e sem dúvida uma temática muito pouco usada entre os autores publicados no *Somnium*. A idéia do mundo fechado em si mesmo e da peregrinação em busca da origem do gado nativo do planeta lembra Farmer e Simak; a narrativa, se ainda não chega lá, quase o faz; em certos pontos, lembra o estilo novecentista, em particular o de Herman Melville e Robert Louis Stevenson. Poucas passagens densas; a única fala do conto é fraca, mas não prejudica a agilidade da narrativa. A descrição da viagem do Dente de Dragão convida à leitura: um exercício narrativo realizado com competência. A única ressalva fica por conta do final quase lovecraftiano, no mau sentido. Não era necessário terminar o conto com a redundante afirmação de que os humanos eram o gado. A narração dos Deuses se alimentando, em todo o seu sangue e crueldade, era mais do que o bastante para terminar a história. No mais, lembra muito *A Linda Filha do Caçador de Escamas*, de Lucius Shepard, e *The Ragged Astronauts*, de Bob Shaw.

É dos Corredores do Tempo que Vêm os Fantasmias – Sérgio Fiúza.

A dedicatória ao mestre K. Dick anima o leitor a princípio, esperando ler uma narrativa nos mesmos moldes. A situação sim; as viagens no tempo,

controladas de forma que até as pessoas possam visitar seus descendentes e conviver com elas sem a formação de paradoxos, é bem o tipo de histórias do Philip K. Dick, Roger Zelany e a turma da *New Wave*. Mas os diálogos pesados e inverossímeis, bem como situações improbabilíssimas (vide a cena do analista, que não aconteceria nem agora, quanto mais em 2453), nos mostram um conto de antes da *Golden Age*. Uma história arrastada demais, que cansa o leitor e não o anima a terminar a história. A descrição da Terra de 2459 é bem califeana, ou seja: no mundo do futuro distante o *Homo sapiens sapiens* não existiria mais. Só pode ser isso, porque temos guerras e sentimentos negativos há milênios, e se alguém ainda pensa que a ciência nos salvará desses “males” no futuro deveria era abrir os olhos e simplesmente olhar mais ao redor. Como Jean Genet recomendava, o escritor precisa viver sua realidade (e a de sua época, me arrisco a acrescentar), e então escrever suas histórias. O final é confuso: a realidade foi mesmo alterada ou o autor descreve apenas um 2465 paralelo (da cena do analista) e o outro 2465 continua existindo mas nós simplesmente não vemos? Confuso.

Mestiço – A. B. Maciel

A narrativa de primeira pessoa é regular, e torna-se interessantíssima quando ficamos sabendo que A. B. é



uma autora, não um autor. O conto de estréia da que parece ser a nossa futura James Tiptree, Jr. é interessante e não apresenta falhas de lógica interna. Os diálogos, embora não sejam inverossímeis, são um pouco forçados (uso de “passaremos” em vez de “vamos passar”; “Pois viajemos agora mesmo!”), uma construção muito pouco usada) e, particularmente, no caso do alemão, altamente improváveis, pois ele nunca esteve no Brasil, e aprendeu o português por tabela através do espanhol. Aprender nossa língua não teria sido muito fácil, como ele afirma. Ela resvala um pouco na questão mencionada anteriormente por este resenhista: são os cientistas seres totalmente lógicos? O mais provável é que eles sejam, como todos os humanos, mestiços de racional e emocional. Mas as questões por ela abordadas são bem atuais e factíveis, e vale dizer, pouco exploradas pelos autores de FC nacionais, se é que o são. Já notaram que nenhum conto científico passado no Brasil sofre o problema da falta de verbas? Este sofre. E, pela primeira vez, isso é ótimo. O *sansei* filho de nissei e italiana é bem trabalhado, merecia até um pouco mais de

espaço para a análise da *síndrome de Spock*, ótima sacada da autora. O final é que não bate com o resto do conto: não dá pra entender muito bem a intenção de A. B.. Se era um final surpresa, isso não acontece, o que, mais um vez eu digo, é muito bom. Só questiono um pouco esse negócio de todo mundo se sentir atraído por Gabriel porque ele é meio-felino. Eu não gosto de gatos, e acho que metade da população mundial também não; logo, não creio que todos se sentissem praticamente hipnotizados por ele. Mas a coisa pode ser dita: o conto me atraiu.

Yellow Parrot — Maria Filomena C. L. dos Santos

Dividido em dois subtítulos totalmente desnecessários, o conto narra uma situação gratuita envolvendo uma típica família do interior paulista e uma família estranhíssima, que possui um robô inteligente construído por um garoto de 8 anos; o referido robô, além de inteligente, tem sentimentos, e gama pela papagaia, que o reprograma, recriando assim todo o universo e fazendo com que todo mundo acabe falando um inglês tremendamente macarrônico. Não entendi nada.

Máquinas, Campos e Outras Estórias

A. C. de Oliveira e C. A. Mores

Quando pensamos em FC, muitas vezes me vem à mente o que seria dela sem a ciência e porque não vice-versa, ou seja, o que seria da ciência sem a ficção.

Este pode ser um assunto tão polêmico quanto se queira. O importante, porém, é a ligação existente entre ambas manter-se tão sólida quanto sutilmente ilusória. O grande suporte da FC cinematográfica nos últimos anos tem sido os efeitos especiais. Estes mantêm a ilusão de uma realidade mesmo que esta seja impossível cientificamente. No caso da literatura não existe a condição de contorno dos efeitos especiais, e a limitação das capacidades do universo da FC acabam sendo bem maiores.

Quanto menos informado for o público, maior é a capacidade de aceitação dos modelos fornecidos, tanto nos filmes como nos livros. Os "fazedores" de livros ou filmes sabem bem a respeito e por isso as técnicas de produção tendem a ser sempre aperfeiçoadas. Existem certas coisas, porém, que já se impregnam na FC de tal forma que os autores quase não conseguem modificar ou aperfeiçoar. São as lajes pré-fabricadas, a funda-

ção da FC. Quais são elas? Os escudos defletores, campos de força, armas de raios, vida extra-terrestre, poderes extra-sensoriais, naves que se deslocam a velocidades superiores à da luz, geradores de energia quase perfeitos, antigravidade, andróides, robôs e outras coisas mais. Vamos deixar outras coisas para qualquer hora, e analisar estas medalhas da FC e, talvez, estes futuros troféus da ciência.

Embora não pareça, existe uma diferença significativa entre escudos defletores e campo de força. O primeiro, por definição, serviria para repelir objetos sólidos e/ou feixes de energia polarizada, enquanto o segundo serviria para prender ou segurar, dentro de uma dada região, objetos sólidos ou feixes de energia (a qual seria descarregada posteriormente para um acumulador). Toda nave espacial que se preze, pelo menos em FC, tem um ou outro. E isso não é de graça! Tem um porque bem real por trás de simplesmente proteger os viajantes de tiros alienígenas; trata-se da proteção contra micro-meteoritos, radiação cósmica e mesmo meteoros.

As viagens espaciais realizadas com tanta dificuldade nesse final de

século XX só foram possíveis devido à baixa probabilidade de colisão com meteoritos maiores que um grão de pó no pouco tempo de navegação da mesma. Por outro lado, a influência dos micrometeoritos menores que um grão de pó só não se fez sentir justamente devido ao tempo das viagens também ser relativamente curto. É curto mesmo! Mesmo algumas décadas para um satélite orbitando a Terra ou viajando pelo espaço é um tempo curto. O desgaste da carcaça de metal é quase imperceptível. Quem sofre mais são os painéis solares e os detectores (câmeras, células fotoelétricas etc). Por outro lado, se pensarmos em viagens interestelares, a velocidade das naves aumentará para próximo da luz, e nesse caso a colisão com micrometeoritos poderá corroer a carcaça em muito menos tempo que o necessário para a viagem. Isso ocorreria devido ao aumento da quantidade de movimento entre o sistema espaçonave + micro-meteoritos. O resultado final é o aumento da energia de impacto. Além disso, uma eventual colisão com um asteroidezinho do tamanho de uma bola de tênis causaria fatalmente um aborto na missão, e bem possivelmente uma carta de óbito para as famílias dos astronautas.

Por esse motivo é importante o desenvolvimento de escudos de deflexão constituídos de pura energia, capazes de repelir coisas sólidas e impedi-las de atingir o casco das naves. Quanto à radiação cósmica, por ser formadas de partículas carregadas ou ondas eletromagnéticas, ela pode ser defletida através de campos eletromagnéticos adequadamente estabelecidos em volta da nave.

Embora isso seja um produto da ficção, não se sabe ainda o que a ra-

dição cósmica pode produzir no homem quando exposto durante longo tempo. Por esse motivo existe uma grande preocupação da NASA em aperfeiçoar a estrutura do casco de suas naves no sentido de proteger seu interior contra radiação. A única opção no momento são ligas cerâmicas especiais, especialmente desenvolvidas para tal finalidade. Existe liga de cerâmica para tudo hoje em dia, anti-térmica, anti-neutrons, anti-o-escambau. É óbvio que elas não serão suficientes para nossa arremetida final às estrelas; até lá deveremos ter cascos mais frágeis que o de um fusca, porém defletores energéticos capazes de resistir a explosões nucleares. Só um detalhe que nos escapa e até o momento nenhum cientista da NASA levantou a questão: se supercondutores "bloqueiam" campos magnéticos externos (isto é, os campos não penetram nos materiais supercondutores), não seria possível recobrir nossas naves com uma fina malha supercondutora (como uma gaiola de Faraday) e bloquear pelo menos parte da radiação eletromagnética? Note-se que, longe das estrelas, a temperatura do espaço é próxima de zero, e poderíamos perfeitamente usar os "ineficientes" supercondutores que nossa ciência produz hoje!

As armas de raios já têm outra estória; se algum dia elas existirem como tal na FC, no nosso ponto de vista não terão nenhuma utilidade pré-concebida. Não que sejamos tão inocentes a ponto de não acreditarmos em guerras espaciais; os próprios humanos são de natureza belicosa (culpa do maldito Complexo-R), garantindo assim o desenvolvimento constante de armas e estratégias militares.

O princípio envolvido, tanto o funcionamento quanto na sua necessidade, reside na transmissão de energia pelo espaço entre o atirador e o alvo. Por que as armas de raio são tão importantes numa guerra espacial? A resposta a essa pergunta pode ser encontrada até num livrinho da série Perry Rhodan, quando de seu encontro com os Tópsidas. Na estória, os Ferrônios, habitantes de uma estrela de Vega, se vê atacado pelos Tópsidas, uma raça reptiliana bem mais desenvolvida. No contexto, os Tópsidas têm como armas sistemas que disparam feixes de energia à velocidades fotônicas, e os Ferrônios possuem bombas termonucleares adaptadas em ogivas de velocidades sub-fotônicas. Embora o poderio dessas ogivas fosse incontestável mesmo para os sistemas de defesa Tópsida, raramente eles atingiam o alvo, devido à facilidade das naves Tópsidas em acelerarem muito rapidamente.

É exatamente por esse motivo que o sistema de defesa espacial norte-americano apelidado de "Guerra nas Estrelas" prometia muito sucesso. O sistema deveria consistir em emissores de lasers de raios-X em órbita. Controlados por miras eletrônicas e computadorizadas, um sistema assim dificilmente deixaria de destruir ogivas em vôos sub-orbitais.

Os lasers de raios-X já existem desde o final da década de 80, e seu potencial de destruição foi testado várias vezes nas cavernas de Los Alamos. Por enquanto são os artefatos que mais se aproximam de uma arma de raios de Ficção Científica. Contudo, não são pequenos, não são leves e nem propiciam vários disparos sucessivos. O motivo é que simplesmente suas fontes de energias são explo-

sões termonucleares, logo após a explosão um pulso de laser é emitido mas o sistema é totalmente destruído. Existem emissores de laser não auto-destrutíveis, que emitem nas regiões do infravermelho e do ultra-violeta, com grande potência. Entretanto, sua utilização como arma está atualmente fadada ao fracasso devido ao fato de suas fontes de alimentação não se parecerem em nada com uma pilha de nove volts Ray-O-Vac, mas sim com refrigeradores, e resfriados a água. Uma arma como a dos Robinsons em *Perdidos no Espaço* deveria, pelos padrões atuais, estar ligada a um pequeno reator nuclear ou a uma usina hidrelétrica.

É óbvio que se a fusão nuclear fria surgir (estamos falando em mais vinte ou trinta anos, pelo menos), então se tornará viável a adaptação desses lasers como armas portáteis. Isto tendo em conta a conseqüente construção de micro-geradores elétricos da ordem de teravolts. Só esperamos que, quando esse dia chegar, tais armas não se mostrem inúteis contra alienígenas malignos (se eles existirem mesmo), em vez de atingi-los e observá-los apenas dar um passo para trás...

Uma possibilidade mais remota diz respeito à transmissão de energia elétrica por ondas de rádio. Uma vez concretizada, essa façanha permitiria energizar objetos à distância, transmitindo cargas elétricas por ondas de rádio que eletrificariam e destruiriam o alvo. Embora não nos lembremos de ter visto algo parecido em FC, a idéia original pertence a um cientista americano que passou grande parte de sua vida despendendo esforços na tentativa de tornar viável a transmissão de energia elétrica por rádio. Seu obje-

tivo não era construir nenhuma arma, mas a idéia não deve ter passada despercebida perante o Pentágono...

Mas para que pensar em armas para uma guerra espacial se ao menos temos certeza da existência dos aliens maudosos? Devemos sempre nos lembrar da possibilidade de guerreamos com nossa própria raça, tendo em vista que talvez sejamos os únicos no cosmos. Alguns de vocês podem estar querendo nos queimar na fogueira agora:

— Só esses imbecis não acreditam da existência de vida extra-terrestre!

Esperem um pouco; nós apenas admitimos essa hipótese, e quem não a admite deve ser um tanto inocente. Até o momento a única ferramenta científica capaz de nos propiciar contato com alguma civilização extra-terrestre é a radio-astronomia. Como citação, vale lembrar *Contato*, de Carl Sagan. A realidade porém tem se mostrado ligeiramente diferente, pois nossa escutadelas no céu não revelaram nada de positivo até agora. Não gastamos todos os cartuchos, é verdade, pois uma varredura completa no céu ainda deverá demorar uns cinquenta anos.

E para aqueles que esperam no terceiro milênio a chegada dos discos voadores no Planalto Central, uma pergunta séria: o que é um disco voador? Não cremos tratar-se de uma nave estelar pertencente à Federação Unida dos Planetas, mandada para nos vigiar e fazer as vezes de anjos da guarda. Nossa ciência pode não ser lá grande coisa, mas é tudo o que temos para definir nossa memória coletiva conhecida como Humanidade. É essa mesma ciência que nos mostra claramente as dificuldades de vôos interes-

telares nos moldes de viagens de ônibus em nossas cidades. Além de extremamente difícil acelerar até próximo da velocidade da luz (Somnium 42 e 43), existem outros problemas para os quais ninguém costuma dar a mínima. Os efeitos relativísticos quase nunca são considerados nas viagens fotônicas, e quanto mais uma hipotética nave se aproximar da velocidade da luz mais rápido o irmão gêmeo do piloto, que ficou na Terra, vai envelhecer. Como se pode então pensar num tráfego estelar mantendo padrões de contato em tempo real? A Enterprise viajou por toda a galáxia conhecida em cinco anos, e na Terra tudo evoluiu em cinco anos também... Isaac Asimov considera muitas vezes um universo pequenino e uma verdadeira leva de autores faz de conta que Einstein nunca existiu; salva-se na estória toda *Tau Zero*, de Poul Anderson.

Existe entretanto uma possibilidade capaz de resguardar aquilo que muitos chamam de transição. Numa transição, a espaçonave "desaparece" de uma região do espaço e "reaparece" em outra bem distante, instantaneamente. Um efeito semelhante ocorre realmente a nível quântico, e é conhecido como tunelamento.

No processo de tunelamento uma partícula (por exemplo um elétron preso ao núcleo através da força elétrica) está sujeita a um potencial (no caso, o potencial elétrico). Diz-se que ela está confinada, e pela mecânica clássica deveria permanecer assim para sempre. Mas, num dado momento, ela não sente mais esse potencial elétrico e escapa de núcleo. A isso chamamos de tunelamento. Uma analogia seria pensar uma espaçonave como sendo uma partícula e o espaço

físico como sendo a barreira de potencial. A transição seria o tunelamento, agora não a nível quântico, mas sim macro-molecular.

Não sabemos se esse tipo de coisa é realmente possível, mas deve estar muito além de nossa ciência (Somnium 47). E para mexer com nossas dúvidas, uma questão ainda mais sutil estará em aberto: a origem de poderes extra-sensoriais como um fenômeno puramente quântico. Se tais poderes atribuídos a certas pessoas pelos parapsicólogos realmente existem, pelo que se sabe atualmente eles obedecem uma certa estatística. Para quem não sabe, a Mecânica Quântica do universo da partículas sub-atômicas é em essência uma Mecânica Estatística, o que coloca nossa idéia como uma possível teoria. Em *Nuvem Negra*, de Fred Hoyle, a telepatia é tratada como assunto sério; nem com marginalização e muito menos com explicações baratas de boteco, entre a enésima e a enésima primeira rodadas de cerveja.

Poderes extra-sensoriais não fazem (ainda) parte do nosso arcabouço científico. Não podemos explicar a telepatia da mesma forma como não podemos explicar os discos voadores. Dessa forma, telepatia, telecinesia, teleportação, precognição e muitas outras capacidades são ainda nomes dados a efeitos de natureza profundamente estatística, e sobre os quais a ciência não tem controle *ainda* (e quando dizemos ciência queremos dizer a única ciência que existe, aquela que explica a luz elétrica, a televisão e o avião; qualquer tentativa de explicação fora dessa ciência pode ser considerada charlatanice). Todas e quaisquer explicações desses fenômenos devem estar unificadas às explicações que regem nosso universo, pois

quando criamos a ciência nós permitimos essa doutrina. Assim, tanto quanto esse seja uma assunto polêmico, ele é bem melhor tratado quando não explicado e sim apenas utilizado.

E apesar disso a telepatia pode ser bem estruturada num universo não-humano, no universo das máquinas. O que significa telepatia? Em simplórias palavras, "comunicação à distância". Mas isso é possível entre duas máquinas, dois computadores, dois robôs. Nesse caso a comunicação à distância pode perfeitamente ser possível através de rádio convencional. Aí algum espartinho pode dizer:

— Isso não tem nada a ver com telepatia.

Será mesmo? O fato é que do ponto de vista dos robôs eles são telepatas entre si. Em seu universo eles são telepatas, mesmo que não se dêem conta disso. Esta idéia ainda não foi seriamente explorada, pelo que nos consta, mas quem pode dizer com certeza são os ratos sagrados do Clube.

Uma sugestão interessante foi feita por Sagan em sua série *Cosmos*. Ele admite a hipótese de seres não mecânicos, mas elétricos. Seres substancialmente orgânicos e supercondutores coexistindo em planetas gelados e escuros. Essa idéia permite a concepção de uma raça mono-ser, já que os seres individuais podem estar em contato elétrico ou por ondas de rádio todo o tempo, quase instantaneamente. Isso não é novidade; foi justamente o argumento usado por Fred Hoyle para falar de telepatia. De qualquer forma ainda é um bom filão a ser explorado.

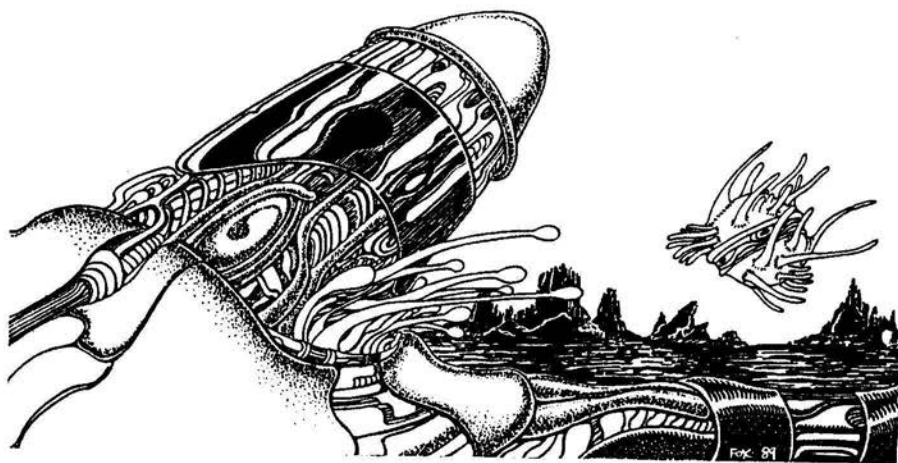
Se alguém duvida da possibilidade de supercondutores elétricos orgânicos, fiquem sabendo que eles já existem e operam numa temperatura

bem mais alta que os cerâmicos e metálicos. São os supercondutores cerâmicos, entretanto, os mais viáveis no momento. Vários centros de pesquisa como a Bellcore e a IBM poderão tornar reais os sonhos de H. V. Flory antes do fim do século. Quem assistiu ao *Exterminador do Futuro II* observou que a unidade fundamental do andróide interpretado pelo Schwarzenegger era um micro-chip. Aquela micro-chip tem de ser necessariamente supercondutor à temperatura ambiente, pois esta é a única maneira de se condensar tamanha quantidade de informação em bits. Não só a quantidade, mas também a velocidade necessária à simulação de funções humanas é algo não factível com os chips semi-condutores.

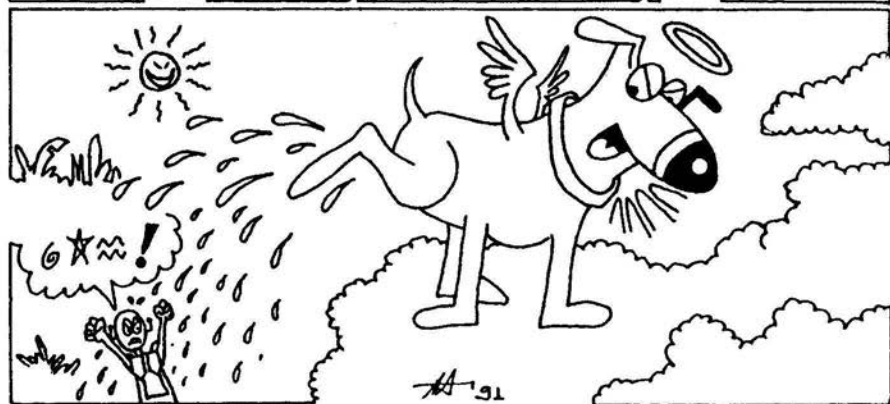
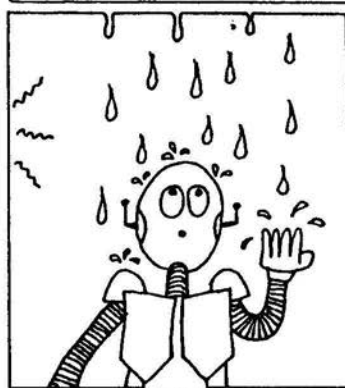
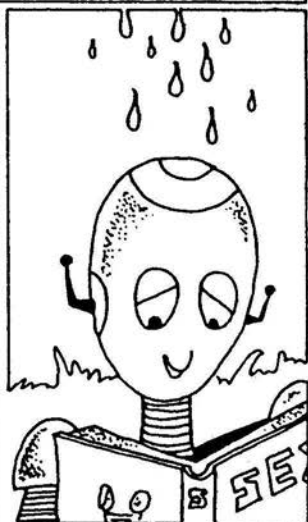
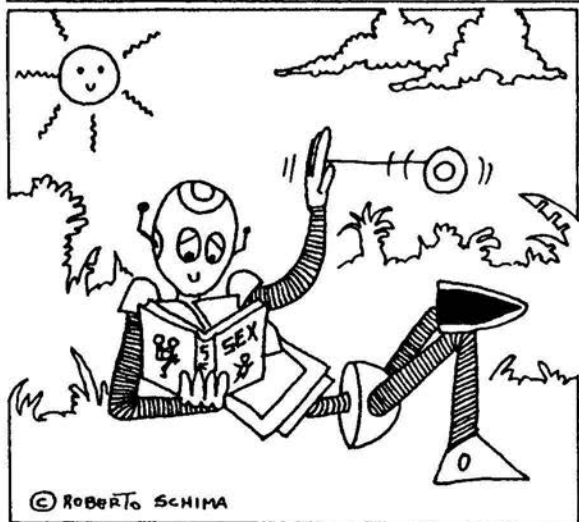
E o que dizer da mecânica fina, juntas metálicas simulando as articulações, braços, pernas, pescoços? Isso já é possível graças aos incríveis desenvolvimentos da engenharia de materiais e da bio-engenharia. Ninguém em nenhum lugar construiu um robô simulando perfeitamente o corpo hu-

mano. Não que seja impossível, mas sim inviável e custoso. Imaginar o futuro com máquinas de forma humana não é de bom senso. Primeiro porque para fazer as mesmas coisas dos humanos, não se precisa ter sua forma exata ou mesmo parecida. Quem duvidar disso faça uma visita ao Japão. Contudo, o desenvolvimento de próteses eletromecânicas pode ser não só útil como necessário. Partes do corpo destruídas em acidentes poderão ser substituídas por essas próteses cuja funcionalidade poderá ser até melhor que as originais. E já ouvimos essa estória também...

Mas outra tão factível quanto não é fazer andróides ou próteses mecânicas, mas fazê-las orgânicas como no clássico *Blade Runner*. Isto, entretanto, ainda vai demorar um pouco mais, e provavelmente não esbarre apenas nos entraves científicos, mas muito mais nos problemas morais e sociais que a engenharia genética parece estar trazendo à tona. Mas é outra conversa. Alguém se candidata?



ROBOZI: CHUYA(?)



Onde Nenhum Homem Jamais Esteve...

Ivo L. Heinz

● James Scotty Doohan disse em recente convenção que toda a *troupe* ficou satisfeita com ST VI e provavelmente haverá ST VII. Isso me lembra o filme *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu II*, onde se vê o cartaz de um ancião com luvas de boxe e a inscrição Rocky XXIII.

● Leonard Spock Nimoy vai mesmo aparecer em um episódio duplo da Nova Geração. Terá 130 anos e o cargo de embaixador. O título provisório é *The Unification*, e deve ir ao ar em novembro.

Enquanto isso, no Brasil

● Saiu finalmente o livro de ST da Aleph. O Sílvio pretende que a série seja bimestral. O nº 2 (*Encontro em Farpoint*) está indo para a gráfica estes dias. Particularmente, só não gostei da propaganda da coleção Zenith no meio de livro, entre um capítulo e outro. Mas a ótima capa e a boa impressão, além de um glossário detalhado para os menos por dentro estão de parabéns.

● Adiado, mais uma vez, o gibi e o álbum da NG pela Abril. Dizem que sai de dezembro. Não ponho fé.

● A Frota Estelar Brasileira está realmente de volta. Deu uma elogiada palestra em 26/09 para a turma de pós-graduação da Escola Superior de Propaganda e Marketing, sobre sua proposta pedagógica e ST em geral.

Ainda a Frota: sua última reunião (28/09) teve a participação de mais de 40 pessoas e a presença de um

dos dubladores do capitão Kirk, Emerson Camargo, que contou muitas coisas interessantes.

Fanzines

Neural Neutralizer vol. 17 nº 1 — Está de volta um bom fanzine, agora com orientação Klingon. São 52 páginas de informação, curiosidades, humor, etc. Escreva para Lyle Vansciver, 3301 S. Sheley Rd. Indep. M. O. 64052 - 2667, USA

LogBook vol. 2 nº 4 — Como já escrevi antes, o fanzine técnico de ST, construção de naceles, *warp*, notícias, modelismo, debates, etc.

Ótimo como sempre, feito com muito carinho, nunca atrasando e este mês traz uma edição especial extra com as plantas da USS Polaris, um cruzador pesado "ambientado" na Nova Geração. Cartas para Roy J. Firestone, 11400 Abby Lane, S. E. Clackamas, OR 97015, USA. Assinatura para estrangeiros, US\$ 28,00 por um ano, via aérea.

Diário de Bordo ano III, nº 7 — A Frota Estelar retornando e o boletim à tira-colo. Impressão a laser, diagramação por computador, artigos de André Carneiro, Pierluigi Piazzi, Paulo de Góei (CIC Vídeo), dentre outros.

Matérias de alto nível, nada do tipo "A amizade entre Kirk, Spock e McCoy". Os editores acham que Star Trek tem muito mais (eu também acho). Caixa Postal 14592, CEP 03698, São Paulo, SP

Luis Marcos da Fonseca

● No começo da década de 70, Jacques Sadoul, crítico e editor francês lançou no seio de uma coleção popular (*J'ai Lu*) uma série de títulos de FC. Comentando o fato ele diz: "para tentar veicular o gênero para além da fronteira do nosso público restrito (fãs), eu usei de um estratagemma: não fiz figurar a palavra ficção científica nos livros. Eu havia chegado à conclusão de que esta palavra estava ligada, para o grande público, a obras para adolescentes ou aborrecidos textos científicos". Sadoul publicou então Vogt, Clarke, Sturgeon, Simak, Lovecraft etc ao lado de Colette, Moravia, Mauriac e outros. A idéia deu realmente resultado. Um exemplo: o livro *O Mundo dos Não-A*, de Van Vogt, vendeu uma cifra superior a 320.000 exemplares(!) e a venda média da coleção por ano ultrapassa 1.5 milhão de exemplares. Tá uma boa dica para os nossos editores.

● Alguns dados sobre o terceiro leilão CLFC de ficção científica:

Número de sócios que deram lances: 29

Livros que obtiveram o maior número de lances: *Nuvem Negra* (Fred Hoyle) com 10 lances, arrematado pelo Luiz Callino por Cr\$ 2.160,00; *As Negras Crateras da Lua* (Robert Heinlein) com 9 lances, arrematado por Gerson Lodi Ribeiro por Cr\$ 2.100,00; *Ômega, O Planeta Dos Condenados* (Robert Schekley) com 7 lances, arrematado por Alexandre P. Santos por Cr\$ 2.100,00.

Gumercindo R. Dórea (113) deve estar muito satisfeito, pois coincidentemente os três livros foram por ele selecionados para figurarem em suas famosas coleções. Uma prova de seu apurado bom gosto.

● Prosseguindo em nossas histórias de fc ultra-curtas: *A Menor História de FC Jamais Contada*, por Roger Deeley (antologia *Generation*), editada por David Gerrold, Dell Books, N. Y., 1972:

"O Tempo extinguiu-se. Ontem."

(22 letras!!)

Recebemos recentemente uma contribuição para esse tema, de um dos nossos mais novos associados, Daniel Fresnot, autor pela editora Marco Zero da excelente obra de FC *A Terceira Expedição*. Vamos à micro-história do Daniel:

"Ele estava finalmente chegando à 5ª galáxia do Grande Xhôr quando, por descuido, foi desconectado."

(15 palavras)

● O famoso escritor (precoce-mente falecido) Ciryil M. Kornbluth comentando a respeito do âmbito da ficção científica como gênero literário (um tema bastante discutido nos números iniciais do *Somnium*, agora momentaneamente esquecido pelos associados) numa passagem da sua obra *The Science Fiction Novel* diz: "Alguns fãs especializados no estudo da FC se tornam verdadeiros Hitleres no desejo de aumentar o seu domínio. Se eles descobrem, por exemplo, numa

sátira do século XVII, algum elemento vagamente especulativo, imediatamente anexam a referida sátira à FC". Sadoul, na obra referida anteriormente, citando C. M. Kornbluth, observa: "me guardarei de cair nessa espécie de paranóia e me contentarei em enumerar aqui alguns escritos que foram indubitavelmente precursores do gênero". Essa "espécie de paranóia" grassou de vento em popa uma temporada no CLFC. Agora as coisas andam um pouco mais calmas (e a carapuça é de graça!). A propósito: Sadoul cita como o primeiro texto indiscutivelmente vinculado à FC o diálogo *Icaro-Menipus*, de Luciano de Samosata, escritor grego que viveu entre 125 e 195 A. C.. Esse diálogo é o relato de uma viagem à Lua, tema também elaborado pelo mesmo autor em sua outra obra *A História Verdadeira*.

● Claudio Feldman é escritor, autor de quase vinte livros, alguns com contos na linha do realismo fantástico. Adquiriu o Somnium na nossa única "distribuidora", a livraria Temos Livros em São Paulo, e entusiasmou-se com o nosso fanzine, escrevendo uma calorosa carta ao nosso editor. De quebra, nos manda o seguinte miniconto:

"Um dia, três cientistas elaboraram um adubo que, além de aumentar as plantas úteis cultivadas, suprimia totalmente as pragas.

E os vegetais invadiram de tal modo as fazendas e o mercado que seus preços quase caíram a zero.

Revoltados, os negociantes enforcaram os cientistas nos galhos de um pé de alface."

Tem sua lógica... mas o recorde nacional continua com o Daniel.

● Em meados de fevereiro deste ano, Zé Fernandes, Jorge Luis Calife e eu nos reunimos na casa do Zé,

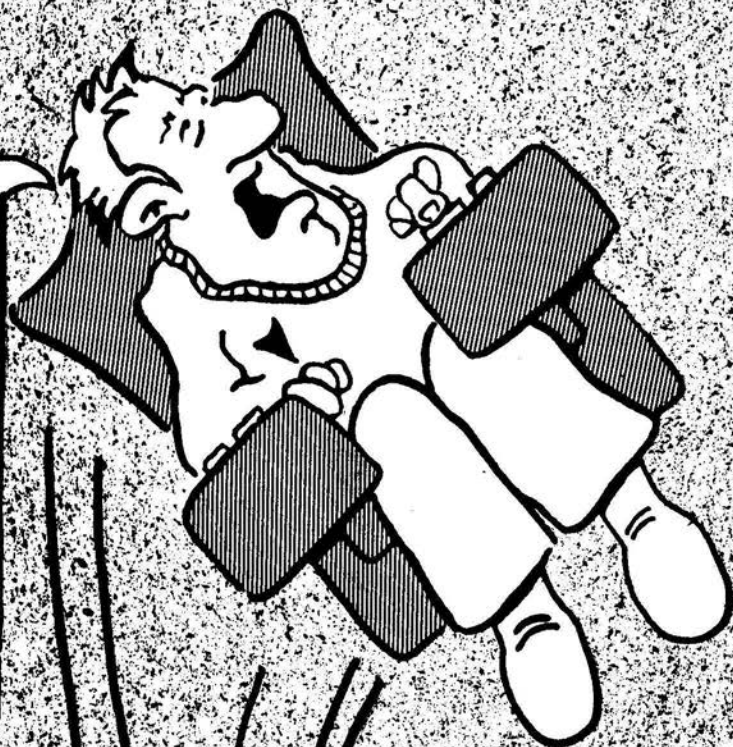
no Rio de Janeiro, para uma dura tarefa: escolher entre os mais de quatrocentos contos concorrentes os vencedores do concurso da IAM. Depois de uma boa "briga", chegamos ao resultado que todos conhecem. Mas uma história que correu nos bastidores foi que, lá pelas tantas, o Zé defendia com unhas e dentes dois contos de um autor de pseudônimo Orion. Argumentava mais ou menos assim:

"Vejam, esse autor, escolhi seus contos para primeiro e segundo lugares, são contos bem escritos, bem amarrados e com um detalhe importante: ao contrário do contos do Causo, estes não necessitam de heróis do tipo Rambo, Bradock, Lobos etc..."

Quem lê regularmente nosso fanzine acompanhou a bem humorada troca de correspondência entre o Causo e o Zé sobre a resenha feita pelo segundo sobre o conto *Linhas Cruzadas* do primeiro. Mas qual é a curiosidade embutida nesse *affaire*? Bem, Orion é o autor do conto colocado em terceiro lugar na IAM (*Patrulha Para o Desconhecido*, IAM 14), e também de *Tocar os Anjos*, publicado nesta edição do Somnium, e que o Zé queria por todas as formas que também fosse classificado no concurso...

Como jurado da IAM também apreciei bastante os contos em questão (mais ainda este aqui publicado), principalmente por serem bem escritos. Não os elegi na ocasião porque, particularmente, não gosto muito dos temas, com fortes componentes ufológicos e de misticismo. Nada contra (totalmente). Só que acho nossa literatura (de FC ou não) e leitores (principalmente) muito imbuidos no misticismo e na ufologia. Os Paulo Coelho e B. B. Jenitez epa!... J. J. Benitez que o digam...

ALO, MANUTENÇÃO? POR
CURIOSIDADE, COMO VÃO
INDO OS REPAROS COM
OS ASSENTOS EJETORES?



Aquiles e a Tartaruga

Fábio Fernandes

Mas quando é que chega o nunca?

Isso eu havia pensado — se é que os senhores se lembram — antes de começar a contar de um a um trilhão. Quando eu estava. Isso, quando. Quando não havia um quando.

Antes, naturalmente, de que eu pudesse, de que eu, ou melhor, os meus neurônios, ajudados pelas sempre fiéis e prestativas sinapses (aplausos) formassem a configuração específica e nunca mais duplicada, pois essas combinações jamais se repetem, apenas se assemelham, você sabia?

Plim.

Plim.

Plim.

Não sei que horas são.

Ou melhor: não há horas. O tempo aqui, é, mais do que nunca, um bloco só. Um horizonte de eventos portátil. Outra de minhas metáforas construídas a bordo da nave com o motor do filho da puta do falecido Larsenn. Se vocês se lembram, isso aconteceu quando — quando havia quando, bem entendido — a gente, digo, eu, Lima, mais Pierre e Saul, montamos na nave do outro grandíssimo filho de uma vaca, o doutor Webster. Um pulinho a Vega, disse ele. Um pulinho a uma estrela a 27 anos-luz da Terra, mas que com o motor Larsenn não duraria mais que um piscar de olhos.

Aí (rufar de tambores, bem baixinho, aumentando progressivamente) entramos no famoso campo da filosofia (estrondo de pratos):

Quanto dura um piscar de olhos?

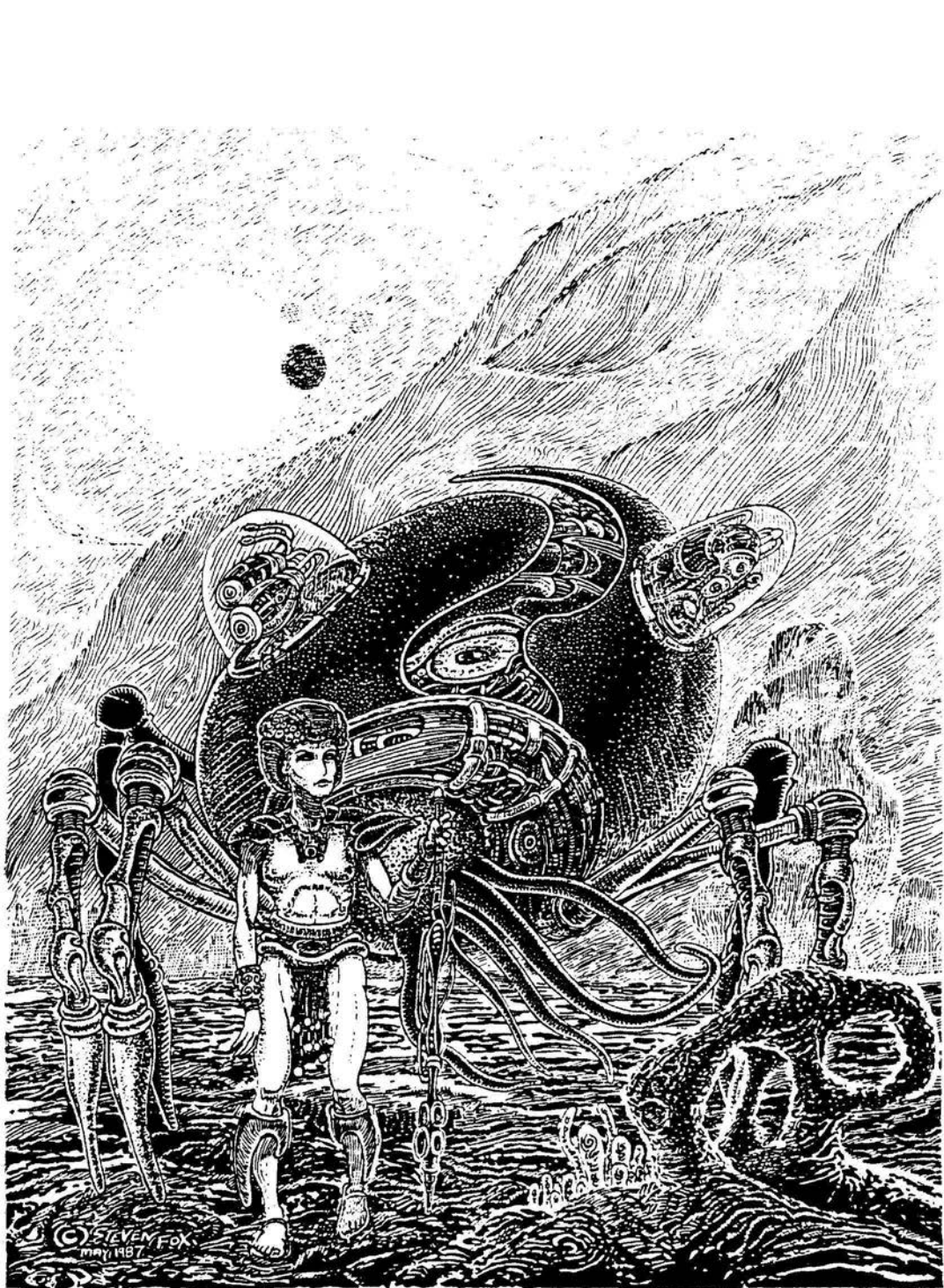
(A platéia alucinada faz um *oooohhh!* em uníssono)

Foi então que a configuração das minhas sinapses, nunca duplicada, mas sempre imitada, chegou à imagem que eu estava catando na minha cabeça desde antes de contar de um a um milhão, ou seja, há mais tempo subjetivo do que os senhores poderiam imaginar: Aquiles e a tartaruga.

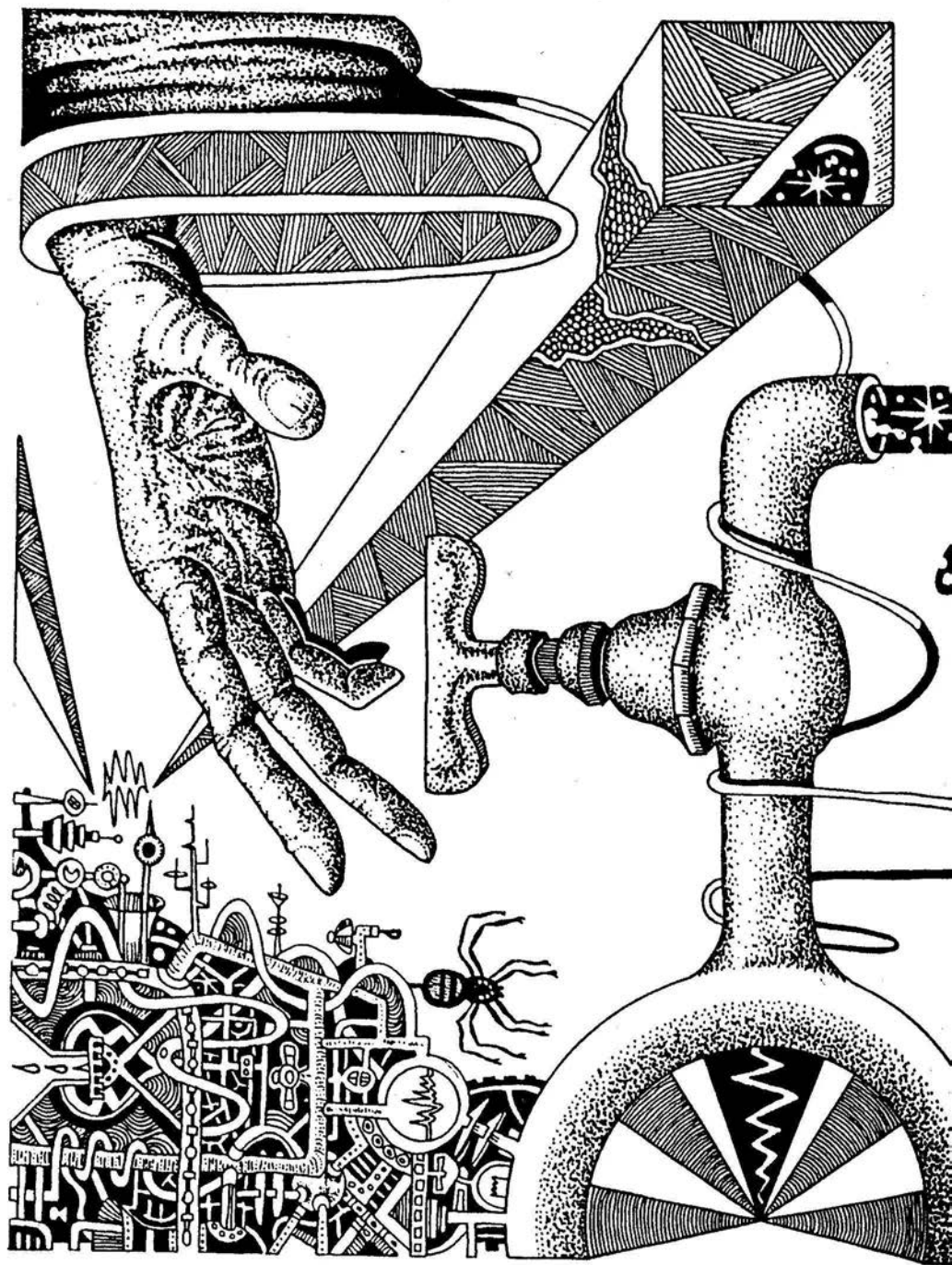
Claro, nesta época em que não se lê, e em que todos mergulham até o pescoço nos simuladores sensoriais, deve ter uma cambada de idiotas na frente dos meus pensamentos se perguntando: esse idiota confundiu tudo: a história não é a lebre e a tartaruga? Aí eu respondo triunfante: não, seus babacas, essa é a fábula popular; estou falando da questão filosófica!

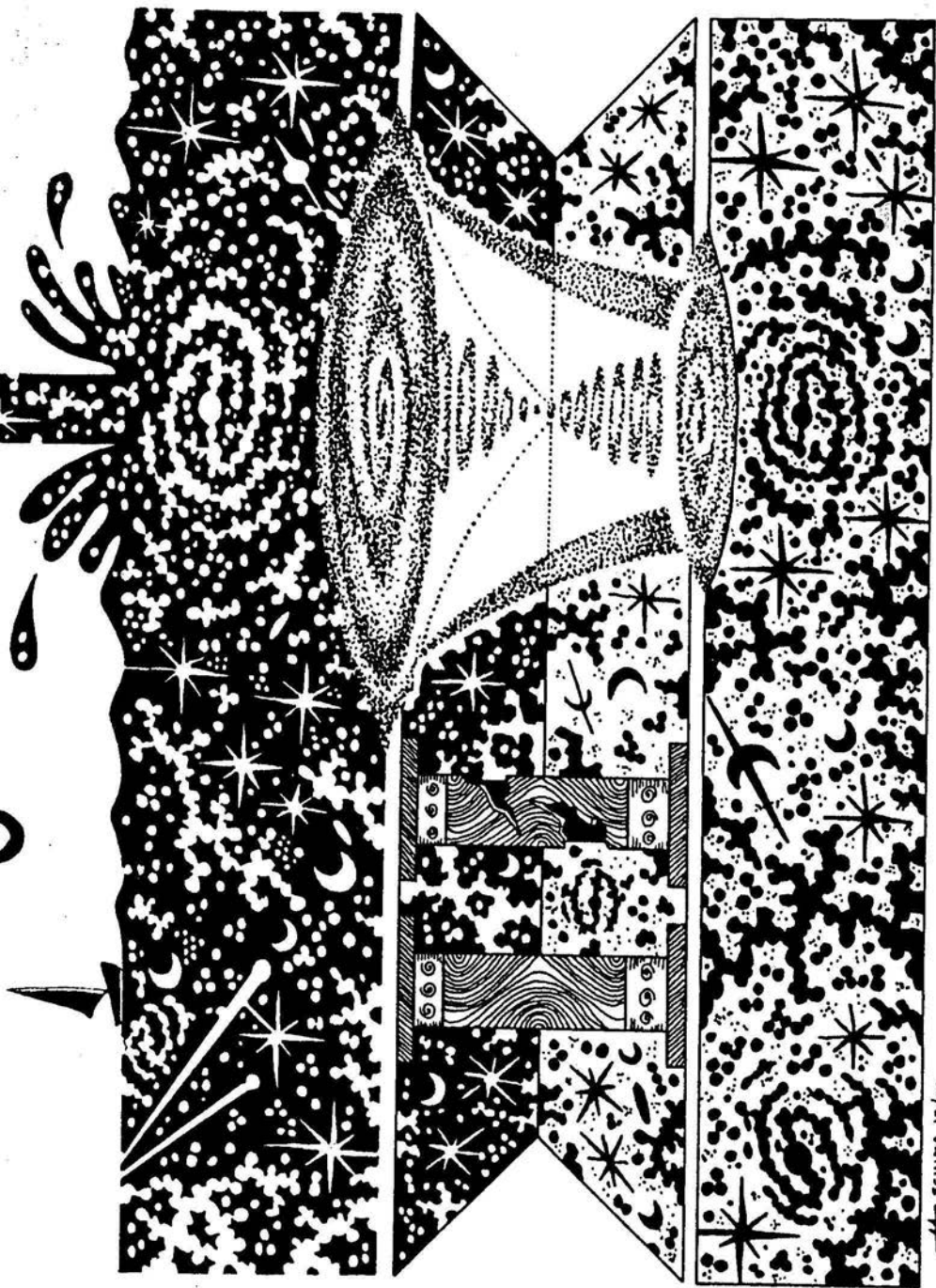
(aplausos **realmente** entusiásticos; apupos)

Isso é uma coisa lá da Grécia Antiga, ou seja, lá pelos idos da puta que o pariu (risos). Um tal de Zenon de Eléia formulou a seguinte hipótese: suponhamos que Aquiles, vocês sabem quem é o sujeito, corra exatamente dez vezes mais rápido que a tartaruga. E suponhamos que os dois



© STEVEN FOX
MAY 1987





77 25HINA 12/50



tomassem parte numa competição.
Corrida de fundo é pouco, heim?
(gargalhadas)

Bom, então vamos dar uma vantagem à pobrezinha da tartaruga e colocá-la na *pole position*, a dez metros à frente de Aquiles. Foi dada a largada! Resultado? Quando Aquiles tiver percorrido os dez primeiros metros, a tartaruga terá percorrido um metro. Quando Aquiles vencer esse metro (estão gostando do estilo?), o diabo da bichinha já terá caminhado mais um décimo de metro. E assim por diante. Ou seja, Aquiles chegará cada vez mais perto, mas nunca a alcançará.

Claro que tudo isso é uma tremenda duma cascata. Todo mundo sabe que, na vida real, Aquiles ultrapassaria a tartaruga e pronto! Qual é o problema? Não é apenas um paradoxo?

Seria apenas um paradoxo. Se não estivéssemos envolvidos nele.

(música triste de fundo; ouve-se uma lágrima na claqué)

Pensei nisso depois de contar até um trilhão, na verdade até 298 bilhões, 440 milhões, 833 mil e quinhentos e sessenta, mas eu também não sou tão preocupado com essas coisas. O que eu estava pensando era que a viagem até Vega compreende um trecho finito de espaço, mesmo com uma dobra e toda essa perfumaria científica. Então é sinal de que um dia chegaremos.

Mas por que não sentimos nada?

Será que existe algum mecanismo de retardo em nossas mentes que nos tenha "paralisado" para nos poupar do efeito de um choque? Será que as coisas ao nosso redor já voltaram ao movimento e nós estamos parados por conta de algum efeito retardado de tabela? Será?

*Será que é imaginação?
Será que nada vai acontecer
Será que é tudo em vão
Será que vamos conseguir vencer?*

(Será, Legião Urbana)
(aplausos e bis)

Obrigado, obrigado. Mas o assunto é sério. Afinal, senhoras e senhores, não temos a noite toda...

(risos nervosos)

De qualquer forma, se minha teoria estiver certa, um dia sairemos dessa barafunda toda.

Um salto para o de repente ou O Anjo Exterminador Versão Remix: em Vega.

Meus olhos não cabem em si de tão contentes. Piscavam sem parar.

Olho para Pierre e Saul. Nenhum de nós consegue falar nada. Eles também sentiram tudo o que se passou.

Não sei quando, não sei como: foi assim, assim. De repente. Quando dei por mim, foi como se o efeito daquilo que tanto tempo durou em nossas mentes, pelo menos subjetivamente, tivesse acabado.

Mas durou tanto.

Estamos cansados, todos. Fisicamente não, claro; tempo algum se passou para nossos corpos. Mas nas nossas cabeças, quanta diferença!

Só que não há mais risos.

Instintivamente, como se não precisássemos de palavras para nos comunicarmos, olhamos para a janela da nave. O vácuo agora tornou a ser imaginável. Vega brilha ocupando azul metade da tela. Abaixo de nós há um planeta.

Depois de muito tempo é que percebemos: há uma mensagem da Terra em *stand-by* no monitor, aguardando a aprovação nossa. Mas não respondemos.

Estamos com os olhos ocupados ocupando o espaço da tela, do vácuo lá fora. De um espaço que violamos e que em troca nos violou.

Quase ao mesmo tempo, num imenso ato falho olhamos para os con-

troles que acionam o motor Larsenn para a volta. Apenas olhamos.

Nota: o conto acima é uma continuação não autorizada de *O Vácuo, o Inimaginável Vácuo*, de José dos Santos Fernandes, conforme a versão publicada na coletânea *Do Outro Lado do Tempo*, da editora GRD.

Gênese, Natureza Viva e Cosmogonia I

ARAN

1 — Manifesto do Geneticismo

Dissimular o estado de decadência a que chegamos seria o cúmulo da insensatez. O homem moderno é um insensível. Quotidiano morto, arte morta, vida morta. Irremediavelmente morta. Cadavérica. É preciso dizer não à morte. Eros vencendo Thanatos.

O geneticismo proclama a vida. A nova era da vida.

Bioarte: morte aos consumidores burgueses. Morte às cidades-cubos. Morte à aberração da morte. Queremos vida. O geneticismo cria vida para condenar a velha ordem à morte.

Bioarte: a vida que matará a arte-morte. Morte à arte morta. Viva a arte viva. Viva a bioarte.

2 — Vida

Wagner Krupa, crítico de arte, lia o Manifesto do Geneticismo quando o papel em sua mão moveu-se violentamente, jogou-se no chão, enro-

lou-se sobre si mesmo e, rapidamente, correu até a porta. Deslizou pela fresta e desapareceu. Krupa, atônito, notou que estava diante de um prodígio da engenharia genética. A bioarte não era apenas mais um movimento vanguardista condenado a desaparecer em poucos dias. Seria um excelente tema para o próximo número da revista Breton.

3 — Breton

Ainda trêmulo, Krupa caminhou até a janela de vidro e ficou olhando os apelos luminosos — compre, grátis, liquidação, pague um e leve dois, queima total — espalhados pela Shopping City 42. Vinte mil consumidores viviam ali, naquele imenso cubo de concreto e aço, protegidos da barbárie que imperava no “mundo exterior”. Lá fora, o governo tentava conter a guerra entre monarquistas — liderados pelo autoproclamado imperador Dom Pedrinho de Orleans — e

os fanáticos Marxistas Teocráticos. Aqui, e em outras 92 cidades-cubos espalhadas pelo país, a vida continuava: 10 mil lojas, 5 mil bares, 500 clubes noturnos, 6 jornais diários, treze estações de tevê, seis revistas de arte. Wagner Krupa, o mais temido dos críticos da Shopping 42, emprestava seu talento à todas elas, mas editava sua própria publicação: Breton, uma revista sempre aberta às novas tendências artísticas, desde que lucrativas e que os autores fossem amigos pessoais do editor.

4 – Parnasianos

Os geneticistas fariam sua primeira exposição naquela noite (graças à sua iluminação artificial, a Shopping city 42 não precisava das noites, mas elas continuavam tendo um apelo co-



mercial inigualável). A Exposição seria na Galeria Vanguard, na rua 3 com avenida 72. Wagner Krupa estava jurado de morte pelos parnasianos neoconcretos – “um excremento passadista que não merece sequer o desprezo de uma ameaça marciana”, escrevera ele em Breton – mas, mesmo assim, resolveu olhar a exposição de perto.

5 – Zen

À bordo de seu triciclo movido à água (não poluente, resistente, rápido e com seis meses de garantia), Wagner Krupa deslizou rapidamente pelas ruas de borracha da Shopping City. Passou pela rua 27 (frios em geral, frutas e verduras sintéticas frescas, produzidas aqui mesmo), cruzou a 45 (cirurgiões plásticos, pílulas térmicas, última moda nas colônias uranianas e acessórios diversos). Na 27, o trânsito estava parado. Zen budistas armados enfrentavam os Junguianos Devotos de Nossa Senhora das Dores. A liberdade de culto era total na Shopping City 42 (um ótimo negócio para os fabricantes de velas e estatuetas de plástico). Apenas os marxistas teocráticos estavam proibidos de pregar na cidade. Suas atividades terroristas incomodavam os consumidores e, além do mais, não ficaria bem que alguém fizesse discursos ali, bem no meio da Shopping City, prometendo o “paraíso proletário” apenas para os “pobres massacrados pelos meios de produção”. Wagner Krupa ficou parado 32 minutos no engarrafamento e foi obrigado a comprar vários incensos Hare Khrisna, três caixas de goma de mascar (venusiana) e até uma pistola de raios térmicos. Depois seguiu pela 32 e chegou à Rua 3, onde ficava a Vanguard.

6 – Avangard

Na pequena galeria Avangard, circulavam os fregueses habituais: lindas mulheres com poodles cibernéticos, homens trajando ternos plásticos de cores berrantes, vários jovens com roupas transparentes, dois cantores com cabelos esculpidos em formas piramidais e alguns robôs pedantes que discursavam sobre a “falta de emotividade na arte produzida por humanos”.

7 – Gênese

Na sala ao lado, os geneticistas expunham suas bio-obras: Gênese, Natureza Viva e Cosmogonia I. Gênese era um cubo esverdeado, cortado por listas multicores. Wagner Krupa olhou-o de perto e notou que sua superfície movia-se lentamente, como se a escultura respirasse em intervalos regulares.

8 – Natureza Viva

A segunda obra, Natureza Viva, era composta de seis microseres de

cores vibrantes que circulavam dentro de um aquário de plástico, imersos num líquido esverdeado. Alguns lembravam peixinhos dourados sintéticos. Outros, pequenas esferas, cheias de pontas.

9 – Cosmogonia I

Cosmogonia I, a terceira bio-obra, era uma escultura estática, em forma de “oito”. Tinha um cheiro adocicado e, através de seu “corpo”, podia-se perceber que um líquido espesso, roxo, a enchia por inteiro.

10 – O autor

“A genética finalmente se transformou em arte!”, pensou Wagner Krupa. A nova edição de Breton seria um sucesso com uma reportagem dessas. Pensando em cifras, e em acrescentar uma daquelas bio-obras à sua coleção de arte, Krupa procurou pelo autor, entre as inúmeras pessoas que bebiam vinho branco marciano e comiam camarões-venusianos fritos. Logo, percebeu um oriental baixinho, cercado por algumas jovens que o o-



lhavam extasiadas, como se estivessem diante do próprio Apolo. Krupa apresentou-se e entregou seu cartão de visitas holográfico.

“Wagner Krupa? É um prazer recebê-lo aqui”, disse o artista.

“Sou Yoshi Hiroshima, o criador do geneticismo. você gostou das minhas bio-obras?”

“Bem”, disse Wagner Krupa, “elas me lembram as bisonhas tentativas de Anatole Auguste que, em 2037, tentou fazer arte com elementos da robótica avançada...”

“Não, não me compare com os roboticistas, por favor. Minha arte é viva! Pulsante! Todas essas obras são seres vivos, em evolução!”

“Evolução?”

“Sim, este é o aspecto que eles têm no momento. Mas, com o passar do tempo, eles, naturalmente, assumirão novas formas, cores e tamanhos. Nós estamos diante de uma arte viva!”

“Mas... isto é realmente...”

“Elas são alimentadas, ou melhor, regadas com uma sopa de nutrientes preparada com fungos e bactérias. Não é genial?”

“Bem, não há dúvida de que o geneticismo pode revolucionar a história da arte...”

“Este elogio, vindo do senhor...”

“Obrigado. Pretendo fazer uma ampla matéria no próximo número de Breton. Mas, entenda, eu precisaria de umas dessas obras, para observá-la melhor, com calma, em minha casa...”

“Não se preocupe. Eu já estava mesmo pensando em presentear-lo com Cosmogonia I. Você poderá levá-las assim que a exposição terminar, em algumas semanas”.

“Qual o preço que pretende alcançar no mercado com a bio-arte?”

“Bem, elas não são fabricadas em série, a produção é pequena. E exigem especialização em engenharia genética, além de dons artísticos, naturalmente. Mas qualquer industrial poderá ter uma bio-arte em seu escritório, muito em breve!”.

11 – Arestas

No dia seguinte, Wagner Krupa voltou à Avangard, acompanhado de Gina, uma belíssima italiana que fotografava obras de arte para Breton. Circulando entre as bio-esculturas, Krupa notou que Gênese estava levemente mudada. A superfície lisa do cubo não era mais lisa: agora tinha minúsculas arestas vermelhas, como espinhos. Krupa pensou que, assim como “respirava”, Gênese também alterava sua superfície e não se preocupou com o assunto.

12 – Tentáculos

Nos dias que se seguiram, as arestas vermelhas de Gênese cresceram e acabaram se transformando em pequenos tentáculos multicores. A população de Natureza Viva praticamente triplicaria: agora eram quinze microseres circulando no pequeno aquário. E Cosmogonia I deixara de ser um “oito” para se transformar num “nove”, um pouco maior. O geneticismo era a nova estrela da cidade. As bio-esculturas foram estampadas em roupas, viraram marcas de bebidas e até deram nome a um novo grupo de tecno-rumba – Los Geneticistas. Yoshi Hiroshima virou garoto-propaganda de um novíssimo modelo de triciclo, movido a resíduos orgânicos reaproveitados.

13 – Thanatos

No início da semana seguinte, Adelaide Pompeu Manganês, esposa do fabricante de preservativos masculinos, Aristides Manganês, resolveu passear na Avangard com seu poodle cibernético. Foi quando aconteceu o inesperado. Os tentáculos, já bem longos, de Gênese pegaram o pobre animal biônico e o reduziram a cacos. Na tentativa de salvar seu mascote, Adelaide Pompeu Manganês avançou na direção da bio-obra e foi esmagada por Cosmogonia I, que, ninguém sabe como, agora se deslocava lentamente pelo salão. Os microseres — agora não tão micros — de Natureza Viva se atiraram ávidos sobre o sangue que se espalhou pelo chão. As colunas sociais de cinco dos seis jornais de Shopping City lamentaram o ocorrido.

14 – Horror

Quando o dia nasceu artificialmente na manhã que sucedeu o trágico acidente, as “Naturezas Vivas” já infestavam a galeria inteira e atacavam todos os que se aproximavam da sala de exposição. Os tentáculos de Gênese avançavam para fora das janelas e perseguiam os pacatos frequentadores do Holocine Artístico, na calçada da frente.

E Cosmogonia I crescera tanto que já forçava o teto da Avangard.

15 – Pânico

Noticiário da TV Hetero, dirigida pela Minoria Heterossexual Organizada:

“...cinco pessoas já foram devoradas por essas aberrações chamadas bio-esculturas. As criaturas tomaram totalmente a galeria Avangard e já atacam os consumidores na rua 3 e na avenida 72. Não se iludam! Esta é uma

tentativa do poder homossexual de destruir os heterossexuais. Dos cinco mortos, apenas dois eram homossexuais! A bio-arte deve ser destruída!”

Noticiário da tevê Zen, dirigida pela Comunidade Zen Budista Armada pela Paz Mundial:

“Uma flor não ataca seres humanos. Nem mesmo uma flor cibernética! Existir... é o que todos nós queremos. Existir e evoluir. Mas a bio-arte é uma afronta à liberdade de ir e vir dos consumidores! Morte à bio-arte!”

Noticiário da tevê Cavalgada das Walquírias, controlada pelo Partido Hitlerista Moderado:

“... é uma artimanha do judaísmo internacional para destruir a Shopping 42! Nós sabemos que os sionistas apóiam os Marxistas Teocráticos que, por sua vez, estão loucos para invadir a cidade e matar todos nós!”

Noticiário da tevê Gaia, do Comando Ecológico Boto Cor-de-Rosa:

“As bio-esculturas têm direita à vida! O que são alguns seres humanos quando o que está em jogo é uma nova e revolucionária forma de vida?”

16 – Contra-ataque

O Comitê de Defesa dos Consumidores de Shopping City cercou a Avangard e disparou seu canhão de raios térmicos. Cosmogonia I continuou crescendo. As naturezas vivas morderam os membros do comitê, que fugiram assustados.

Tentaram usar desfolhantes químicos, mas os tentáculos de Gênese os desarmaram e os arrastaram para dentro da galeria, onde foram devorados.

Na terceira vez, uma brigada atacou com lança-chamas, mas Cosmo-

gônia atirou uma chuva de líquido roxo, gosmento, destruindo as armas totalmente.

No dia seguinte, os tentáculos de Gênese invadiram todas as lojas da região, impedindo o comércio. E as pequenas naturezas vivas atacavam os consumidores, nas ruas vizinhas, provocando uma grande queda na atividade econômica. Cosmogonia I, cada vez mais imensa, aproximava-se perigosamente do teto da Shopping City. Se o teto desabasse, a cidade poderia se invadida pelos Marxistas Teocráticos que, provavelmente, queimariam todos os habitantes como "hereges pequeno-burgueses". Ou pelos monarquistas, que degolariam todos como "republicanos decadentes". A situação estava ficando cada vez mais perigosa.

17 – Convocação

Wagner Krupa discutia com alguns amigos o papel do surrealismo na música pop do século XX, quando bateram à sua porta. Era um oficial do Comitê de Defesa dos Consumidores.

"Wagner Krupa, o senhor acaba de ser convocado para o Comitê de Defesa dos Consumidores de Shopping City 42".

"Mas, meu senhor, eu sou apenas um crítico de arte. Deve haver algum engano".

"É por isso mesmo. Aquelas coisas são, por definição, obras da arte. Nós precisamos destruí-las! Faremos um grande debate para encontrarmos a solução. Creia-me, sua presença será muito importante!"

18 – Debate

O debate foi transmitido por um pool de 11 emissoras de tevê e alcançou grande índice de audiência. No comando, Nagô Kilimanjaro, o entre-

vistador mais badalado da-tevê Afrikander, do Movimento Negro Ganga Zumba. Kilimanjaro, entretanto, não era negro. Era um imenso cérebro humano, que boiava num aquário transparente, cheio de fios. Seu senso de humor e sua inteligência eram notáveis. Os debatedores eram Wagner Krupa, o artista Yoshi Hiroshima, o líder do Partido Hitlerista Moderado, Herman Goodman, e mais algumas personalidades do momento. Alguns fragmentos:

Kilimanjaro: Bem, comecemos nosso debate com o criador dessas... coisas, o senhor Yoshi Hiroshima. Diga-me, Hiroshima, o senhor teria coragem de presentear sua mãe com uma de suas bio-esculturas?

(gargalhadas)

Hiroshima: Algo saiu errado... elas... eu não sei como...

Kilimanjaro: O senhor se sente um assassino ou um artista?

Hiroshima: Eu sou um artista! Apenas acho que algo...

Kilimanjaro: Obrigado, Hiroshima. E o crítico de arte, Wagner Krupa? Senhor Krupa, Hiroshima é um artista?

Krupa: Bem, por definição, qualquer atividade criadora, mesmo destrutiva, pode ser considerada artística. Desde que isso, naturalmente, não destrua vidas humanas.

Kilimanjaro: Você levaria um daqueles monstros infernais chamados Naturezas Vivas para sua casa, senhor Krupa?

Krupa: Bem, Kilimanjaro, a nível artístico, devo considerar que a bio-arte é, de fato, uma criação estética sem precedentes e...

Herman Goodman: É um crime! Defender a bio-arte é um crime! Nós temos que destruir esta nojeira!

Isto é uma intriga do sionismo internacional! Não devemos nos render! Matemos todos os descendentes de Abraão e...

Kilimanjaro: Senhor Goodman, por favor, contenha-se. Ou serei obrigado a contar a piada do nazista que morreu, chegou ao céu e deu de cara com Moisés... (gargalhadas)



Kilimanjaro: Senhor Krupa, como crítico de arte, o que acha o senhor deste trágico momento que atravessamos?

Krupa: Bem, estamos diante de algo inédito na história da arte: uma arte viva. Sendo assim, devemos nos perguntar: o que impulsiona esses seres para a vida? Qual sua motivação para viver? Se levarmos em consideração que o Manifesto Geneticista, muito mal escrito, por sinal, afirma que a bioarte quer a "morte aos consumidores burgueses" ou "a morte às cidades-cubos", não é difícil conceber que as bioesculturas, naturalmente, vivem para matar. Elas vivem para nos destruir! Eu diria que elas foram psicologicamente influenciadas por seu criador. E estão levando muito a sério o Manifesto do Geneticismo. A bioarte vive para "condenar a velha ordem à morte". Iniciar uma "nova era".

Kilimanjaro: Curioso. Então elas apenas fazem o que o manifesto propõe: a destruição do nosso sistema. Mas, diga-me, como poderíamos destruí-las? Tudo já foi tentando e Shopping City 42 corre perigo.

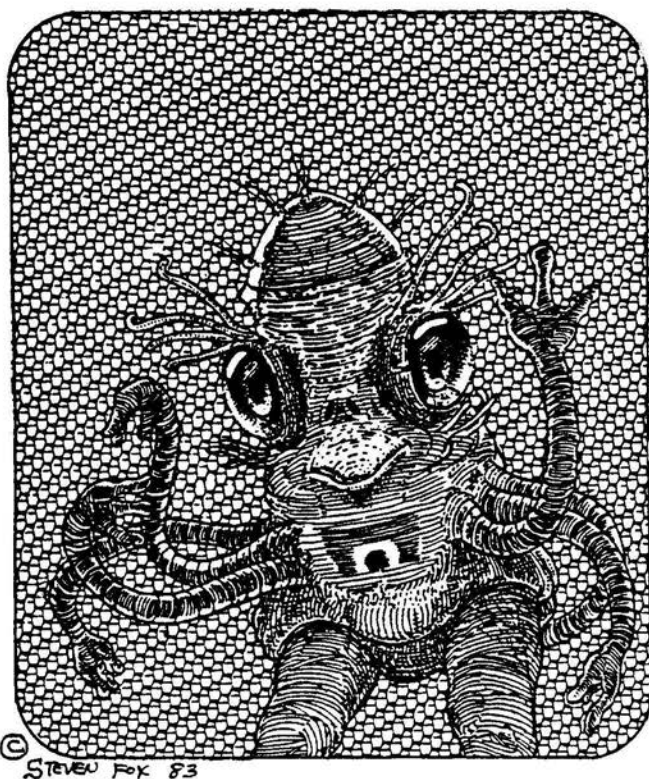
Krupa: Posso estar enganado, Kilimanjaro, mas acho que tenho a solução.

19 - Conflito Final

Na manhã seguinte, uma multidão se aglomerava na área próxima

à avenida 72, interdita pelo Comitê de Defesa dos Consumidores. As bioesculturas continuavam crescendo, mas agora já não conseguiam alcançar nenhum consumidor desatento. As Naturezas Vivas, entretanto, pulavam no meio das pessoas, mordendo suas pernas ou enroscando-se em seus cabelos. Wagner Krupa chegou em seu triciclo, com muitos papéis na mão. Um oficial o conduziu até um microfone. Krupa, pegou os papéis, organizou-os e começou a ler. O som se espalhava por toda a região, através de possantes altofalantes:

"...um embuste! Na verdade, como diria Aquiles Átila, é uma negação da própria história da arte". O geneticismo comete os mesmos erros históricos do roboticismo e do artificialismo: reduz a arte à um jogo matemático idiota, típico de uma anta mercuriana. Combinações celulares ou combinações de microchips não podem, por definição, transformar nada em arte! O que há de artístico numa equação matemática? O que há de vida num teorema? Nada. Pois é assim que a arte "viva" é feita. Simples combinação matemática de genes. Estamos diante do mais arrogante artificialismo. A arte que se propõe a destruir a "arte morta" é, na verdade, apenas um agrupamento de moléculas produzido em laboratório. Frio e morto. Não é vida. Não é arte. A bioarte e o geneticismo são apenas um embuste!" Assim que Krupa terminou a leitura, as bio-obras começaram a se desfazer. Os tentáculos de Gênese caíram pesadamente ao chão, inertes. Cosmogonia I dobrou sobre si e foi murchando, diante dos olhos atônitos dos consumidores. As naturezas Vivas



caíram ao chão e ficaram paralisadas. Mortas. O pesadelo havia acabado.

20 — Epílogo

Wagner Krupa transformou-se no herói do momento na Shopping City 42. Foi homenageado em todos os jornais e canais de tevê. E voltou ao programa de Nagô Kilimanjaro, na tevê Afrikander.

Kilimanjaro: Você estava certo, Krupa. Sua crítica acabou com as criaturas. Como pensou nisso?

Krupa: Bem, se seu “sentido de vida” era proveniente do manifesto, eu tinha que desacreditá-lo. Negar os valores que motivaram a existência da bio-arte. As esculturas foram criadas para iniciar uma “nova Era”. Eu ape-

nas provei que elas não eram o que imaginavam ser: a arte viva que veneraria a arte morta e iniciaria uma nova era. Reduzi o geneticismo às suas devidas proporções.

Kilimanjaro: Não há dúvida de que você foi brilhante. Mas, diga-me, o que acontecerá se formos novamente ameaçados por tendências artísticas perigosas, como o geneticismo? O que podemos fazer para detê-las?

Krupa: Não se preocupe, Kilimanjaro. Por mais pretensioso que seja, não há embuste artístico que sobreviva à uma crítica fulminante...

(gargalhadas).

o o o

Balada Para Um Katástrofopoeta

João Barreiros

1

Precisamente porque houve um erro de fabrico na composição química dos cristais psicotrópicos existentes no adesivo terapêutico, e porque o controle de qualidade, operado por marroquinos desatentos, na fase Terminal do Síndrome SIDA é sempre uma operação duvidosa, é que Renato mergulha sem querer, na fase crítica da sua ciclotimia.

Como se isso não bastasse, às quinze horas dessa tarde de sábado, a bordo do dirigível Toshiba, recostado junto aos outros Katástrofopoetas, eilo que contempla, através do écran de cristal líquido da sala alugada para o efeito, cenas íntimas de uma Lisboa quase deserta.

E nelas, em pleno centro histórico do Convento do Carmo, sob as arcadas em ruínas, a aguardar uma ruína ainda maior, Raquel, cabelo eletrizado por horas numa câmara de orgone, vestida de branco, símbolo do luto dos Suicidas, mãos dadas com os seus irmãos jubilosos, explica, para as lentes da aranha suspensa, que morrer esmagada entre os estertores da História é um ato belo, uma forma de arte em si mesma, que a dor futura se converterá, graças a um preciso inversor de *wetware* hipotalâmico, num orgasmo absoluto de prazer. Aleluia, irmã, dizem os outros, concordando, cabeças erguidas para as revoadas de pom-

bas, para os bandos de corvos regenerados, para os raros pterodons, perdidos pelos donos durante o êxodo.

Oitocentos metros mais acima, planando sobre o Tejo, Renato reconhece-a. Apesar do bloqueio mnésico, da terapia de saturação, de todos os anos que decorreram após o divórcio, Renato reconhece-a, e é como se fosse ontem, a garganta contrai-se, as mãos crispam-se sobre os braços do sofá, a boca murmura, a cabra, a cabra, deixa cair ao chão a placa de teletexto onde prometera compor um poema sobre a agonia de Lisboa, levanta-se, lábios arrepanhados, passa sobre os colegas poetas, que se apalpm pelo cantos, pois acabou de se lembrar doutra coisa, da dobra secreta na mala de viagem, sobre o beliche da cabine.

Eh, perguntam-lhe, oh Renato, onde vais tu, filho, olha as horas, a onda está prometida para daqui a trinta minutos, veste-te ao menos, eh, diz-lhe implantada, não faltes ao prometido, eu...

Repugnado, Renato baixa os olhos, custa-lhe a acreditar que durante cinco anos pactuou com estes híbridos, rosna entre dentes, larga-me, larga-me ou parto-te as trombas, abandona a sala, desce pelo corredor na direção das cabines. Lá fora, pelas janelas, o sol entra a jorros, o Cristo Rei abre os braços à destruição que se aproxima, o Tejo cintila, deserto. O dirigível vibra-lhe sob os pés, suave-

mente, num ronron felino e elétrico. DING-DONG, diz-lhe o implante auricular, **pressão na zona fractal irreversível. macaréu computado para setenta metros de altura, previsão de estragos: 98,7%**. Renato engole em seco e pensa em Raquel. A puta deixou-o, só para se deixar morrer... Encornado por Dona Morte. A ver vamos quem chega primeiro, não apostes muito, Raquel...

Chegado à cabine, Renato arranca a saco ao armário. Um frasco de espuma da barba, que nunca se lembrou de usar, liga-se a uma caneta plástica, aparentemente uma reprodução genuína do modelo BIC. Um tambor de disquetes esconde outro tambor de micro-agulhas. Uma cápsula de vitaminas enfia-se numa subsecção do frasco. A cápsula contém um concentrado de neurotoxinas compradas nos mercados negros que dispersaram pelo mundo as armas químicas Iraquianas.

Cinco anos, pensa Renato a ranger os dentes, cinco anos a levar isto para todo o lado, e nunca me lembrei que a tinha guardada. Que fizeram comigo? Onde raio andei com a cabeça? Raquel, a culpa é tua. Raquel, espera por mim...

A porta da cabine roda, e Eulálio, seu amigo, amante e confidente, nu e erecto, pênis e seios a adejar, tapa com o corpo a única saída. Renato, que foi que te deu? O que se passa, estás bem? Puseste o adesivo?

Renato endireita-se, pistola-agulha numa das mãos. Sente o punho plástico a escorregar-lhe entre os dedos suados. A moinha na cabeça resultante do psicotrópico adulterado, não deixa de aumentar. Sai daqui, diz-lhe. Tenho mais que fazer.

Mas Eulálio, confiante por meses de convívio em comum, entra a sorrir na cabine, de braços estendidos. Quer confortá-lo, dizer-lhe que está tudo bem, convencê-lo a ir ao corpo médico do dirigível para um rápido check-up. E Renato, branco e aterrado, costas coladas à antepara da cabine, dispara. O dardo, cuspidado pela pressão do gaz, atravessa Eulálio de um lado ao outro. Este não chega a reparar em nada. Num momento ainda está a aproximar-se de Renato, no outro parou-lhe o coração e as funções respiratórias. O sistema vago-simpático foi desta para melhor.

Eulálio tomba de borco, olhos arregalados, sobre a carpete fofa da cabine, e Renato passa-lhe por cima, indiferente, apenas preocupado em lembrar-se para que lado do dirigível se situa o porão de despejo. Para o fundo, claro, para o fundo.

De novo os corredores desertos. Tripulação e passageiros encontram-se decerto espalhados pelas salas, passados perante os visores, à espera da onda. Que esperem. Renato passa a correr pelas diferentes portas, abandona a secção de luxo, esgueira-se pela turística onde se podem ouvir os berros dos industriais nortenhos a celebrar a morte eminente da cidade rival. Que celebrem.

Mais para baixo, através das comportas onde símbolos nipônicos indicam que se encontram interditas a pessoas estranhas ao serviço, até ao porão onde se guardam as libélulas. Existem vinte, penduradas nos respectivos suportes. Aqui as placas móveis do solo trepidam, o zunido elétrico dos motores é mais audível, Lisboa estende-se lá em baixo, como um mapa em relevo, as duas pontes visíveis desta perspectiva, aqui e ali

cobertas pelas nuvens de pássaros espantados, que já pressagiam o perigo.

Renato entra no porão, pistola-agulha apontada, e o segurança só tem tempo de abrir a boca perante o louco nu que se lhe assoma à vista. Renato explica-lhe baixinho, entre dentes, que se deixe estar, que se encontra de passagem, que só vai fazer uma visitinha lá abaixo e que volta logo. Desbloqueie os portões! Active uma libélula! Rápido, vamos!

O segurança obedece, a medo, porque a pistola nas mãos de Renato parece ser coisa pouca, mas nunca se sabe em que tipo de toxinas estão embuídas as agulhas. O segurança não quer saber da segurança deste candidato ao suicídio. Para ele, e para a companhia, melhor seria que o doido e lançasse sem nenhuma libélula às costas. A tecnologia de importação custa dinheiro. Mas também, para os lucros fenomenais envolvidos na contemplação do caos urbano, libélula a mais, libélula a menos tanto faz. O segurança tecla o código de abertura do porão, no terminal que tem frente aos dedos. Tecla igualmente um aviso ao comandante do dirigível. Inútil, aliás, pois não há capacidade de resposta que chegue a tempo de impedir o salto. Paciência! O meu amigo vai mergulhar nu? Não tem frio?

Renato descolou entretanto uma das libélulas dos grampos da parede. Ata as correias à volta do peito. Carrega numa mola e as pás estendem-se, com um estalo. Luzinhas piscam frente aos controles do punho. Aproxima-se da abertura circular que se irisou na barriga do dirigível. O vento entra por baixo num remoinho circular feito de poeira. Tem frio, sim. Mas o frio para ele, é um estimulante. O psicotrópico confundiu-lhe todas as

reações somáticas. Enfia a pistola numa prega das correias. Pressiona com o dedos o botão de arranque. Cheira-lhe ao sal que vem lá do fundo, do mar.

O meu amigo sabe servir-se disso? pergunta-lhe o segurança. Teve lições? Não quer pensar outra vez? Olhe que a onda vem aí não tarda nada. Olhe que a autonomia dessa coisa não passa dos quinze minutos. Olhe que...

Renato salta.

O raio que o parta, pensa o segurança, encolhendo os ombros, fechando a comporta.

2

Renato salta, e no segundo seguinte, o dirigível está já lá muito em cima, como um balão a mirrar. Entretanto, o microprocessador ativou as pás da libélula, porque ninguém o fez por ele, e os giroscópios zumbem, irritados, procurando dar ao corpo uma posição vertical. Renato vai descendo, mais mal que bem, pés soltos das presilhas inferiores, mão esquerda a torcer o acelerador, agora para a esquerda, agora para a direita, como uma folha enérgica sob uma brisa calma, até conseguir finalmente controlar o vetor de mergulho.

Depois, suspenso sobre o silêncio da cidade, Renato deixa-se ficar assim, durante alguns segundos, para melhor se orientar. A tórrida brisa primaveril encharca-lhe a pele. O pênis mal se vê, encolhido pelo susto. Morde os lábios, mas o sangue tem um gosto esquisito, sabe-lhe a rosas afundadas sob o visco montante do Tejo. Os Jeronimos, vistos aqui do alto, assemelham-se a um morro coberto de trepadeiras. Jacintos de água, variação mutante que revelou uma valorosa

tolerância à salinidade, dão aos canais de Belém a tonalidade de veios mármoreos. Encontra-se sobre Alcantara e quer ir para o Chiado. Inclina o corpo. Enfia os pés nas presilhas. Torce o punho do acelerador. *Blip*, explica-lhe a voz simpática e feminina do microprocessador da libélula, em Japonês e depois em espanhol, *trinta por cento de combustível gasto. Excesso de manobras desnecessárias. Sugi-ro descida imediata em piloto automático. Blip.*

Renato não liga. Não quer pousar ali, está muito longe. As pás rodo-piam. A turbina dorsal empurra-o em frente. Bandos e bandos de corvos e pombas espavoridas desenham críptas mensagens na neblina que transpira do Tejo. Seja como for, instinto ou sensibilidade aos ultrasons, eles *sa-bem!*

A voar tão baixo, qñase a rasar, como ele, os telhados dos prédios, pairam, alguns mutaformes, abandonados pelas famílias neoyuppies durante o êxodo dos Ziggurates Taveira. Renato bem queria segurar na pistola, receoso de tanto dente e pinça exposta, mas não se atreve. Os bichos devem estar esfaimados, depois de quarenta e oito horas entregues à sua sorte. Porém pegar na arma em pleno vôo é convidar as leis de Murphy a manifestarem-se, é clamar aos ventos, vá, sacudam-se, façam-me deixá-la cair. Os mutaformes que comam pombas e corvos, que vão dar dentadas às câmaras planadoras dos canais de HoVê. O meu tamanho intimida-os. Esqueçam-me, vá...

Voar sobre Lisboa, ainda por cima sem prática nenhuma, é um suplício. O vento sopra de várias direções ao mesmo tempo. Formam-se remoinhos de convecção. Os climatizadores dos ziggurates, que insistem

em funcionar para benefício de ninguém, expulsam ar tórrido na vertical como o bafo de dragões adormecidos. Renato atravessa as letras luminosas de um holograma, projetado por câmaras, ocultas, lá em baixo, nos telhados do velhíssimo Ministério da Educação: **o evento cultural do ano! como morre uma cidade! estréia dentro de 40 minutos.**

Raquel, e todas as memórias que a crise maniaco-depressiva arrastou consigo, são as suas companheiras nesta lenta descida. Recorda-se aos poucos da terapia de saturação, onde foi obrigado a viver, em tempo subjetivo, uma vida inteira ao lado de uma Raquel insuportável. A inversão da vertente libidinal do sentido dos polimorfos. As primeiras tentativas na composição de um Kastástrofoepoema. E o sonho sempre reprimido, de a matar. Matá-la com uma arma que levou sempre para todo o lado, desmontada, como faz um fumador que quer deixar de fumar e transporta consigo o cigarro da tentação. Matá-la antes que ela se mate.

Blip, avisa-o de novo o microprocessador, *sessenta por cento do combustível gasto. Ventos tangenciais no limiar de perigo da resistência das pás. Faça humildemente notar que a companhia não se responsabiliza por atos de sekuptu a quando da utilização deste aparelho.*

Renato ignora os simpáticos avisos. Segue em frente, numa alucinação que a viagem intensifica, acompanhando o dique falésia que em tempos foi a Avenida Vinte e Quatro de Julho.

Por fim, passada a marina do Cais do Sodré, escalada a Rua do Alecrim por onde a água escorre, ei-lo a pairar sobre o Largo do Camões. Renato esforça-se por descer numa espi-

ral cerrada, escapando-se às vias sobreelevadas que roçam os prédios, aos captadores eólicos, cabos clandestinos de HoVê e eletricidade, que serpenteiam pelas fachadas cobertas a plástico transparente anti-umidade, até conseguir pousar ao lado da estátua. Uma das pás da libélula ensarilha-se num dos fios, projetando-o para o lado antes de ter tempo de se desligar. Renato tomba de borco sobre a lona de uma barraca abandonada, esfolando o joelho contra as tarimbas onde, à noite, dormem os indigentes de Lisboa.

Chegou. A cidade cerca-o por todos os lados, abafadora.

O calor úmido, tropical, borrifalhe a pele nua com gotículas de umidade. A cidade coze em lume brando. Saídos da boca do Metropolitano próximo, numa maré de atropelos, emergem vagas e vagas de ratos em pânico. Renato levanta-se, aflito com o peso da libélula desativada que tem colado às costas, receoso que o mordam, mas os ratos não querem saber dele, procuram antes escapar-se às vibrações que começam a sentir lá em baixo, nos túneis, dispersam-se por todo o lado, agarram-se aos cabos, espatinham pelos degraus das passarelas de peões, mas mesmo aqui a vibração não deixa de se fazer sentir, é uma constante insuperável, e os ratos do município guincham, guincham perante o inevitável desespero do Holocausto à escala dos roedores.

A coxear, pistola sacada, enfim, Renato deixa o Largo do Camões mais a sua estátua zãrolha, abandonada aos ácidos atmosféricos. Desce o Chiado deserto. Ratos acompanham-no numa debandada inútil. Lá ao fundo, para os lados do Carmo, ecoando neste silêncio pegajoso, ouvem-se os cânticos

dos Suicidas. Cantam, apropriadamente, *American Pie*. Entre tantas vozes, está a voz de Raquel. Canta, filha. Vou matar-te antes que morras!

As lojas exibem, do outro lado dos écrans defensivos, não vão os indigentes aliviá-las durante a noite, todos os produtos de uma Europa próspera. Ninguém se preocupou em retirar as mercadorias durante o êxodo. Para quê? Os seguros e as Companhias Nipônicas de Ludokatástrofes pagaram tudo. Aliás, compraram Lisboa inteira.

Uma personagem solitária, de óculos, chapéu mole e bigodinho, levanta-se de uma das mesas do Café Brasileiro. Traz numa das mãos um masso de folhas esborratadas. Não transpira. Não sorri.

— O meu amigo quer tomar um cafezinho?

— Não — responde Renato adiantando-se.

— Insisto, não me faça essa desfeita... — Insiste a figura segurando-o pelo cotovelo. — Sente-se que eu leio-lhe um poema, que tal?

— Não quero — rosna Renato, estorcendo o braço, tentando libertar-se. No céu, o holograma desenha letras: **Catástrofe eminente. Grau nove. Macareu em ascensão. Quinze minutos. Top!**

— Olhe que os nossos cafés...

Renato dobra-se, sacode o cotovelo, uma das asas da libélula choca contra a frente da figura que se desequilibra e tomba de costas, indo esborrachar prematuramente cinco roedores que por ali passavam. Caída no chão, folhas espalhadas por todo lado, a figura admoesta-o de que não se deve estragar o património do Estado. Renato ignora-o. Tem pressa de chegar ao Carmo. Vibram-lhe os ouvi-

dos com o murmúrio quase imperceptível da catástrofe que se aproxima. Poeira escapa-se das telhas e chove lá do alto, em borrifos intermitentes. O ar úmido cheira a tempestade elétrica.

3

Depois de virar as costas aos prédios de um Chiado reconstruído, cobertas pelos écrans de pigmento que reproduzem gigantescos lábios femininos a cicizar contagens decrescentes, subida a rua do Sacramento, dobrado sob o peso morto da libélula, ei-lo sob as falsas árvores do Largo do Carmo. Os cânticos dos Suicidas, que os micro-processadores dos alto-falantes divinificam, troam, melódicos, fazendo estremecer as folhas sintéticas.

Renato desce os degraus, empurra as portas do Covento, percorre o pátio cheio de lajes por catalogar, e entra na Igreja. Os Suicidas estão de pé, brancos e elétricos, braços levantados, a entoar uma versão cibervómito de *Cheira a Lisboa*. Onde está a Raquel? Vistos daqui, parecem todos iguais, vestidos com as mesmas túnicas/sudário, pintados e maquilados. Todos brancos, cadavéricos, neoneoromânticos.

— RAQUEL! — Grita Renato, para se fazer ouvir no meio do tumulto.

Um após o outro, os Suicidas viram-se e olham-no, perplexos.

— Mais respeito pelos mortos, irmão — diz-lhe um deles. — Olhe que isto é um Clube Privado, amigo — avisa-o um terceiro. — Saia daqui, está a desconcentrar-nos!

— RAQUEL! — insiste Renato numa fúria rouca, quase inaudível face aos decibéis dos que ainda cantam. E

para o grupo: — Ponham-se a milhas, idiotas! Isto não é nada convosco.

E Raquel, finalmente, destaca-se dos companheiros, e aproxima-se dele, de sobrolho franzido.

— Renato? És tu? Que estás aqui a fazer? Julguei...

Renato aponta-lhe a pistola à testa, mas a mão treme-lhe tanto que o cano percorre toda a audiência menos o alvo desejado.

— Julgaste? Julgaste o quê? Deixaste-me, não foi? Rompimento de contrato, Raquel! Não te lembras que me prometeste fidelidade eterna? Achas que lá pelo fato de me terem modificado a personalidade e as tendências libidinais me ia esquecer de ti?

Raquel sacode os cabelos que o orgone eletriza:

— Renato... paguei-te a indenização, não foi? Há cinco anos... não te trataram com um bloqueio mnésico? Nem sequer é suposto lembrares-te de mim. Que vem a ser isto agora? Faltam poucos minutos para a onda... Estás a perturbar uma cerimônia solene de profundo significado religioso. Estes meus companheiros estão aqui para sentirem toda a profundidade do trauma tanático. Não tenho nada a dizer-te. Por favor, vai-te embora...

— Nada a dizer, Raquel? Eu amava-te! A teu pedido sujeitei-me a um tratamento de fixação afetiva. E de súbito, sem mais nem ontem, desapareces da minha vida...

Raquel estende a mão e toca-lhe no braço nu. Renato estremece da cabeça aos pés com a violência somática do contacto.

— Renato, não sei o que te aconteceu para apareceres aqui, mas deve ter sido qualquer coisa de ter-

rível. A onda não tarda em chegar. Vai-te embora enquanto é tempo. Renato, a nossa ligação teve o estatuto de transitória. Assinámos um contrato de ligação passional por seis meses, lembras-te? Só o quebrei por duas semanas. Não percebo o que se passou, mas a culpa não foi minha. O teu sistema libidinal deve ser daqueles que rejeita modificações profundas. Não me responsabilizes pelo que te aconteceu...

— Este cavalheiro, está a incomodar-te, irmã? — Pergunta um Suicida de aspecto encorpado, aproximando-se.

— Cala a boca, estafermo! — grita-lhe Renato, pistola a sacudir-se-lhe na mão.

— Estafermo? — exalta-se o Suicida — Se você acha que sou obrigado a suportar insulto de um metamorfilico, eu...

Renato dispara. O Suicida esbugalha os olhos, procura consultar o relógio de pulso, murmura, *bom, tão bom*, e desaba com estrépido sobre uma bancada.

— Renato! — zanga-se Raquel. — Não me envergonhes! Estamos aqui para morrer sob a onda, não para...

— Raquel... — começa Renato, antes de se descobrir cercado por Suicidas. Um rugido começa a brotar do fundo da terra. Lá fora, a cabine do elevador de Santa Justa, badala contra a estrutura da torre que a sustenta. O auricular murmura-lhe aos ouvidos. **Vaga em ascensão. Velocidade média 300 km/h. Energia cinética, correspondência aprox. 5 megatoneladas.** Raquel começa a tentar recuar para o interior da Igreja, mas Renato segura-a por um pulso. Os Suicidas esforçam-se por separá-los. Renato dispara a

esmo. Tem uma carga de quatrocentos agulhas no tambor da pistola. Os dardos varrem Suicidas, projetando-os no êxtase terminal da inversão hipotalâmica. Há quem se adiante, escorregando sobre a vibração do solo, braços abertos, gritando-lhe, *não quero esperar, acerta em mim! Em mim!* Enquanto Raquel se debate, enquanto as vigas reforçadas do teto deixam escapar nuvens de pó de pedra, Renato puxa-a para o pátio. A atmosfera berra em telúrica raiva. As coberturas plásticas anti-umidade descolam-se das fachadas dos prédios do Carmo, ruindo, em vítreas placas, sobre as falsas árvores. Os Suicidas perseguem-no, alucinados, como um rebanho a correr para o abismo.

— Larga — grita Raquel — , larga.

— Em nós! Em nós! — replicam os Suicidas. — Aleluia, irmão.

Renato dispara, debatendo-se com o peso de Raquel, com a libélula monstruosa cólada às costas, fugindo à derrocada do Covento do Carmo. O ar fervilha, ionizado. Por todo o lado estouram canalizações, rompem-se tubagens, serpenteiam cabos elétricos a faiscar energia, agonizam as imagens virtuais dos projetores hologramáticos.

Renato abraça Raquel, colando à alva túnica, o corpo nu e suado.

— Mudei de ideias! — serra-lhe aos ouvidos. — Vou salvar-te, percebes? Vou tirar-te daqui. Vou salvar-te. Céus, que idiota eu fui. Como posso deixar-te morrer esmagada? Vocês estão todos doidos? Isto não é mais uma das tuas brincadeiras... Desta vez é a sério. Já percebeste que estamos no meio de um terramoto e que o macaréu vem aí?

Ativa a libélula, regulando-a para um vetor de máxima potência ascencional. A turbina zumba, inaudível, perante o troar da catástrofe. A pá dorida geme, numa rotação incerta. *Caro utente*, explica-lhe o microprocessador, *danos materiais na minha estrutura de natureza significativa. Autonomia de voo 4.3 minutos. Sobrecarga de cinquenta e oito kilos. Sugiro...*

Abraçado a uma Raquel furiosa, Renato começa a subir. À sua volta, os prédios escancaram bocas. Mais acima, telhas são cuspidas pela compressão das fachadas, velozes como projéteis. Mais acima, a violência dos ventos atira-os de lado. Os giroscópios esforçam-se por manter um vetor ascencional tolerável. Mais acima, e Lisboa torna-se numa nuvem negra, como um tapete imundo que alguém sacode, numa cacofonia de coisas que se rasgam. E lá ao longe, na embocadura do Tejo, a crescer, a crescer, eis uma muralha cônica, feita de lama, água, lodos, pedaços de navios abandonados, fragmentos dos diques das margens, sempre a crescer, como um universo visto por dentro, como quem insufla um balão que não explode, a crescer, lambendo esta Lisboa tropical, empurrando à sua frente um furacão de ar tórrido, furacão que apanha a libélula de lado, que a varre à sua frente, enquanto esta se esforça por subir, subir. Renato e Raquel fazem uma tangente sobre os últimos

salpicos da vaga, como se não estivessem sequer a voar, mas como se o próprio solo ascendesse ao seu encontro. Fragmentos dos pilares da ponte passam por perto, como arpões cravados no dorso de uma baleia imensa, até que a massa líquida, enfim exausta, começa a descer, a afastar-se deles, a espalmar-se sobre as ruínas de Lisboa.

Renato abraça uma Raquel que soluça, murmura-lhe aos ouvidos, vês, vês como ainda te amo, salvei-te ou não? Era isso que querias? Morrer lá em baixo? Para divertir os japoneses que compraram a cidade inteira para filmar o terramoto? Para se vingarem dos ocidentais? Não é melhor estares viva? Não queres experimentar voltar a viver comigo? Sou ou não merecedor da tua confiança?

E Raquel, acena que sim, abraça com as pernas o corpo nu deste anjo de lama, diz-lhe, tens razão, tira-me daqui, pronto, vamos fazer uma nova tentativa, porque não? Viva o fluxo da mudança...

Blip! Avisa-os o microprocessador da libélula. *Combustível terminado. Blip. Vetor ascencional nulo. Velocidade de impacto 9.8 m/s. Bom dia.*

Ícaro e Lucifer caíram de certo do mesmo modo.

As leis da física não abrem exceções.

E Lisboa cada vez mais perto...



Kil
S

Tocar os Anjos

R. S. Causo

Cris Aline e o restante do grupo de contato estavam sentados diante das grandes janelas de vidro que davam para a câmara de modulação. Cris fitou os olhos do médium psicógrafo Raul Medeiros e sentiu que ele estava calmo. Mas quando Medeiros respirou fundo, ingressando no transe mediúnico, ela o acompanhou com um calafrio.

Ganimedes Barteli temia que, apesar da câmara moduladora, o médium estaria correndo o risco de um choque, ao ligar-se com os alienígenas. Cris Aline, e o próprio Medeiros aceitavam a possibilidade e assumiam o risco.

Ela prendeu o fôlego ao ver as mãos de Medeiros tremarem sobre as lentes energéticas do transdutor. As mãos do psicógrafo convulsionaram-se, interrompendo os fluxos de energia com gestos tão rápidos e exatos que só poderiam provir de mentes que trabalhassem numa escala de inteligência superior.

A comunicação durou poucos segundos. Raul Medeiros saiu do transe e emitiu um gemido abafado. As mãos e os braços estavam contraídos e trêmulos, os músculos e tendões esgotados. A equipe de plantão médico veio para a câmara através de uma entrada lateral e correu-o, formando um círculo de mãos impostas em torno de Medeiros, para recompor-lhe a energia espiritual.

— Atenção. — era a voz serena de Aristóteles, a Inteligência Artificial

a bordo. — Comunicação em processamento.

Todos voltaram suas cadeiras giratórias para a grande tela em uma das paredes, mas ela estava apagada. Houve um murmúrio preocupado que correu o grupo. Uma porta se abriu e um autômato entrou na sala conduzindo um cubo holográfico. Aristóteles avisou que o processamento fora completado. Todos se voltaram para o holocubo com mal disfarçada ansiedade.

Uma imagem surgiu com um lampejo: uma arquitetura de múltiplos planos recortados em contornos complexos, absurdos, de formas mutantes, trocando níveis e fragmentando-se. Quando o último plano foi pulverizado em efêmeras partículas de luz, outro surgiu, completamente diferente, nunca repetindo um único desenho ou movimento, combinação de cores ou mesmo o modo em que desmembrou-se em micro-fragmentos cintilantes. Após este, outro e mais outro, numa sucessão de obras-primas de arte mental, tão alienígenas — e tão humanas em alguma instância intangível — quanto se supunha ser o pensamento de Deus.

— Meu cálculo diz que estas formas são transmitidas de mente à mente, como uma espécie de mensagem pura, nascendo e desaparecendo nos níveis mais exatos de pensamento, sem uma elaboração em forma de linguagem. O que vêem é a depuração máxima do pensar, não-metafórico, completamente inteligível entre os ali-

enígenas, com grande amplitude no transporte de sentimentos, sensações e memórias. Alguns indícios sugerem que houve uma redução na amplitude específica desta comunicação. Isso me faz supor — com 70% de probabilidade de acerto — que o espírito alienígena comunicante teve a preocupação de modular parte da mensagem, facilitando a atuação de Raul Medeiros.

Novamente um murmúrio encheu o ar, na pausa de Aristóteles. A possibilidade do espírito comunicante ter se preparado para o contato o fazia sentirem-se mais próximos do caminho certo.

— Contudo — retomou Aristóteles, — o teor da mensagem permanece intraduzível em todos os níveis. Muito do que vocês viram no holocubo foram representações geométricas de conceitos expressos em termos pentadimensionais. As possibilidades de interpretação são nulas, enquanto nosso conhecimento do espaço de cinco dimensões não alcançar o domínio dos princípios empregados na forma de comunicação dos alienígenas.

Desta vez silêncio total, mas eloqüente. Todas as esperanças de uma comunicação efetiva estavam frustradas, e cada componente do grupo de contato sentia essa certeza como um peso físico.

Cris Aline levantou-se. Estava pálida e suas palavras saíram trêmulas, ainda que soando claras e vivas:

— Irmãos, conseguimos muito. Os dados colhidos aqui, hoje, foram muito além de nossas expectativas iniciais para o projeto. O estudo dessas informações poderá nos dizer muito quanto ao estágio evolutivo das criaturas. Se alguns de nós — entre os quais eu mesma — esperavam mais deste

experimento, terão que engolir a frustração por expectativas construídas como castelos no ar. Vamos agora elevar nosso pensamento ao plano dos espíritos, renovar nossa fé nesta tarefa e agradecer aos amigos desencarnados pela fé deles.



Extratos do relatório de
Cristina Aline, dirigido à
Universidade de Estudos
Espíritos de Brasília
23 de março de 2743

(...) Inicialmente já aceitávamos que haveriam dificuldades de contato pela possível ausência de uma esfera espiritual, considerando que os alienígenas são seres volantes, flutuando entre os mundos do sistema planetário (De Miranda 12), sem um planeta específico com um plano habitado por seus congêneres desencarnados. Mais tarde, nosso principal teórico, Dr. Ganimedes Barteli, sugeriu que os alienígenas poderiam ser exemplos de derradeiro estágio da necessidade do espírito em animar um corpo material. Na opinião de Barteli, isso significaria que os entes teriam uma vida muito longa. Viveriam pelo tempo de duração de sua estrutura bioenergética, o que vale dizer, um tempo equivalente à vida útil de alguns dos mais duradouros elementos radioativos. Eventualmente findo esse tempo, o espírito não permaneceria próximo aos seus semelhantes encarnados (termo que aqui assume uma expressão muito subjetiva), partindo para outros âmbitos de atuação espiritual, talvez mesmo despidos de invólucro material. Seria, então, espírito puro, energia livre no universo. Se essa possibilidade for apoiada por nossas pesquisas, estaremos um pouco mais

próximos de conhecer o caminho trilhado pelas criaturas de Deus, até o grau mais elevado de depuração espiritual.



(...) Aristóteles calculou os dados trazidos pelas sondas e por nosso sensoriamento remoto e concluiu que os alienígenas sobrevivem não somente do aproveitamento energético do sol do sistema, ou do processamento de matéria esparsa no vácuo. Há uma possibilidade concreta de que sua principal fonte de "alimentação" seja o próprio fluido universal, a massa de partículas elementares que impregna todo o universo, e que compõe a matéria-prima para a formação de todos os elementos conhecidos, seja no plano dos vivos, seja no plano dos desencarnados.



(...) de modo algum a atuação de Raul Medeiros pode ser considerada um fracasso. Estabelecemos contato, temos pistas do funcionamento mental dos alienígenas e, portanto, de seu grau de elevação espiritual. A teoria de Barteli parece se confirmar. Outros aspectos de suas convicções, porém, aguardam complementação. Não sabemos, por exemplo, se o que recebemos partiu de uma esfera espiritual que acompanharia os seres, ou se foi uma comunicação de encarnados (um alienígena) para encarnado (o médium humano). (...)



(...) Alguns dias após a comunicação ainda estávamos incertos quanto aos passos seguintes na investigação. Tivemos reuniões que correram por horas, e que seguidamente terminavam em agressivos debates, onde muitas vezes acusações foram trocadas. (...) Por fim Ganimede-

des Barteli recebeu a intuição de convocar um médium empata de suas relações, natural da mesma colônia onde nasceu Barteli. (...) A proposta foi apoiada por todos e recebeu também a aprovação de Aristóteles. (...)



(...) Se não compreendermos a forma de comunicação deles, talvez possamos continuar a investigação se formos capazes de compreender seus sentimentos. (...) Sem acesso às suas mentes, tentaremos seus corações.



29 de março de 2743

19:47:12 hs

Chegada do shuttle: 19:50:00 hs



Cris Aline fez um exercício de relaxamento enquanto corriam aqueles três minutos. Seu pensamento, sem que pudesse controlá-lo, vagou pelos terrenos da memória. Outra vez viu-se diante do reitor da Universidade de Estudos Espíritos, ambos numa plataforma de embarque no espaçoporto de Brasília. Emílio de Godoi Moura segurava seu braço com força, deixando ainda mais clara a ansiedade que suas palavras já sustentavam. "Isto tudo pode parecer só mais uma pesquisa da Universidade, Cris, mas não é. Nossos mentores espirituais mais elevados instruíram-me para fazer os esforços que forem necessários para estabelecer contato", dissera ele. Aline nunca vira o sempre sereno reitor em tamanha excitação. "Dê o melhor de si nesta tarefa, querida. Mantenha-me sempre informado e nunca sequer pense em desistir."

No momento em que soube que seria impossível a tradução da linguagem mental dos alienígenas, Cris sentira toda a expectativa incutida por Moura desmoronar sobre ela. A Uni-

versidade tinha a acessoria de alguns dos espíritos mais elevados da Terra, e se eles diziam que havia uma importância insuspeita na pesquisa, ela podia sentir a responsabilidade pulando em cada célula do corpo. Teve que orar muito para encontrar o alento de continuar com a mesma disposição. Mas ainda sentia-se perdida, como numa floresta à noite sem ao menos uma intuição do caminho. Aqueles seres seriam realmente a fronteira entre o humano e o divino? Seria mesmo possível prosseguir as investigações através do médium empata?

Cris abriu os olhos, verificando o mostrador:

● ● ●
29 de março de 2743

19:50:03 hs

Shuttle em posição .

● ● ●
Quaisquer fossem as respostas, elas dependeriam do homem que acabava de chegar.

● ● ●
Hiperion Oliva rolou pelo corredor que ligava a escotilha do shuttle a entrada da área de espera. A porta de folhas duplas abriu-se à sua frente, revelando a figura de uma jovem mulher.

Era bela como um passeio pelas esferas mais elevadas. A própria imagem da beleza espiritualizada: muito branca, lisa, perfumada e flexível como uma pétala. Um corpo esguio de proporções modestas, e cabelo louro cortado curto, mal cobrindo um pescoço de menina. Irradiava uma aura de claridade morna e acolhedora. Oliva amou-a no primeiro momento, como amava a todos e a tudo ao primeiro momento. Ela estendeu-lhe a mão pe-

quena, que ele apanhou com insegurança.

O contato físico permitiu-lhe alcançar o íntimo da mulher. Como tantas vezes, recuou diante do que sentia. Repulsa, medo, a idéia de punição divina. Tantas vezes e ele ainda era capaz de se magoar com essas reações. O amor do primeiro momento iria se transformar aos poucos em um sentimento mais duradouro.

— Seja bem-vindo, Sr. Hiperion Oliva. Meu nome é Cristina Aline. Sou a encarregada da tarefa. Estamos muito contentes pelo senhor ter atendido rapidamente a nossa convocação.

— Só retribuo o favor de um velho amigo.

— Ganimedes Barteli? Ele o está esperando. Por aqui...

Hiperion moveu a cadeira-de-rodas com esforço, consciente de que Cris acompanhava seus gestos com a habitual carga de repulsa. Poucos eram capazes de conterem seus íntimos diante da aparência dele. Oliva era um gargulóide, tinha a doença congênita que deformava o corpo, deixando-o com o aspecto de um gárgula, a estilização arquetípica de atávicos horrores humanos. A doença afetava boa proporção dos colonos em mundos distantes, e sua origem e causa ainda eram desconhecidas embora se rastreasse uma relação de causa genética. Como a colonização espacial participava na doença era outro enigma, cercado de lendas. Alguns diziam que quanto mais distante de alguma vibração indistinta emitida pela Terra, maior seria o número de casos da doença. Mas a superstição mais comum afirmava que os portadores do gargulismo teriam sido excepcionalmente maus em encarnações passadas, ao

ponto de necessitarem de um expurgo final de maldade, sofrendo da doença mesmo agora que os filhos da Terra já não eram mais destinadas à expiação.

Hiperion Oliva sabia que esse folclore, a cada dia mais, se tornava uma forma de segregação. Os gargulídes eram os que traziam no corpo a marca da maldade. Eram uma lembrança triste para uma humanidade que sonhava cada vez mais com a regeneração prometida, sem nunca ter certeza de já viver esse momento.

Nas colônias o temor ao gargulismo era evidenciado em superstições como a que dizia que os bebês batizados com nomes de mundos do Sistema Solar estariam mais próximos daquela vibração salvadora. Em Paulo do Cruzeiro, seu planeta natal, o nome mais popular era Sol. Nisso, pelo menos, ele agradecia a sua mãe: ter-lhe dado um nome incomum. Ganimedes Barteli também orgulhava-se do seu. “Bem”, pensou, “para ele a velha simpatia funcionou”.

Mesmo para um gargulíde Oliva era exageradamente deformado. A cabeça tinha largas arcadas supraciliares, nariz e zigoma simiescos. Grandes caninos escapavam dos lábios descorados. O corpo era pequeno, atarracado e franzino, enrugado em todas as articulações como um bebê recém-nascido. Nas costas as escápulas eram tão pronunciadas que sugeriam infalivelmente um esboço mal acabado de asas de morcego, e as vértebras salientes davam-lhe um aspecto reptiliano. Tinha apenas três dedos na mão esquerda e quatro na direita, as duas semi-inertes, inócuas para manipulação. Ele poderia tê-las trocado por bio-próteses, mas não o fez, assim como não mandara alisar a pele ou desbastar os caninos, nem ao menos

instalara um motor na cadeira-de-rodas, que agora movia com dificuldade, os dedos mal encaixando nos aros.

Olhou para seus braços acostumados ao esforço. Eram musculosos, fortes, de uma beleza máscula. Nos momentos mais amargos costumava dizer que seus braços eram as únicas coisas humanas nele — e que não poderia nunca ter trocado essa migalha de dignidade por um motor em seu símbolo de impotência. As pernas magras como gravetos e de comprimentos desiguais pendiam da cadeira, mortas, e ele afastou os olhos. Por que não as trocava por próteses? Por que não se entregava às mãos de um cirurgião plástico?

Ele já racionalizara seus motivos por vezes sem conta. Queria ser um símbolo de resignação para os outros gargulídes que mantinha no seu abrigo de Paulo do Cruzeiro. Ou pelo orgulho de saber que a importância de seus poderes mediúnicos superava sua aparência. Fazer as pessoas pensarem: “Oh, que vergonha reagir mal diante dele, quando sua mediunidade o faz tão mais próximo da perfeição”.

Mas tinha dúvidas sobre qual seria a verdadeira razão. Dúvidas quanto ao que sua mediunidade o tornava. Dúvidas que se perdiam em meio a tantas outras.

Por fim ele e Cris Aline chegaram à sala de recreação onde Ganimedes Barteli e outros do grupo os aguardavam. Barteli aproximou-se e cumprimentou Oliva.

— Hiper, meu rapaz. — Estendeu-lhe a mão, que Oliva agarrou ansiosamente com seus quatro dedos. — Sabia que você viria. Só você pode nos ajudar nesta hora, Hiper.

Oliva susteve a mão de Barteli. Podia ver-se abrindo o cofre de sen-

timentos do amigo, vasculhando até o fundo, onde sabia que iria encontrar que ele conhecia, e a forma como esses sentimentos estavam ocultos na profundidade de seu inconsciente provava isso. Oliva sabia que Barteli tentava fazê-lo sentir-se à vontade e uma parte de si agradeceu-o por isso, enquanto outra o amaldiçoou.

— Estava ansioso por apertar a sua mão, Barteli.

Sim. Porém isso equivalia a dizer que ansiava por abrir aquele cofre e saber se o encontraria limpo. Sempre nutrira essa esperança quanto a Barteli — encontrá-lo puro, a primeira pessoa que o trataria verdadeiramente como um igual.

Da percepção clara dos sentimentos de Barteli, sua mente escorregou para a área mais inquietante do seu dom: quando o contato com o inconsciente do outra pessoa tocava seu espírito, deflagrando sensações inauditas em sua própria consciência, forçando-o a encarar os temores alheios como seus, numa partilha dolorosa e vergonhosa, porquê, ele sabia tais sentimentos não eram completamente alienígenas. Havia uma boa parte dele sendo desperta nessa fusão de horror — e permanecendo desperta, depois.

Hiperion Oliva era tido como um homem amargo. Ele reconhecia que não poderia deixar de o ser. Sua aparência era um catalisador do que havia de ruim e primitivo no íntimo das pessoas. Às vezes era capaz de sentir o bem nelas, mas quando perto raramente poderia participar, ser parte dessa visão do paraíso. Restava-lhe a visão do inferno, ficando gradativamente mais ampla e profunda, à medida em que sua percepção aper-

feiçoava-se nesse pólo do espírito humano.

Agora o que sentia era tão nítido que suas percepções — e as de Ganimedes Barteli, formando uma única visão — pareciam correr de novo nos sulcos de seus registros, reavivando imagens nunca esquecidas de ambos em Paulo do Cruzeiro, na jornada através de um mundo que era como os cerrados do velho Brasil. Numa terra de gramíneas altas e de árvores mirradas e tortuosas, à procura de homens também mirrados e de corpos igualmente tortuosos, abrigando-os, tratando-os, consolando-os e salvando-os da perseguição.

Paulo do Cruzeiro era um dos confins do coração do homem. Uma colônia à luz dos sóis da constelação que era o símbolo mais duradouro do Brasil: o Cruzeiro do Sul. Batizada com o nome de um santo católico, onde todas as velhas índoles místicas e religiosas se fundiam num cadinho de caos, negando tudo o que já foi dito sobre a regeneração espraiando-se na Terra para os planetas colonizados.

Após algumas gerações os gargulídes passaram a ser perseguidos. Hiperion Oliva e Ganimedes Barteli realizaram ali sua jornada de Pedro e Paulo, combatendo a superstição e abrigando os feridos pela doença e pelo preconceito.

Podia ver-se novamente ao lado de Barteli, cercando o leito de um gargulíde, ele cavando em sua alma as chagas mais abertas, e Barteli fechando-as com a consolação espírita, e... sim, fortalecendo o que Oliva rastreava e resgatava de bem, de superior.

Sua mão tremeu na dele, e por um momento pensou que iria chorar. Era fácil esquecer que também podia

experimentar o paraíso, e ele agradeceu a Barteli em silêncio, por lembrá-lo desse poder.

Mas continuou segurando a mão dele, sentido o claro toque do medo. A aparência gargulíde fazia as pessoas temerem as suas reações, como se uma explosão ou ato louco da parte dele, pudesse abrir novos compartimentos em seus atavismos. Mesmo alguém como Barteli não estava livre desse temor.

Soltou a mão. Poucos sabiam da extensão de sua empatia. Pensavam que ele tinha que entrar em transe para penetrar nos sentimentos alheios. Não sabiam que era uma maldição perene, que o fazia parecer um homem com uma nuvem chuvosa permanentemente sobre a cabeça.

— Vou apresentar-lhe o resto do pessoal, Hiper.

Hiperion passou os olhos sobre cada um deles. Todos espíritos elevadíssimos, mas agora sua mediunidade estava ativada, e ele podia sentir cada gota de medo e aversão condensando-se até que sua nuvem particular chorasse sobre ele.



A explanação de Cris e Ganimedes sobre o que estava em jogo o impressionou muito, mas o deixou irado igualmente. O tom dos discursos pareceu-lhe religiosamente inflamados, como se a mera proximidade de seres espiritualmente superiores os deixasse excitados, à espera do toque balsâmico de auras puras. Aquilo era uma velha ojeriza de Hiperion: beber o sangue e comer o corpo de Cristo, era como aquele embevecimento lhe parecia. Vampirismo e, em certa medida, religiosidade hipócrita.

Afastou isso da mente. Precisava concentrar-se nas explanações.

Um especialista chamado Randall Jaques Dornelles estava falando:

— São muito etéreos em sua estrutura física. A superfície exterior é a parte mais densa, mas não sendo mais que uma fina película, ainda que tenha de ser forçosamente forte o bastante para sustentar a pressão interna diante do vácuo do espaço. A estrutura interna é a mais próxima do gasoso e flúidico que já foi encontrada num ser vivo. Forçosamente sua estrutura cerebral (se é que podemos chamar assim) deve ser constituída de uma rede de fluxos de energia magnética. Não se trata de um cérebro químico, como o nosso.

“Tratando das diferenças entre as formas de pensamento deles e as nossas, quero enumerar alguns postulados simples que tratam primeiro do funcionamento do nosso cérebro. Podemos projetar nele um número infinito de pontos; trata-se de uma abstração simples. O mesmo não se dá ao tentarmos visualizar um número infinito de planos e sólidos. Isso significa que nosso processo mental possui uma dificuldade inerente em abstrair elementos de três dimensões, em larga escala. Podemos, contudo, abordar um ou outro elemento, singularmente, com uma precisão apenas razoável. Quando conseguirmos abstrair algo com precisão maior, e ainda guardar consciência de pensamentos periféricos como estrutura e eventos ligados a tal objeto, aproximamo-nos do pensamento em quatro dimensões. Quando combinamos na visualização do objeto estrutura e eventos perfeitamente exatos e inter-relacionados, estamos falando de pensamento pentadimensional. Trata-se de uma escala de pensar que escapa ao nosso estágio.”

"Quanto aos mecanismos de sua comunicação, após a comunicação através de Raul Medeiros, parece certo que trata-se de uma forma de telepatia, que usaria canais abertos no fluído universal pela força da mente, para transmitir mensagens muito complexas, instantaneamente."

"Parece claro que os seres suprem sua demanda de energia pela conversão de luz solar e pelo processamento de material fluuante no espaço. Por outro lado, considerando seus níveis de atividade, a distância que se encontram do sol e a quantidade de matéria concentrada disponível, mais o registro de distúrbios no fluído universal próximo deles — conforme captados por nossos médiums — supomos que eles também manipulam o fluído para subsistirem. Isso forçosamente realimenta a hipótese anterior."

Hiperion piscou seguidamente. Ressentia-se da longa viagem e os vícios de linguagem de Dornelles o deixavam sonolento. Sua presença constrangia o técnico, resultando nos deslizos.

Pensou que Dornelles iria prosseguir, mas ele havia terminado sua exposição, seguida de uma série de holoprojeções. Oliva impressionou-se com a aparência dos seres e imediatamente sua mente viajou por orbes misteriosas. O que ele sentiria proveniente daquelas criatura? O que lhe aconteceria ao tocar em mentes superiores?

Cris Aline encerrou o *briefing* para que ele pudesse descansar e Barteli acompanhou-o até seus alojamentos.

Hiperion Oliva seguiu por todo o caminho transformando aquelas perguntas em dúvidas. Mais dúvidas.

• • •

No dia seguinte (pela escala da nave), Cris Aline bateu à porta de Hiperion, encontrando-o já desperto, sentado diante do intercomunicador e tentando descobrir como pedir um desjejum. Cris ajudou-o e perguntou:

— Acordou muito cedo, Hiper?

Oliva sentiu a tentativa de aproximação por trás da névoa de insegurança.

— Acho que vou sofrer um pouco com a adaptação ao horário de bordo, Cris. — Na verdade não conseguira dormir, com os pensamentos girando em torno dos alienígenas e de sua tarefa.

— Falarei com nosso médico. Uma pílula deve resolver — disse ela, com um sorriso que brotou com naturalidade. Ela acreditava que estava fazendo uma boa aproximação.

Hiperion sentiu-se intrigado. O que ela queria? Por que apareceu tão cedo para falar-lhe? Concentrou-se, mandando às favas a disposição ética de deixá-la expor suas intenções.

Enquanto ela circulava com trivialidades — nossa nave é uma das mais modernas à serviço da Universidade. O que achou de nossa equipe? Onde conheceu o Dr. Barteli? Está bem alojado aqui? — ele arrombava seus cofres e nadava em seus sentimentos.

Finalmente, quase quando sua exploração estava terminada, ela determinou-se a abordar o ponto que a trouxera aqui.

— Hiper, nós lhe depositamos muitas esperanças, mas talvez você não tenha a visão completa do que se passa aqui. Quero tentar ilustrar-lhe a situação.

Cris apanhou uma cadeira e sentou-se à frente dele, fitando-o com os olhos verdes intensos. Oliva foi tocado pela certeza de que ela estava sendo sincera, honesta numa plenitude rara, e pousou seus olhos sobre aquela beleza suave, sentindo-a pulsante em claridade solar.

— As primeiras revelações do Espiritismo datam do século XIX, você sabe — prosseguiu. — Toda a base da doutrina foi codificada por Allan Kardec em poucos anos, e o que tivemos desde então, nestes oito séculos, foram somente revelações sobre a dimensão espiritual e o aperfeiçoamento da mediunidade. Não me entenda mal, essas informações, aliadas à base da doutrina alteraram profundamente o comportamento humano. Mas não tivemos revelações que trouxessem nova luz sobre o destino do espírito no universo.

“Através de Kardec sabemos que o espírito evolui gradativamente, usando a reencarnação como mecanismo que o eleva de nível a nível, que o faz progredir através dos mundos primitivos, dos mundos de expiação e prevalece o bem; até os mundos felizes e, finalmente, o estágio derradeiro, onde se encontra livre da matéria, é espírito puro, vagando livre e trabalhando na direção da jornada de outras almas, construindo e administrando mundos, sistemas planetários e galáxias inteiras.”

Apesar de sua beleza intensificada pela eloquência e pelo flamejar dos olhos, Hiperion aborreceu-se com Aline. Ele havia nascido num mundo distante, mas fora criado no Espiritismo, e nada daquilo era-lhe novidade. E, outra vez, a luz do embevecimento religioso que agora partia dela o incomodou.

— Mas... — Ela levantou-se, sustentando a palavra no ar. Deixou a cadeira e se afastou. Sua beleza ficou onde ela estivera, para Oliva parecendo uma imagem presa por segundos na retina, ou um cheiro afastado pela brisa — substituído pelo vazio. Não a acompanhou com os olhos, percebendo o quanto lhe era doloroso partilhar de sua luz, sem poder tocá-la ou exigir dela mais que uma visão ou aroma fugaz.

— Mas nada sabemos do que faz o espírito no último grau anterior à purificação, então liberto da matéria o suficiente para não precisar mais carregar um corpo de carne e sangue. Ou depois, depois de puros como o Cristo, só amor e glória, gerenciando mundos para Deus. Qual é o objetivo final Dele, criando os seres e os levando à perfeição, para que ajudem outros a alcançarem o mesmo nível e adotarem a mesma tarefa *ad infinitum*? Por quê? Qual é o Seu plano maior?

Oliva agito-se na cadeira-de-rodas. Captava a ansiedade da mulher, mas também a luz negra que partia da escuridão da Armadilha — o ponto onde a mente ameaçava naufragar sob o Mistério, enterrar-se num terreno sem respostas, quando o alarme soava prevenindo a loucura.

Cris passou a mão pelos olhos e caminhou de um extremo a outro do quarto.

— Estou indo longe demais. Mas o ponto é que Barteli e os outros acreditam que podemos estar próximos de uma revelação que responda parte destas indagações. Os seres lá fora podem estar no estágio imediatamente anterior ao derradeiro, você compreende? Ninguém pode prever quais serão os frutos se conseguirmos

estabelecer alguma espécie de contato, um meio de conhecê-los melhor, de saber o que são, espiritualmente. Se recebermos aqui uma nova luz para iluminar o Espiritismo, outro código de informações que represente um novo passo para o homem, talvez finalmente tenhamos a certeza de que somos uma humanidade em regeneração. Que o bem predomina em nossos corações e que podemos buscar a evolução agora não pela dor e pelo castigo, mas através de uma determinação de encontrar o bem.

“A dúvida do milênio!” pensou Oliva. O quanto os homens se debatiam sobre essa incerteza. Somos melhores? Estamos prontos para deixar a dor e o pranto? Hiperion olhou para seu corpo aleijado e sentiu sua própria repulsa absorver a humanidade. “Não, ainda estamos nos expiando e sendo provados”.

Cris Aline aproximou-se dele por trás e segurou-lhe os ombros. Seus dedos finos tremeram sobre a carne dele, como se lhe faltassem forças. Por eles veio uma carga de sentimentos que fez Oliva crispar o rosto, assolado por uma dor quase física. A dor dela, tentando vencer a repulsa e ser superior, amá-lo como a um igual, mas sem sucesso.

E havia mais. Coisas confusas que caíram sobre ele e o atordoaram. Procurou concentrar-se na voz dela.

— Esta tarefa é incomumente importante. Se não fosse, nós não teríamos a assistência de tantos mentores espirituais de alta elevação, como foi desde o início. Eles nos disseram que algo acontecerá aqui, e que mudará profundamente a forma como as pessoas se vêem. Eles também apoiaram a sua convocação para esta tarefa, e tudo isso nos deixa muito

esperançosos. Eu vim aqui para lhe expor a importância de sua missão e a fé que depositamos em você. Por favor, dê o melhor de si.

Ela soltou seus ombros e ele sentiu-se aliviado. Porém, mesmo após ela ter saído, ele ficou ali parado, sem se mover, mas lutando contra o que invadira sua mente vindo de Aline. Encontrou uma imagem dela acariciando-o sensualmente. Era uma visão que vinha como uma obscenidade, ela vendo a si mesma como se estivesse desejando um animal. Hiperion sentiu-se um porco por conhecer algo que para Cris não teria, nunca, saído do seu consciente.

Mas continuou chafurdando na sujeira, procurando mais daquilo, que chegara a ele como uma carícia real, um interesse real. Era como afastar a grama para procurar um objeto perdido, e o que ele encontrou causou-lhe dor e o cegou: uma luz irada, a forma de uma fera antiga e apavorada, pequena como um rato mas tão forte quanto o tempo.

Quando Oliva reconheceu-a, seu corpo amoleceu e ele pendeu para a frente. Sustentando-se com as mãos inseguras, ergueu a cabeça e voltou a encarar a fera. Ela era conhecida de seu espírito desde suas vidas passadas em cavernas, amedrontado com a lua e o fogo. Também era conhecida de todos os homens, sem exceção. Todos aqueles criados do nada, moldados do hálito de Deus, e que guardavam em si a pequena fera atávica de medo. O temor do homem, feito de pó e vontade, em tocar os anjos.



Nos dias que se seguiram a tripulação da espaçonave passou a orbitar em torno de Hiperion Oliva. Ele

passava horas em sintonia, esperando captar alguma impressão que viesse dos alienígenas, nas tudo o que conseguia era enterrar-se na ansiedade dos tripulantes, e por vezes em suas falhas, vilanias ocultas, fobias.

Explicou que estava sofrendo a interferência dos homens e mulheres à bordo. Então Cris Aline separou uma seção inteira da nave, onde ele ficaria à sós e ordenou que durante os horários em que Oliva estivesse em transe, as pessoas se concentrassem em desviar o pensamento para coisas banais. Que pensassem na Terra, lembrando dos amigos, do passado, do que viveram de bem e de belo — que enchessem a nave de vibrações mentais positivas.

Isso foi insuportável para Oliva. Ele não tinha sensibilidade para as boas vibrações daquelas ótimas pessoas, a nata da virtude humana, que compunha a tripulação. O que eles faziam era acentuar o contraste do que jazia sob a virtude, um lodo escuro e malcheiroso — aquilo para o qual seus sentidos reagiam.

Oliva não soube o que fazer. Como dizer a todos que a sujeira íntima de cada um o magoava — uma sujeira que eles mesmos podiam desconhecer? Como pedir o silêncio de seus horrores? Como ele, um aleijado gargulói, diria-lhes que não eram tão evoluídos quanto pensavam?

Desistiu de seus esforços, apoiando-se na falta de resultados. A decepção dos outros o atingiu, mas agora ele não tinha mais que entrar em transe, e podia proteger-se.

Trancou-se em seu camarote, lamentando lhes ter retirado mais uma esperança. Então Ganimedes Barteli visitou-o acompanhado de Cris, ambos com um novo brilho nos

olhos. Hiperion só entendeu depois que Barteli explicou o que tinha em mente.

— Temos uma última chance. Sabemos que o contato físico amplia a sua percepção empática. Pois vamos por você lá fora, para tocá-los.

Era uma bolha plástica montada sobre uma plataforma de metal, tele-dirigida da nave. Ele flutuava ali em gravidade zero, atado por uma correia ao cabo que cruzava toda a extensão da bolha. A sensação de ausência de peso lhe era estranha. No início resumia-se a vertigem, que aos poucos foi sendo substituída por uma embriaguez que ele nunca provara. Sentia-se livre pela primeira vez em sua vida. Seu corpo já não era um mecanismo emperrado, comprimido pela gravidade. Sem peso, os braços e mãos executaram movimentos harmônicos e mesmo as pernas se mexeram, impulsionadas pelos frágeis músculos das coxas, até então impotentes para mover o peso dos membros.

Oliva pensou na inúmeras viagens espaciais que fizera, sempre sob uma gravidade artificial. Nunca em momento algum chegou a pensar no quanto aquilo o limitava. Agora forçava o corpo deformado a girar e a dançar, experimentando um prazer sempre invejado. Pelas paredes de alta transparência da bolha, podia ver a espiral da galáxia feito um torvelinho de luz escorrendo silenciosa e lentamente na pia negra da eternidade, onde Deus lavara as mãos.

Recortada como uma silhueta escura contra a galáxia, estava a forma esguia e perolada da nave, suavemente banhada pelo sol distante. Oliva lembrou-se então que todos podiam vê-lo, apreciando o seu balé cômico. Parou.

“Como deve parecer ridículo a eles”, pensou. “Nunca saberão o que representa para mim a falta e peso. É como as poucas vezes que viajei em espírito para as esferas espirituais, sentindo-me completo, e voltei com a memória intacta. Mas este momento será uma lembrança mais real, e agradeço a vocês, que agora riem ou não acreditam em mim, por isto”.

Ele podia sentir as dúvidas que partiam da nave. Podia sentir Cris perguntando-se por que o destino da tarefa se encontrava nas mãos daquele ser grotesco.



Ela estava sentada diante do holocubo, que projetava a imagem em três dimensões de Oliva, e viu quando ele parou de se mover daquele modo tão constrangedor, olhando em torno.

“Oh, meu Deus, por quê?”

Levou a mão aos lábios e fechou os olhos. Condenou-se por seus pensamentos, por ter-se deixado levar por uma carga de sentimentos, preconceitos e temores que acreditava estar acima. Mas não conseguiu se controlar, e deixou que eles transbordassem.

Pensou que o corpo de Hiperion era um castigo divino por seus crimes em encarnações passadas, e perguntou-se por que um espírito tão imperfeito tinha a missão de ir até lá e tocar a espíritos puros. Por que o futuro do Espiritismo e a resposta para a condição da humanidade tinha que depender do que ele traria de volta daquele encontro? Por que os espíritos dos alienígenas não se comunicavam de uma vez, para evitar serem tocados por ele?

Abriu os olhos, viu a miniatura da bolha em holografia à sua frente, e dentro dela um Hiperion Oliva ainda

menor, que olhou para a nave, na direção dela, Cris, e fitou-a com olhos que diziam: Lamento por seus pensamentos.

Seus olhos se embaçaram com lágrimas, mas ela ainda pôde ver a imagem de Oliva voltando-se para os alienígenas.



“Mas eu a perdôo”, pensou Oliva, ainda dirigindo a Cris. “Você nada pode fazer por sua frustração. Eu posso.”

Voltou-se para o cardume de seres que flutuava, levemente iluminados, contra o negrume do espaço. A bolha plástica era teleimpulsionada na sua direção, num movimento lento e constante. Hiperion fixou o olhar neles e começou a concentrar-se.

“Estou aqui para senti-los”, pensou, com determinação. “Nunca ninguém foi capaz de ocultar-se de mim. Vocês já ficaram silenciosos por muito tempo, porque eu não conseguia evitar o que os outros sentiam por mim. Agora que os perdoei, eles estão esquecidos. Só restaram vocês.”

Eram pedras preciosas lapidadas em elipses e ovais de brilho suave — nada de reflexão ou refração, mas sua própria emissão de luz escapando pela transparência do revestimento externo, numa radiossidade dançante e terna. Aproximavam-se lentamente, enquanto ele se fechava no transe mais intenso de sua vida, uma percepção tão vívida das sensações de outros seres, que podia senti-los unidos lançando-se contra sua mente, como se ela fosse o oceano sentindo a maré.

Fitou mais uma vez a espiral da Via Láctea, abrangendo seus bilhões de estrelas com um só olhar. Agora

compreendia o que representava estar nos limites da galáxia: contemplar o todo, senti-lo. Toda a vida naquela ilha de seixos que eram sóis, poeira formada de mundos, fazia-se sentir a ele como um murmurejar distante, uma canção de viver, morrer, renascer.

Para além havia o abismo, que as galáxias mais próximas venciam como luzes baças, faróis distantes mal iluminando um mar de escuridão ao qual ninguém ousaria lançar-se. Pensou que o encontraria mudo, mas ouviu também suas canções fracas, caindo lentas sobre ele como neve. Contudo notou buracos nessa cortina de percepções — os alienígenas.

Não podia senti-los. “Não vai demorar muito”, Hiperion Oliva pensou. “Estou aqui, respirando o Universo, como alguém que pode sentir a brisa que carrega o cheiro da vida na floresta. A Criação... posso sentir seu gosto. Vocês são parte dela, e eu vou tocá-los”.

A bolha plástica levou-o para mais perto. Via-os em detalhe agora encantando-se com as flutuações de luz. Seres bioluminescentes, mas não de luz química. Estava apreciando mentes que funcionavam como uma rede capilar de fibras óticas.

Aproximou-se de um exemplar isolado, e só então percebeu o quanto era vasto em tamanho. Calculou mais de cinquenta metros de diâmetro menor. Atrás dele os outros vagavam como icebergs curvilíneos. Hiperion Oliva era capaz de ver sua sombra minúscula contra as áreas mais escuras da superfície da criatura, projetada pelo sol distante.

“Um parasita no ventre da baleia. Não. Não um parasita... alguém”.

A bolha continuou levando-o para mais perto, ao ponto do alienígena erguer-se como montanha, preenchendo todo o seu campo de visão frontal. E então parou, sua telemetria indicando que estava próximo o bastante. À distância de um braço.

O botão luminoso do comunicador acendeu-se, mas Hiperion calou-o com um golpe rápido. “Agora não. Preciso de intimidade com ele”.

Algo o atingia agora. Um fluxo de sentimentos indefinidos, na forma de um hálito quente. Hiperion surpreendeu-se pela primeira vez. Embora lhe fosse impossível decifrar tais sentimentos, ele os reconhecia.

Sua mediunidade surgira muito precocemente. A lembrança mais antiga que tinha eram os sentimentos de sua mãe, enquanto ele ainda estava habitando seu útero. Nada discernível. Nem carinho, nem ansiedade, nem medo, nem dor. Uma vibração conjunta de carne e espírito. A partilha bem-vinda de si mesmo. Aceitação.

Sempre pensara que sua mente mal formada fora incapaz de traduzir-lhe a natureza específica dos sentimentos da mãe. Sua consciência só podia filtrá-los desse modo vago. Quando cresceu e aperfeiçoou seu dom, imaginou-se, com o tempo, restauraria a imagem real, mas isso nunca aconteceu.

Agora sentia-o novamente.

— Sou seu filho? — murmurou. — É isso que significa? Vocês estão tão mais próximo do Criador que eu sou como um filho em embrião, só o esboço de um ser completo? Não basta. Têm que me dizer alguma coisa. Não sou o-homem-que-está-para-Deus-assim-como-a-ameba-está-para

-o-homem. Eu sou alguém. Vocês são alguém. Eu posso tocá-los.

Os dedos atrofiados de sua mão esquerda prenderam-se à alça na parede da bolha, enquanto a mão direita empurrou com firmeza a extensão sanfonada de plástico, cujas bordas fixaram-se automaticamente ao contato com a "pele" do alienígena, molécula contra molécula. O ar não escaparia quando Hiperion a abrisse, mas ele hesitou. Precisava concluir algo antes, varrer qualquer expressão de orgulho, tocá-lo como quem sente a verdade fria da pedra, como quem segura nas mãos a vida ronronante de um animal. Tocar qualquer coisa para puramente senti-la, bem como a própria pele e carne moldando-se contra ela.

Abriu a extremidade da manga plástica. Espalmou a mão com esforço e estendeu-a para a pele translúcida do alienígena. Era macia como a de um bebê, mas mais lisa, lembrando a textura de um balão de festas.

Algo começou a vir, brotando distante em sua mente alerta, surpreendentemente soando-lhe como riso. Não um riso jocoso, mas o riso fácil de uma criança. E então traduziu-se em formas delirantes, ocorrendo a volta dele como se as paredes de seu crânio houvessem sido demolidas e a mente podia expandir-se em todas as direções. Era maravilhoso e assustador.

Aquilo foi sendo traduzido lentamente em sua consciência, embora ele não fosse capaz de acompanhar o processo. As informações surgindo como peças enigmáticas de um quebra-cabeça, mas buscando suas posições automaticamente. Quando a primeira colocou-se ele já entendeu de que se tratava, de um modo tran-

qüilo, ainda que o que via era a última das coisas que poderia esperar.

Estava recebendo a sombra fundida de si e do alienígena. Não podia entender a parte que era o ser, mas, pela primeira vez, pôde sentir em plenitude a parte que era ele próprio.

Caiu sobre si como um homem que cai de um penhasco, vendo o paredão subir velozmente, mas com o espírito tão alerta que nenhum detalhe de seu relevo lhe escaparia. Podia ver os detalhes de sua vida compondo uma única peça de compreensão.

Era mais fraco do que pensava. Em algum momento em sua vida chegou a acreditar que se fosse duro, se fosse cético e pragmático quanto às pessoas sentir-se-ia menos frágil, poderia sustentar-se em sua solidão. Que tolice. Meu Deus, que ingenuidade, porquê, no fundo, descascadas todas as camadas de atitudes e disposições, havia apenas amor.

Ser o que era, o feio, o bizarro, a imagem de um mal ancestral, era o que dispunha para amar. Nunca poderia participar como um igual, ele agora sabia. Mas podia ser o observador, que vê a verdade oculta no coração alheio. Vê a dor e o medo. Vê a distância da perfeição em milímetros. Vê o mal que ainda impera, e chora.

Durante toda sua vida, a carpeideira da humanidade. Recusando-se a se ocultar, e a deixar de fitar o abismo. O patético estava na profundidade em que mergulhara, tão fundo que empalidecera a luz lá na boca do poço.

Mas o riso do alienígena lhe traz algo mais. O caminho de volta à luz. A alternativa para o lamento.

Da mesma forma que seu íntimo ricocheteou no ser de volta para Oliva, ele entendeu que seria possível ser ele

mesmo o reparo contra o qual se choraria a verdade dos corações das pessoas. Seria doloroso. De carpideira a Caronte, o guia mais certo para viagens turísticas ao inferno íntimo de cada um.

Voltou-se para a silhueta da nave e as impressões nítidas de seus habitantes. Sentia o suspense que os assolava, a angústia de saber o que acontecia. Hiperion Oliva sorriu. Algo de especial acontecera, mas longe, muito longe do esperado.

Ele sempre soube que a humanidade ainda não vivia o estágio de regeneração, que faltava a ruptura derradeira, a calcinação do mal jazendo naquela escuridão a qual ninguém se atiraria de livre vontade. Sentindo-os ansiosos e expectantes na nave, entendeu que não poderia lhes trazer a Reforma Íntima, mas mostrar-lhe o

quanto suas fundações estavam podres.

Voltou-se para o ser.

— Você... vocês me deram isso. Não sei se são anjos. Isso não importa. Nunca importou. Mas tenho que lhes agradecer, porque agora podemos desistir da idéia de sermos divinos, e, quem sabe, chegarmos a ser, humanos...

Deu-lhes as costas e acionou o comando de retorno. Enquanto a bolha lentamente se afastava, Hiperion Oliva sentiu crescer em seu espírito algo mais vindo dos seres. Sem mistério desta vez, apenas um sentimento claro, perfeitamente reconhecível e humano, embora Oliva nunca o tivesse experimentado antes. Era bom, e ele foi grato por deixarem-no saber que estavam felizes.

Se Esta Carne Tão Sólida...

Lúcio Manfredi

*Se esta carne tão sólida,
se esfizesse, fundindo-se em orvalho!*

Hamlet

Gota a gota o sangue se verte. Não muito. Não muito depressa. Pingando, pingando, pingando. Espero um instante antes de buscar na gaveta uma película *bandaid*. Por essa eternidade, as pequenas gotas vermelhas são um hipnótico metrônomo que bate seu fascínio em sincronia com o ritmo de meu coração. Então, vem a

película e cobre tudo, como se o tempo andasse para trás e obturasse o ínfimo corte na ponta de meu dedo.

Fico pensando porque faço isso. Não seria necessário, mesmo que não fosse apenas um arranhão provocado pela borda lascada de um copo. Não seria necessário mesmo que fosse um rasgão de lado a lado em meu ventre.

Não seria necessário nem mesmo se meu sangue jorrasse numa tempestade através da jugular aberta. E no entanto, sempre há hábitos que se adquire ao longo dos longos anos, e que se modificam, aperfeiçoam-se para acompanhar o passar dos tempos mas que, mesmo assim, sempre estão aí, imutáveis em sua essência fundamental. Para mim, proteger minha vida como se pudesse perdê-la é um dos mais antigos.

No entanto, acabei cedo ou tarde descobrindo que essa característica não era transmissível geneticamente. Claro que eu não conhecia os termos nessa época. Mas os fatos se encarregaram de mostrar que eu não a herdara de meu pai e não a legara a meu filho. Vi o céu e a terra se abrirem para tragar a ambos. Primeiro, o velho John, que me trouxe ao mundo. Logo em seguida, por uma incrível coincidência, meu pequeno Hamnet cavalgou sua doença para além da sepultura. Fico olhando as gotas de sangue que secam sobre a mesa, não muitas, não muito grandes, e me perguntando se ainda me lembro realmente de seus rostos, ou se as faces que vejo em meus sonhos não serão apenas retratos de Galton de todos os que assisti irem e virem neste mundo. O vento carrega embora as certezas se o tempo é infinito.

Quando esse vento soprou para mim e dissolveu os fiapos de nuvens que me pareciam formas? Quando se quebrou a magia da peça porque tive minha atenção atraída para as vigas de madeira do cenário? Quando soube que era o filho imortal de pais mortais, e o pai eterno de um filho efêmero, não foi difícil responder a essas perguntas.

Embora arrastada através dos séculos e originadora de alguma fama,

minha vida não foi pontuada por grandes acontecimentos, e todos eles quando eu já sabia que era imortal. Exceto um, e o mais importante deles. Só posso situar ali o ponto de mutação, em que minha linha da vida se afastou de seu percurso pré-traçado e apagou seus limites fatais.

Era uma Coisa que não sei como veio nem sei de onde era. Não posso dizer que a vi, pois ela se resumia a uma presença. Mas também resumir é um termo impreciso, pois parece enfraquecer a impressão, que era intensa mais que tudo. Melhor dizer que a Coisa se *concentrava* em sua presença.

Hoje eu penso, depois de tudo que aprendi, que se tratava de uma entidade formada por alguma espécie de campo neguentrópico. Como todo nosso sistema perceptivo é orientado por processos de entropia crescente, não há como elaborar uma imagem da Coisa. Ela só pode ser representada da maneira com que minha memória a representa, sob a forma de uma pura presença.

Nem sempre minha memória agiu assim, contudo, e antes dessa representação se fixar no trilhamento de minhas recordações, várias imagens fantasmáticas tentaram ocupar seu lugar vazio, criando formas paradoxais que se denunciavam como ilusórias em seu sem pé nem cabeça.

Logo depois que a Coisa se foi, achei que tinha visto um espectro. Deixei o espectro se formar em meu espírito, conforme a semelhança de um homem metido em armadura, seu elmo levantado e a barba pontuda e ruiva se projetando para a frente. Então, exorcizei-o, pois a Coisa não tinha nada daquilo. Não obstante, arqueei seu espectro para um possível uso futuro.

A película *bandaid* já se dissolveu em meu dedo. Com um pano úmido, limpo as manchas vermelhas e ainda um pouco molhadas da mesa. Virando a borda lascada do copo para o outro lado, bebo o uísque cuja demanda deflagrou todo esse monólogo mental. Através das placas de transparência subjetiva na parede, vejo o Sol como que ensaiando se mergulha ou não no horizonte de Urblunac, tingindo de vermelho o azul do céu. Teria o Sol cortado seu dedo ao passá-lo na borda da Lua terraformada? Antropomorfismo, diz-me o fantasma de Frazer: um comportamento típico da mentalidade pré-lógica. Está bem, admito. Mentalidade pré-lógica. Mas terá existido algum poeta, ou qualquer outro artista verdadeiro, sem essa mentalidade pré-lógica?

Não tenho sequer um livro meu na biblioteca. E, apesar disso, escrevi centenas deles, com dezenas de pseudônimos, muito embora nenhum seja

tão conhecido quanto meu verdadeiro nome. Não posso mais usá-lo, entretanto, e isso há já alguns séculos - bem se vê, oficialmente estou morto. E os que mais estranhariam se me conhecessem seriam justamente os que me tratam por bardo imortal.

Termino de beber. O Sol termina de se pôr. Apago as placas de transparência subjetiva e vou para meu quarto. Ali está a cama que me acompanhou ao longo dos longos anos. Ela é como a faca de Jeannot, da qual se trocam todas as peças mas nem por isso deixa de ser a faca de Jeannot. Nenhuma de suas partes é mais a original, e ainda assim, ela continua sendo minha melhor cama, na qual me deito.

Espero que minha primeira mulher tenha aproveitado bem minha segunda melhor cama, penso antes de dormir e, talvez, sonhar.

São Paulo, 09 de abril de 1990



André Carneiro

Feminismo?

O editor desta Revista (não do Boletim, notaram a diferença?) pediu-me uma crônica "feminista", que vai atrasada. Afinal, o que é Feminismo?

Também pode-se perguntar o que é Modernismo, ou Pós-Modernismo, o que é Democracia, o que é *hard* ou *soft* ou *the violet collar of Benetton*.

Todos os problemas são didáticos, relativas latitudes para se classificar ou dogmatizar.

Há paradoxos. Modernismo é uma coisa velha que começou no século passado e Pós deveria ser o quem amanhã.

FC é literatura, quer queiram ou não "os favor" e "os contra". Poder-se-ia definir um Regime Ideal como aquele que respeite todos os Direitos Humanos... e dê oportunidades iguais para pobres, negros, orientais, crianças, mulheres...

Eu devia ficar só nos "Direitos Humanos". As discussões começam com os exemplos. Feminismo, para mim, é simplesmente direitos e obrigações iguais para os dois sexos. Um homem chegou a me perguntar se ele seria obrigado a ficar grávido e ter filhos. Eu afirmei que isso era um alvo ambicioso e se ele o atingisse, poderia alterar a história do ser humano neste planeta. Se eu disser que ele conseguiu, de alguma maneira vocês duvidarão. Ele era talentoso e escrevia.

Alcançou seu objetivo escrevendo uma boa história de Ficção Científica. Foi um parto duplo. O personagem da sua história conseguiu parir e ele deu a luz objetivamente a um ótimo conto.

Se queremos criticar uma religião ou ideologia, é ridículo pinçarmos um dos seus seguidores cheio de defeitos e generalizar. Defendendo os direitos das mulheres já me vi em situações curiosas. Em Fortaleza, uma ocasião, no meio de cinco ou seis mulheres, comecei a defendê-las (segundo meus pontos de vista). Foi o mesmo que criticar transfusões no meio de vampiros (e eles nem sequer desinfetam os incisivos...).

Frases que eu pensava ultrapassadas voltaram com toda força, ou esperta ingenuidade. "A mulher é diferente dos homens..." (eu enxergava aquele menino e menina de três anos verificando...), "O homem é mais forte, é seu dever proteger (e sustentar...) a mulher..." etc.

Já perguntei a um crítico de literatura se ele tinha preconceito para com a ficção científica. "Não, eu não tenho nenhum preconceito. É que a ficção científica é inferior, não presta mesmo." Indispensável acrescentar que ele só conhecia Julio Verne, Buck Rogers e alguns marcianos verdes de olhos esbugalhados.

No Brasil, um cargo executivo, ocupado por um negro ou mulher, sig-

nifica que ambos devem ter o dobro da competência dos antecessores. Nos empregos, de modo geral, em igualdade de condições técnicas ou culturais, o homem branco sempre é escolhido, se disputar com um negro ou mulher (já pensaram nas desvantagens da mulher negra?).

A coisa mais comum, profissionalmente ou ideologicamente, é criticar a mulher, se for feia. Homens, descontando o Corcunda de Notre Dame, "podem" ser feios, até fazem disso uma qualidade, como aquele monstro de *Sexta-Feira 13*, que não morre nunca e já virou posters no quarto das meninas.

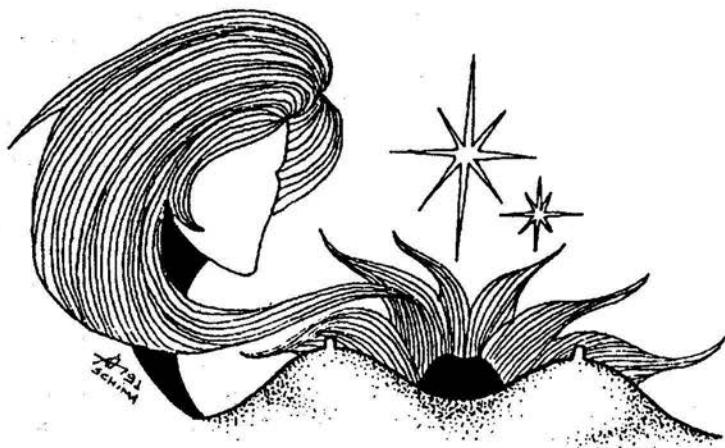
Generalizações são terríveis. "Mulheres guiam mal..." (as estatísticas desmentem): "Japoneses não enxerga, é barbeiro", "judeu", "baiano", "drogado" (a propagando do Governo diz "o álcool e as drogas", como se o primeiro não fosse droga. Com a nicotina, idem).

Ursula Le Guin e outros já inventaram seres humanos andróginos, "nem mulher, nem homem, muito pelo contrário", como diz uma velha piada.

Seria um remédio total contra o preconceito entre os sexos. Já não se trataria mais do varão ajudar na cozinha (mera obrigação), ou dar a mamadeira para o bebê. Já imaginaram um típico machão brasileiro, atleta, com sua faixa preta sendo ampliada mês a mês (grávido), entrando num bar, pedindo sua cerveja nº 1 ou nº 2, *hard* ou *soft*, dizendo que se sente muito cansado e não sabe ainda se vai por o nome de Lindomar ou Rosemary?

Os homens dão risadas tranquilas dessas hipóteses. A engenharia genética está ainda no be-a-bá para resolver o assunto, mas que pode chegar lá, pode.

Quando a policial feminina saca sua multa, quando "a chefe" chama a atenção do macho e lhe dá bilhete azul, alguns homens têm vontade de liquidar com o feminismo e seus partidários, principalmente tipos, como eu, que ousam igualar o homem à mulher, figura romântica, cuja tarefa sublime é ser mãe e tomar conta da casa, enquanto os maridos, amantes ou namorados decidem os destinos do homem, o que inclui as suas humildes e belas protegidas...



Espiritismo e Ficção Científica

Eu poderia estar falando de Catolicismo e Ficção Científica, citando *Um Cântico para Leibowitz*, de Walter M. Miller Jr. Ou Protestantismo e FC, usando como exemplo *As Crisálidas*, de John Wyndham. Ou Mormonismo e FC, e citar *The Folk of the Fringe*, de Orson Scott Card. Mas estou falando de Espiritismo e FC, citando *Tocar os Anjos*.

Tratando do mesmo tema seria possível mencionar a série *Canopus em Argos*, de Doris Lessing, ou *Regresso à Vida*, de Robert Silverberg, ou *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, ou *O Iluminado*, de Stephen King, ou ainda um certo Fritz Leiber, que apareceu no Magazine de Ficção falando de uma reencarnação de Shakespeare. Cada uma destas obras — dentre muitas — tem pontos em comum com a doutrina codificada por Alan Kardec na segunda metade do século XIX, na França. Mas nenhuma delas procurava espelhar o Espiritismo como doutrina filosófica ordenada, ao serem escritas. A minha o foi. Não apenas porque é a minha religião. Também é minha tese que o Espiritismo, bem como o Catolicismo e os cultos afros, é próprio deste Brasil ecumênico, e portanto passagem alternativa para os que buscam atingir uma FC alinhada com a realidade brasileira.

De fato, em nenhum outro país o Espiritismo espalhou-se tanto quanto aqui. E soube há pouco que são cerca de 80 milhões os livros espíritas circulando no Brasil — um mercado extraordinário, e de todo ignorado pelo *stablishment* cultural e literário do país. A mera possibilidade da literatura espírita vir a ser consumida como literatura fantástica já é uma porta entreaberta para a legitimação do fenômeno.

Mas minhas aspirações como escritor são mais modestas: quero escrever histórias que tenham a ver comigo, que espelhem a realidade que vivo, estando abertas para a sociedade que compartilho com pessoas das mais diversas origens e crenças.

Com *Tocar os Anjos* tentei conduzir o Espiritismo para dentro de uma tradição mais reconhecível da FC. Não como *O Iluminado*, que pode ser considerado FC porque King trata o aparentemente sobrenatural como paranormal — e que para o espírita seria normal, já que se trata (em minha opinião) de mediunidade. No meu conto as máquinas e tecnologias estão junto da mediunidade. Mais abertamente do que em *Regresso à Vida*, onde a memória de outra pessoa é implantada numa outra, onde ela atua como conselheiro ou dominador, e que no Espiritismo seria a obsessão.

Um dos efeitos colaterais dessa forma explícita de tratar o Espiritismo foi um certo nível de hermetismo para quem não conhece certos princípios da doutrina. Tal imperícia do autor torna o conto apenas parcialmente bem-sucedido. Contudo ele foi minha tentativa de colaborar no desbravamento de novas possibilidades para a FC nacional, que deve estar aberta para todas as áreas de expressão de nossa cultura, incluindo religiões.

O que nos traz a um ponto importante. Toda religião tem pelo menos três expressões: a forma como ela se espalha pela cultura geral; o modo como seus seguidores se comportam; e a doutrina em si.

Também toda literatura está primeiramente à serviço do drama, ou seja, do entretenimento, e depois à crítica do comportamento e finalmente ao questionamento aprofundado. Nesta mesma ordem de prioridade e intensidade.

Não é diferente em nenhum dos livros e contos citados — nem no meu. O que vale dizer é que não se deve julgar nenhuma religião ou doutrina pela forma como foi apresentada em determinado trabalho de ficção. Ali ela representa a opinião de uma única pessoa, e freqüentemente torcida em favor dos propósitos ficcionais. Do mesmo modo, o alvo do autor será quase sempre a forma vulgarizada dessa religião, a maneira como ela foi absorvida pela cultura geral.

Em resumo: letra por letra, vale mais consultar aquela que lhe permite uma visão menos diluída ou deformada do conteúdo filosófico ou teológico da religião em foco.

No caso do Espiritismo, existem 80 milhões de seus livros circulando. Escolha um.

R. S. Causo

From the author of the New York Times bestsellers
BATTLEFIELD EARTH and the **MISSION EARTH** series
comes the acclaimed masterpiece

FINAL BLACKOUT

BY

L. RON HUBBARD

*Final Blackout is as perfect a piece of
science fiction as has ever been written.*

ROBERT HEINLEIN

"A damn good story!"

JERRY POURNELLE

*"...the granddaddy of all the Survivalist
novels we've had in the past decade,
and... better than ninety-nine percent
of them."*

**ISAAC ASIMOV'S
SCIENCE FICTION MAGAZINE**

*"Mr. Hubbard's brilliant novel...
daring idea..."*

**BRAD LINAWEAVER
ATLANTA JOURNAL-CONSTITUTION**

*"...fascinating and thought-provoking
reading"*

HARTFORD COURANT

*"A chilling and lucid picture of the
effects of incessant warfare."*

KIRKUS REVIEWS

*"Compelling...riveting...Hubbard:
best"*

PUBLISHERS WEEKLY

COVER ART BY
FRANK FRAZETTA



PAPERBACK @ \$4.95. ALSO AVAILABLE
IN AUDIO, narrated by RODDY McDOWALL,
star of PLANET OF THE APES and FRIGHT
NIGHT. 3 HRS TOTAL @ \$15.95

**GET YOUR COPIES TODAY
WHEREVER FINE BOOKS ARE SOLD**

© 1991 Bridge Publications, Inc. All rights reserved. 2906912005